

A Senhora **S**
de Shalador

**ANNÉ**
BISHOP

Tradução de Cristina Correia



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

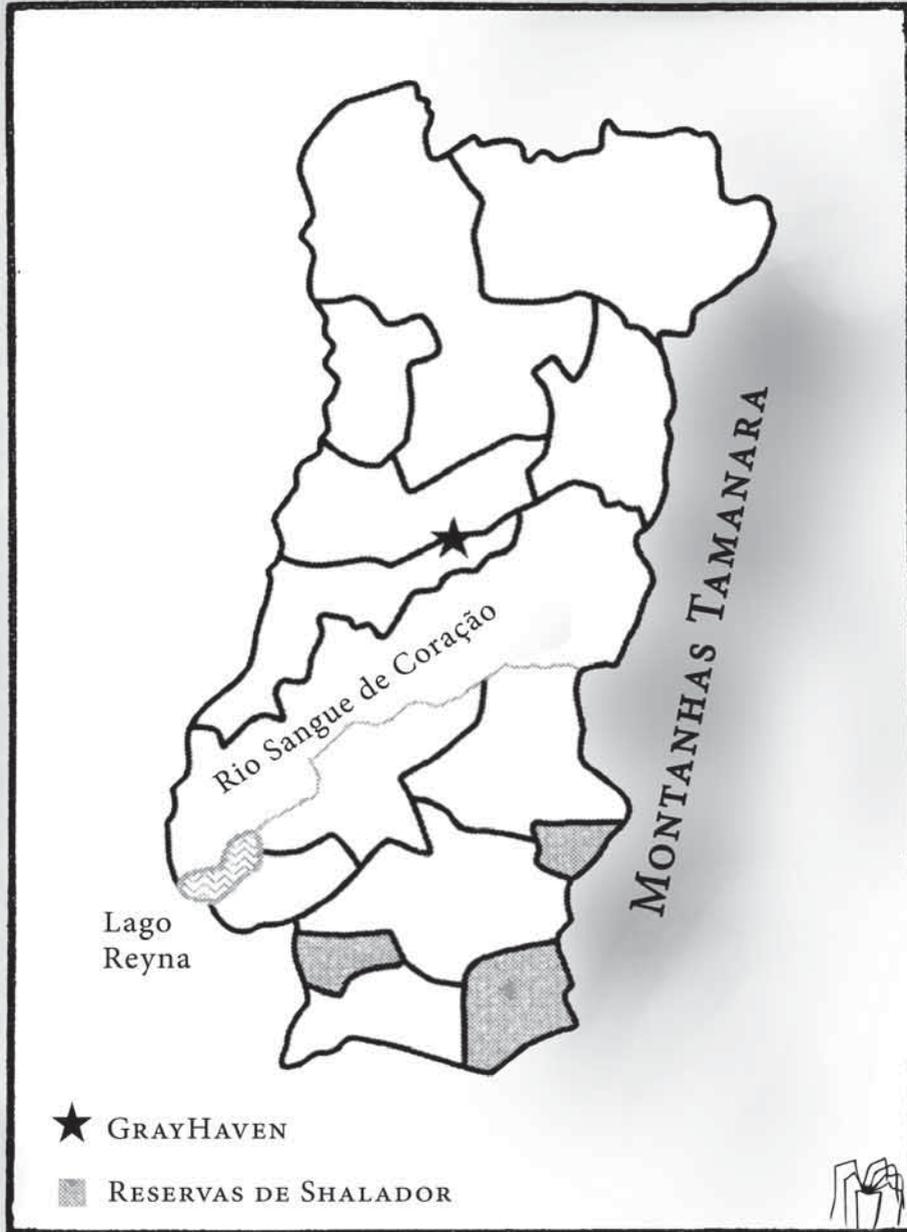


Dedicado a Nadine, Merri Lee, AnneMarie e a Neela

AGRADECIMENTOS

Os meus agradecimentos a Blair Boone por continuar a ser a minha primeira leitora, a Debra Dixon por ser a segunda leitora, a Doranna Durgin por manter o sítio da Web, a Rick Kohler por embelezar o mapa, a Pat Feidner simplesmente porque sim e a todos os amigos e leitores que me acompanham nesta viagem. Um cumprimento especial a Nikki e Sloan, as princesas vampiras humanitárias que conheci num cruzeiro ao Alasca.

Dena Nehele



Nota: “ESTE MAPA FOI CRIADO POR UM AUTOR GEOGRAFICAMENTE DESFAVORECIDO. TODAS AS DISTÂNCIAS SÃO INSÓLITAS E ESTÃO SUJEITAS A MUDANÇAS SEM AVISO PRÉVIO.”

JÓIAS

Branca
Amarela
Olho-de-Tigre
Rosa
Azul-celeste
Violácea
Opala
Verde
Azul-Safira
Vermelha
Cinzenta
Ébano-Acinzentada
Negra

Ao realizar a Dádiva às Trevas, uma pessoa pode descer até ao máximo de três categorias relativamente à sua Jóia de Direito por Progenitura.

EXEMPLO: A Branca de Direito por Progenitura pode descer até à Rosa.

HIERARQUIA DOS SANGUE / CASTAS

MACHOS

Plebeu — em qualquer das raças, os que não fazem parte dos Sangue macho dos Sangue — um termo geral para todos os machos dos Sangue; designa também todos os machos dos Sangue que não usam Jóias Senhor da Guerra — macho que usa Jóias cujo estatuto é equivalente ao de feiticeira

Príncipe — macho que usa Jóias cujo estatuto é equivalente ao de Sacerdotisa ou ao de Curandeira

Príncipe dos Senhores da Guerra — macho que usa Jóias perigoso e extremamente agressivo; o respectivo estatuto encontra-se ligeiramente abaixo da Rainha

FÊMEAS

Plebeia — em qualquer das raças, as que não fazem parte dos Sangue fêmea dos Sangue — um termo geral para todas as fêmeas dos Sangue; habitualmente designa todas as fêmeas dos Sangue que não usam Jóias Feiticeira — fêmea dos Sangue que usa Jóias mas que não se encontra em nenhum dos outros níveis hierárquicos; designa também qualquer fêmea que use Jóias

Curandeira — feiticeira que cura ferimentos e doenças do foro físico; o seu estatuto é equivalente ao de Sacerdotisa e ao de Príncipe

Sacerdotisa — feiticeira que zela pelos altares, Santuários e Altares das Trevas; testifica juras e casamentos; realiza dádivas; de estatuto equivalente ao de Curandeira e ao de Príncipe

Viúva Negra — feiticeira que cura as mentes; tece as teias entrelaçadas de sonhos e de visões; é versada em ilusões e venenos

Rainha — feiticeira que domina os Sangue; é considerada o coração da terra e o centro moral dos Sangue; como tal, é o ponto central da sociedade

LOCAIS NOS REINOS

TERREILLE

Dena Nehele

MONTANHAS TAMANARA

GRAYHAVEN — PROPRIEDADE DE FAMÍLIA E UMA VILA

Ebon Askavi (também conhecida como Montanha Negra, a Fortaleza)

Hayll

Zuulaman

KAELLER

Askavi

EBON ASKAVI (TAMBÉM CONHECIDA COMO MONTANHA NEGRA, A FORTALEZA)

EBON RIH - VALE QUE É O TERRITÓRIO DA FORTALEZA

RIADA — POVOAÇÃO DOS SANGUE EM EBON RIH

Dea al Mon

Dharo

CAMPO DOS FIANDEIROS — POVOAÇÃO DOS SANGUE

BHAK — POVOAÇÃO DOS SANGUE

PELE DE LÃ — POVOAÇÃO PLEBEIA

Dhemlan

AMDARH — CAPITAL

HALAWAY — POVOAÇÃO JUNTO AO PAÇO DOS SADIABLO

PAÇO DOS SADIABLO (O PAÇO)

Nharkhava

TAJRANA — CAPITAL

Scelt (shelt)

MAGHRE (MA-GRA) — POVOAÇÃO

INFERNO (O REINO DAS TREVAS, O REINO DOS MORTOS)

Ebon Askavi (também conhecida como Montanha Negra, a Fortaleza)

PAÇO DOS SADIABLO

CORTE DE CASSIDY

SHIRA — VIÚVA NEGRA/CURANDEIRA
VAE — FEITICEIRA; SCELTTA

PRÍNCIPES DOS SENHORES DA GUERRA

ARCHERR
BURNE
HAELE
JARED BLAED (GRAY)
RANON — SEGUNDO-COMANDANTE DE TALON
SHADDO
SPERE
TALON — GUARDA-MOR
THERAN — PRIMEIRO ACOMPANHANTE

PRÍNCIPES

POWELL — ADMINISTRADOR DA CORTE

SENHORES DA GUERRA

BARDRIC
CAYLE
RADLEY

CORTE DE KERMILLA

SENHORES DA GUERRA¹

ASTON
BARDOC
FLYNTON — GUARDA-MOR
GALLARD — ADMINISTRADOR
JHORMA — CONSORTE
KENJIM
LASKA
LIEKH
RIDLEY
TRAE

¹ Existem mais dois Senhores da Guerra na corte, embora não sejam referidos nas história.

Quando as histórias da bondade e coragem da nova Rainha se espalharam pelo Território de Dena Nehele, as Viúvas Negras sentiram a terra estremecer. Porém, quando teceram as teias entrelaçadas de sonhos e visões, o que viram pouco consolo lhes trouxe.

Muitas viram pereiras, carregadas de fruta madura, a crescer de corpos em decomposição que tinham sido abandonados nos campos de morte. Outras viram um novo início adornado com as cores do ocaso. Nada daquilo que viram lhes trouxe clareza — tão-só a certeza de que estava algo a chegar que iria mudar Dena Nehele para sempre.

Em Ebon Askavi, Santuário da Feiticeira, outra Viúva Negra estudava os sonhos e visões na sua teia entrelaçada — vendo além das outras Viúvas Negras.

Dos seus olhos azuis-safira caíram lágrimas, mas nem ela conseguiu perceber se essas lágrimas eram de tristeza ou de alegria.

CAPÍTULO 1

Terreille

Ranon saiu para o terraço nas traseiras da mansão Grayhaven, fechou os olhos escuros e levou a flauta de madeira aos lábios. Hesitou por um momento enquanto uma vida inteira de cautela guerreava com a esperança que sentia por causa da Senhora Cassidy, a Rainha que reinava presentemente no Território de Dena Nehele.

Porque havia esperança, e confiança recente, Ranon inspirou, começando a tocar uma saudação ao sol — uma melodia que há muitos, muitos anos não era ouvida fora das reservas de Shalador. Mesmo aí, nunca fora tocada às claras.

Fora o avô que lhe ensinara a canção e todas as outras músicas que os Protectores da Tradição tinham resguardado desde que, há muitas gerações, o povo de Shalador fugira das ruínas do seu próprio Território, estabelecendo-se na zona sul de Dena Nehele. Aí, o povo prosperara e criara raízes, respeitando as tradições de Dena Nehele, mas nunca se esquecendo das suas — mantendo a esperança, sempre mantendo a esperança de que, um dia, voltariam a ter um Território a que chamassem seu.

Outrora, fora uma terra próspera e um sítio agradável para viver quando fora governado pelas Rainhas de Jóia Cinzenta. Até ao dia em que Lia faleceu, iniciando-se o declínio de Dena Nehele. As Rainhas apoiadas por Dorothea SaDiablo, a Sacerdotisa Suprema de Hayll, ganharam controlo no decorrer de duas gerações. Dorothea odiava o povo de Dena Nehele por se opor a ela durante tanto tempo, embora odiasse ainda mais o povo de Shalador devido a Jared, o Senhor da Guerra de Jóia Vermelha originário de Shalador, marido e consorte de Lia Grayhaven, a derradeira Senhora Cinzenta a governar Dena Nehele.

Uma vez que Dorothea abominava o povo de Jared, a cada geração

as suas Rainhas protegidas desbastavam um pouco mais daquilo que era singular a Shalador. As fronteiras das reservas onde os shaladoren-
ses se tinham instalado foram sendo desbastadas ao ponto de, nos dias
que corriam, sentirem grandes dificuldades para obterem colheitas su-
ficientes para os alimentar. Proibiram-se as tradições de Shalador. As
danças, a música, as histórias — eram todas ensinadas em segredo e sob
grande risco.

O seu avô paterno era um Protector da Tradição na área da música.
Um homem forte e sereno, Yairen fora — e ainda era — um líder res-
peitado em Eyota, a povoação onde Ranon crescera. Era também um
músico dotado que acreditava ser seu dever ensinar os jovens a tocar as
músicas que tinham formado o coração de Shalador.

A Rainha de Província que controlava essa reserva partiu as mãos
de Yairen como castigo por ensinar o que era proibido — e voltou a
parti-las outras duas vezes. Quando, por fim, sararam, Yairen mal con-
seguia pegar numa flauta, quanto mais tocar. Todavia, conseguiu ensi-
nar o neto, fazendo-o na perfeição apesar das mãos aleijadas.

Por conseguinte, aquela música fora mantida em segredo grande
parte da vida de Ranon. Mesmo quando admitia que sabia tocar flauta,
nunca tocava ao alcance daqueles em quem não podia confiar — e mes-
mo quando o fazia, raramente tocava melodias de Shalador.

Saberia a Rainha que agora servia a confiança necessária para que
ele ali estivesse a tocar a música do seu povo? Não lhe parecia provável.
A Senhora Cassidy reconhecera a sua relutância em tocar, mas nem se-
quer Shira, a Curandeira Viúva Negra que era sua amante, compreendia
quão profundamente o medo e a esperança se tinham enredado no seu
coração naqueles últimos dias enquanto as notas da flauta pairavam no
ar, tornando-se parte do mundo. Sim, tinha medo, todavia, a esperança
de algo novo e melhor era o motivo que o levava a estar ali, num local
que fora o baluarte das Rainhas corrompidas, a tocar música que já fora
proibida.

À medida que uma nota se seguia a outra, Ranon deixou o coração
pairar com as notas e encher-se de uma paz plena de alegria.

— Quanto tempo tens de estar para aí a fazer serenatas às coisinhas
verdes antes do pequeno-almoço?

Abriu os olhos e baixou a flauta. A serenidade que sentira ainda há
pouco, desvaneceu-se quando Theran Grayhaven saiu para o terraço.

Ele e Theran não simpatizavam um com o outro. Sempre assim fora.

No entanto, nada mais detectou na pergunta a não ser um interesse amável.

— Um quarto de hora. — Ranon olhou de relance para a ampulheta que pairava no ar a seu lado. A julgar pela areia que se encontrava no fundo, tocara o dobro do tempo. — O Gray diz que ajuda as pereiras a crescer.

— Acredita mesmo que irão murchar e morrer se não vieres para aqui tocar? — perguntou Theran enquanto examinava os treze vasos abrigados pelos canteiros de flores elevados que formavam o muro do terraço.

O coração de Ranon saltou ao imaginar que uma das pereiras poderia morrer, embora não admitisse a ninguém o significado que os símbolos vivos do passado tinham para si.

Jared levava seis pereiras para aquela terra. Uma delas fora plantada em Grayhaven para Lia e permanecera nos jardins muito tempo depois de morrer como símbolo escarnekedor das Rainhas de Jóia Cinzenta que outrora tinham regido. Contudo, a árvore morta escondera treze pereiras cuidadosamente conservadas. Lia escondera-as; Cassidy encontrara-as naquele que constituía o primeiro passo para encontrar o tesouro dos Grayhaven. Por essa razão, aquelas arvorezinhas constituíam uma réstia de esperança reluzente que ligava o passado e o presente.

— Não interessa o que o Gray acha — Ranon respondeu. — Agrada à Rainha que eu toque todas as manhãs às pereiras, por isso, eu toco.

Sabia que a frase fora um erro no momento em que a proferiu.

— Bom, de uma forma ou de outra, todos nós agimos tendo em vista o prazer da Rainha, não é verdade? — disse Theran. Olhou de relance para Ranon, acrescentando com um toque de malícia: — É bom que toques depressa ou nem sequer restarão papas de aveia quando chegares à mesa, quanto mais carne e ovos.

Parece que já nem sequer nos estamos a esforçar, pensou Ranon. Como não fazia questão de esconder, na corte todos sabiam que odiava papas de aveia. O que significava que Theran dissera aquilo com intenção de o acicatar. Porquê? Porque não gostavam um do outro e o esforço de cortesia raramente durava mais do que alguns minutos?

Fogo do Inferno. Desde que Cassidy encontrara o tesouro, provando que lhe competia reger naquele lugar, Grayhaven tinha demonstrado altos e baixos, ainda que todos se aplicassem em trabalhar juntos para o bem da terra e da Rainha.

Para o bem da terra, pelo menos. Os outros onze homens que constituíam o Primeiro Círculo sabiam que Theran não sentia a mesma dedicação a Cassidy que os restantes. Servir na corte dela era parte do acordo que Theran celebrara de modo a levar uma Rainha de Kaeleer para Dena Nehele. Isso não significava que *quisesse* servi-la, apesar dos esforços recentes para trabalhar com ela ao invés de se lhe opor.

— Fazemos assim — acrescentou Theran. — Guardo-te uma parte da minha porção de papas de aveia.

Um vestígio de fúria. Um golpe de fervor no ar entre os dois. E um convite tácito para o derramamento de algum sangue.

— Tens vinte e sete anos — afirmou Ranon com frieza. — Eu tenho trinta. Somos ambos demasiado velhos para nos engalfinharmos por parvoíces como papas de aveia.

Theran deu um safanão para trás, como se tivesse levado uma estalada. De seguida, a rosnar, deu um passo em frente.

Recorrendo à Arte para fazer desaparecer a ampulheta e a flauta, o instinto levou Ranon a dar um passo para o lado de modo a ganhar espaço de manobra.

Usava a Jóia Opala; Theran usava a Verde. Eram ambos Príncipes dos Senhores da Guerra, predadores agressivos nascidos para enfrentarem os campos de morte. Se libertassem as suas forças psíquicas, lançando-as um contra o outro, poderiam destruir a mansão Grayhaven e matar muitas das pessoas que aí viviam antes que alguém desse conta do perigo que corriam. Ainda que não usassem o poder que tornava os Sangue quem e aquilo que eram, eram capazes de se magoar bastante somente à força de músculos e fúria.

Porém, se algum deles ficasse ferido a ponto de não poder servir, a corte seria desfeita e a esperança de Ranon para o povo de Shalador iria desfazer-se com ela.

Ao lembrar-se disso, afastou-se da luta, indicando que Theran era o macho dominante com uma mudança subtil do corpo. O que correspondia à verdade, no que às Jóias dizia respeito. Mas somente no que respeitava às Jóias. Também isso Ranon transmitiu com aquela deslocação quase imperceptível.

Os olhos de Theran dardejaram fúria. Ao invés de aceitar a cedência de Ranon, deu outro passo em frente. Então...

Theran? Theran!

Salvo por uma sceltita, pensou Ranon enquanto assistia à retirada

apressada de Theran para a mansão, pouco antes de ser ver a pequena cadela castanha e branca a subir aos saltos os degraus para o terraço.

— Bom-dia, Senhora Vae — disse Ranon com demasiada cortesia.

A cadelinha rosnou.

Divisando a Jóia Violácea coberta em parte pelo pêlo, Ranon não a desafiou. Vae era parente — o nome dado aos Sangue que não eram humanos — e já a vira derrubar um homem adulto numa luta. A casta dele era superior à dela, uma vez que ela era somente feiticeira, e as Jóias dele também eram superiores às dela. Por outro lado, ela era veloz, tinha mandíbulas fortes e dentes afiados.

Não costumavas ser tão insensato como os outros machos humanos, por isso desta vez não te dou uma mordidela disse Vae.

— Obrigado, Senhora. Fico grato por isso.

Também ficou grato pela ameaça implícita de que a próxima afronta seria recompensada com mais do que uma mordidela.

Vae dirigiu-se a saltitar à mansão, indubitavelmente com intenções de aplicar o seu tipo distintivo de justiça ao outro macho insensato.

Ranon suspirou. Estivera perto de arruinar algo tão delicado como as jovens pereiras-de-amorim que medravam nos vasos.

Dai-lhe o que de melhor tiverdes, Ranon, tinham-lhe dito as Rainhas de Shalador quando partiram ao final do dia anterior. *Mostrai-lhe que o coração e a honra de Shalador são dignos de tal Rainha.*

Cassidy era Rainha de Jóia Rosa originária de Dharo. Uma mulher alta e desajeitada de cabelo ruivo e sardas que não correspondia de todo à imagem da bela e poderosa Rainha que Theran pintara quando contara ao Príncipes dos Senhores da Guerra sobreviventes o seu plano para salvar Dena Nehele.

Contudo, quando Ranon a viu naquele primeiro dia, sentira a ligação entre Príncipe dos Senhores da Guerra e Rainha a tomar conta do seu coração e das suas entranhas, sentira a *probidade* de entregar a sua vida à vontade dela. Nas semanas seguintes à sua chegada, revelara-se digna dessa confiança e, na esteira de tudo o que fizera na semana anterior — lutar contra um Senhor da Guerra e os seus dois filhos adultos na defesa de uma família plebeia, bem como a descoberta do tesouro escondido na propriedade dos Grayhaven — até os Príncipes dos Senhores da Guerra que tinham ficado desiludidos quando a viram, estavam agora a reavaliar a Rainha por trás do rosto comprido e vulgar.

Não gostava de Theran. Nunca iria gostar. Porém, por estar grato

pela presença de Cassidy — e por saber como se sentiria se lhe fosse solicitado que servisse uma Rainha na qual não acreditava — faria o possível para manter a paz entre ambos.

Para devolver um pouco da serenidade que fora perturbada, invocou a flauta e tocou mais algum tempo.

Theran parou momentaneamente à entrada da sala de jantar, observando por breves instantes as pessoas à volta da mesa. Apesar do compromisso que tinham assumido para servir, os homens que constituíam o Primeiro Círculo da corte de Cassidy encaravam-na com alguma cautela. Tinham assistido a demasiada brutalidade sob o jugo das Rainhas deturpadas ali tinham regido. Apesar do que diziam, ele sabia que tinham ficado desiludidos com a ausência de beleza e poder da Rainha.

Até que Cassidy encontrara o tesouro escondido por Lia e Thera, a Viúva Negra que fora a melhor amiga de Lia. Essa descoberta, para além de repor a fortuna pessoal da família Grayhaven, desvendara diários e retratos que lhe tinham facultado, bem como aos outros homens do Primeiro Círculo, um vislumbre do passado que contribuíra para os moldar — pois as pessoas daqueles retratos sabiam o que significava ser honrado. E Cassidy, mediante as suas acções, demonstrara ser uma Rainha do mesmo calibre de Lia.

Por tudo isso, optara por ser o Primeiro Acompanhante de Cassidy para além do mero título, servi-la como se sentisse a ligação sentida pelo resto do Primeiro Círculo. Porém, não sentia esse vínculo e, apesar das suas melhores intenções, servi-la deixava-o enervado. Sentia gratidão pelo que ela conseguira até então, mas ainda acreditava que, se Cassidy tinha capacidade de concretizar tudo aquilo, o tipo de Rainha que desejava para Dena Nehele conseguiria muito mais. Os Sangue que viam Cassidy tinham de superar aquele rosto vulgar e a Jóia Rosa de modo a considerarem se ela teria algo a oferecer à terra e ao povo — e grande parte dos Sangue ficaria tão desiludido que nem se daria ao trabalho.

O contrato para governar Dena Nehele tem a validade de um ano, pensou Theran enquanto se acercava da mesa e se sentava. Posso tolerar estar ao seu serviço por um ano. E assim terei tempo para encontrar a Rainha adequada a Dena Nehele.

A Rainha adequada não haveria de o obrigar a encarar um Príncipe dos Senhores da Guerra de Shalador todos os malditos dias. A única

desculpa para o seu comportamento naquela manhã era que a presença de Ranon enervava-o ainda mais do que a presença de Cassidy. Passara a vida toda como *Grayhaven*, o último descendente da linhagem das Rainhas Cinzentas e o homem destinado a tornar-se o líder macho — o Príncipe dos Senhores da Guerra que os restantes homens seguiriam. Até levar Cassidy para Dena Nehele e ela formar a sua corte, fora exatamente assim. Presentemente, as pessoas olhavam para o cabelo escuro e pele dourada que proclamavam a herança de Ranon. Depois, olhavam para *ele* e, ao invés de verem *Grayhaven*, viam *Shalador*.

Pior ainda, quando os homens o viam com outros membros do Primeiro Círculo, reagiam à sua presença como *um* líder, mas não como *o* líder. Comportavam-se como se o nome *Grayhaven* já não tivesse tanto significado agora que Cassidy ali estava.

Rancoroso e irritado com toda a gente, começou a servir-se de uma dose dupla de bife, ovos e batatas — tirando não só o seu quinhão como também o de Ranon — contudo, ao espetar o garfo no segundo pedaço de carne, Cassidy estendeu um prato vazio e sorriu-lhe. Reparando no modo acutilante como os outros homens em redor da mesa o fitavam, não teve outra alternativa senão dar-lhe metade de tudo.

Quando ela pousou o prato à sua frente e não comeu, sentiu o ressentimento a fervilhar. Se ela não queria a comida, porque *o* teria impedido de a comer?

Pelo menos, Ranon ainda tem que levar com as papas de aveia. Olhou de relance para o primo Gray, lembrando-se de outra razão para se esforçar a dar-se bem com Cassidy.

Gray sofrera danos no corpo e na mente infligidos pela Rainha que o capturara e torturara aos quinze anos. Presentemente, doze anos passados, Gray estava finalmente a passar de rapaz para homem, emocional e mentalmente. Um rapaz não podia tornar-se amante de Cassidy, e esse desejo, essa *carência* representava a força que impelia a transformação de Gray.

A prova estava em algo muito simples: Quando tinham regressado a *Grayhaven*, Gray estava tão atemorizado que não entrava na mansão, nem sequer para os acompanhar às refeições. Agora, ali estava ele, sentado ao lado de Cassidy, a conversar acerca de...

— O quê? — Theran quase deixou cair a cafeteira. — Ides fazer o *quê*?

— Vou às reservas de *Shalador* — respondeu Cassidy serenamente.

— As Rainhas de Shalador convidaram-me. Querem que veja a terra onde o povo delas subsiste, querem que testemunhe a veracidade das suas preocupações.

— Não é seguro — afirmou Theran. Fora a resposta automática a todas as tentativas de Cassidy sair para o meio do povo, mas desta vez estava deveras preocupado com a segurança dela e não acerca daquilo que as pessoas poderiam pensar da Rainha que os governava.

Serviu café e começou a comer pois precisava de encher a barriga.

— Sendo assim, caberá a Talon, como Guarda-Mor e a Ranon como Segundo Guarda-mor, tornar essa saída segura — retorquiu Cassidy.

— Se fôssemos às reservas do sul ou ocidentais, teria de concordar com Theran — interveio Shira. — Fazem fronteira com outros Territórios e as pessoas que aí habitam encontram-se tão desesperadas quanto nós no que respeita a recuperar as suas vidas e terra.

— O que te preocupa? — perguntou Cassidy a Shira. — Que tentem raptar-me?

— Sim.

Silêncio à volta da mesa. Um intensificar de odores psíquicos à medida que os Príncipes dos Senhores da Guerra que serviam no Primeiro Círculo aguçavam os temperamentos sempre bem afiados.

— Sobrestimas o teu valor, Senhora — disse Shira. — Não sabes o valor de uma boa Rainha em Terreille. Especialmente hoje em dia.

— Uma Rainha raptada não vale nada — contrapôs Cassidy. — Não se pode forçá-la a governar.

— No entanto, o rapto de uma Rainha pode dar início a outra guerra.

Cassidy recostou-se, nitidamente surpreendida por essa possibilidade.

— A povoação de Ranon fica na reserva a leste, segura por estar bastante distanciada de outras fronteiras de Territórios e tem por trás as Montanhas de Tamanara — explicou Shira. — Protegida por todos os lados.

— Mas lá dentro não está protegida — disse Theran.

— O povo de Shalador não tem motivos para desejar mal à Senhora Cassidy — retorquiu Shira com frieza.

— Príncipe Grayhaven, podeis discutir este assunto eternamente, mas já decidi — disse Cassidy. — Daqui a cinco dias, estarei na reserva de Shalador. Discuti com Powell e Talon o que precisa ser feito para que isso seja alcançado.

Há quinze dias, ela teria transigido, pensou Theran. Teria respeitado o facto de ele saber mais sobre o que Dena Nehele precisava do que ela — e os restantes Príncipes dos Senhores da Guerra que a serviam não se oporiam a ele.

Um líder, não mais o líder.

Sentiu que perdera algo demasiado inapreensível para designar, embora o sentimento de perda fosse real.

— Nesse caso, darei início aos planos — disse Theran, afastando-se da mesa. Pegou no prato e na caneca de café. — Dais-me licença que acabe o pequeno-almoço enquanto trabalho?

Quase não esperou pelo aceno com a cabeça que o autorizava a sair, porém, aguardou pois a isso era obrigado pelo Protocolo. De seguida, saiu da sala de jantar para acabar a refeição longe da mulher que levava para aquela terra.

Cassidy podia realizar algumas boas acções durante o ano que durava o seu contrato para ali reger. Todavia, permitir que o povo de Shalador se julgasse mais importante do que o resto de Dena Nehele não iria ajudar ninguém.

A culpa era de Ranon. Não permitia que ninguém se esquecesse que o povo de Shalador tinha suportado a pior parte da crueldade que as Rainhas de Dorothea tinham infligido ao povo de Dena Nehele.

Além disso, Ranon nunca o deixava esquecer que, não fosse Grayhaven o seu nome de família, Theran teria suportado a mesma vida desesperada numa das reservas, tal como o restante povo de Shalador.

O que dava a entender que a sua vida fora fácil e isso não correspondia à verdade. Como era o derradeiro descendente da linhagem Grayhaven, crescera nos acampamentos de proscritos escondidos nas Montanhas de Tamanara, vivendo entre homens dispostos a lutar até à morte e mais além ao invés de servirem uma Rainha que os queria de modo a aproveitar-se do código de honra que os guiava. Fora treinado por Talon, um Príncipe dos Senhores da Guerra de Jóia Safira, demónio-morto há mais de trezentos anos — e que fora amigo de Jared e Blaed, o Príncipe dos Senhores da Guerra que ajudara Jared a esquivar-se ao guardas de Dorothea SaDiablo, conseguindo assim levar Lia de volta a Dena Nehele.

Não fora, decerto, uma vida fácil, mas outros homens tinham sobrevivido a pior. Gray era um deles.

Era só um ano, pensou ao entrar numa divisão para acabar a refeição. As coisas não poderiam mudar *assim* tanto.

Enquanto comia, ignorou o ténue murmúrio que lhe dizia que já muito mudara.

Na mesa, restavam somente papas de aveia.

Ranon reprimiu um suspiro e sentou-se ao lado de Shira, ficando em frente de Cassidy que tinha um prato cheio de bife, ovos e batatas fritas.

— Café? — perguntou Shira, segurando na cafeteira.

— Obrigado. — Raspou o que restava das papas para uma malga. Era comida e tinha de agradecer por tê-la.

O que não significava que tinha de gostar.

Enquanto Ranon atacava a sua refeição, Gray virou-se para Cassidy e perguntou:

— Vais para o jardim trabalhar?

— Esta manhã não vou — respondeu Cassidy. — Vou com a Shira ver como está a rapariga plebeia que ficou ferida.

Ranon ficou tenso. Tal como todos os outros homens que ainda permaneciam à mesa. Contudo, ninguém pôs em causa a declaração, uma mudança recebida com agrado uma vez que Theran estava sempre a criticar quando Cassidy queria sair da propriedade.

Archerr, Príncipe dos Senhores da Guerra de Jóia Opala, disse:

— Esta manhã, eu e o Príncipe Sperre temos tarefas de acompanhamento. Se estais em crer que o Primeiro Círculo deve mostrar uma presença mais forte, posso solicitar ao Príncipe Shaddo e ao Senhor Cayle que também nos acompanhem.

Archerr não desviou o olhar de Cassidy, mas Ranon sabia que a pergunta lhe era dirigida como adjunto de Talon. Inclinou a cabeça subtilmente. Não eram necessários acompanhantes adicionais para garantir a segurança de Cassidy naquela visita, porém, nunca era demais lembrar aos habitantes que a Rainha era servida e protegida por homens poderosos.

Foi então que Gray disse:

— Talvez a Senhora Vae queira acompanhar-te.

— Não creio que conseguíssemos impedi-la — disse Cassidy.

Ranon resfolegou baixinho. Antes da chegada de Cassidy, ninguém ali presente vira um sceltita. Tinham todos aprendido bastante com Vae.

Powell, o Príncipe que era Administrador da corte, afastou-se da mesa.

— Com a vossa permissão, Senhora, deixamo-la para dar início ao dia de trabalho.

Cassidy assentiu.

— Quando regressar, passarei pelo vosso gabinete para analisar os assuntos que necessitem da minha atenção.

— Com certeza. Ranon? Quando tiveres um instante, gostaria de discutir contigo a visita da Senhora à tua terra.

— Já vou ter convosco — respondeu Ranon.

— Eu e Senhora Shira estaremos prontas em meia hora — disse Cassidy a Archerr.

— Vemo-nos mais tarde — disse Gray, passando um dedo nas costas da mão de Cassidy.

Chegou tão longe, tão depressa, pensou Ranon quando Gray e os restantes homens deixavam a sala de jantar. Agora já age de modo mais consentâneo com o Príncipe dos Senhores da Guerra que sempre devia ter sido.

Quando o último homem saiu, afastou a malga meio comida de papas de aveia — e Cassidy empurrou o prato de comida ainda cheio para a frente dele.

— Senhora — protestou.

— Já comi — disse Cassidy. — No entanto, concordámos viver com parcimónia e não cozinhar mais do que aquilo que precisamos a cada refeição. Estivestes lá fora com as pereiras e eu tive a sensação que poderia não restar nada quando aqui chegásseis.

Viver com parcimónia. Nas reservas, o Inverno era designado como Estação da Fome, por isso sabia como era não desperdiçar comida. Sabia também qual a regra tácita daquela corte: Quando todos se tivessem servido, o que restasse poderia ser comido por quem quer que desejasse repetir. O corpo dos Sangue precisava de mais alimento do que o dos plebeus e, quanto mais escura fosse a Jóia de uma pessoa, mais comida precisava de modo a poder manter um recipiente saudável para o poder que continha. Por isso, todos estavam sempre dispostos a repetir quando isso se proporcionava.

Como chegara atrasado e devido aos comentários de Theran, não esperara por mais do que papas de aveia que nem a fome conseguia tornar suportáveis.

— Se não tendes objecções quanto a comer sozinho, eu e a Shira temos mesmo de ir.

— Não tenho objecções — respondeu. Tocou com o garfo na borda do prato. — Obrigado por isto.

Aguardou que Cassidy e Shira saíssem. De seguida, começou a comer com entusiasmo. Enquanto servia o que restava do café, ocorreu-lhe que Cassidy não só lhe guardara comida como também recorrera a um feitiço de aquecimento no prato para que a comida não arrefecesse.

Uma ninharia, quiçá. Uma simples cortesia. Contudo, quando essas simples cortesias eram realizadas por uma Rainha, transmitia bastante sobre a forma como iria tratar o povo dela — e, assim se esperava — como iria trata o povo dele.

CAPÍTULO 2

Kaeleer

De barriga para baixo na enorme cama, Daemon Sadi gemeu de alívio enquanto as mãos dotadas da sua esposa incitavam os músculos das costas a descontraírem. O feitiço de aquecimento que Jaenelle estava a usar para aliviar a tensão também era agradável.

— Conta lá outra vez como fizeste isto — disse Jaenelle.

Uma pergunta típica de esposa, especialmente feita naquele tom de voz.

— Daemonar estava preso numa árvore — disse Daemon entre dentes. — Oh, aí mesmo.

— Ah-ãh. É um nó tramado. — Não disse nada por um minuto enquanto trabalhava aquela parte das costas. — Quer dizer que estamos a falar de Daemonar Yaslana. O teu sobrinho.

— Também é teu sobrinho.

— Pois é. E é eyrieno. O que significa que tem asas.

— É só uma criança.

— Alada.

Maldição. Iria agarrar-se àquele pequeno pormenor como um sceltita a conduzir uma única ovelha.

— Como é uma criança — prosseguiu Jaenelle —, como foi parar à árvore? Não teria sido capaz de chegar aos ramos mais baixos e trepar como tu fizeste.

Oh, não. Reconhecia uma rasteira quando a ouvia.

— Ele voou até lá acima, não voou? — disse Jaenelle. — Batendo as asas.

— Querida, comesças a parecer uma Harpia — disse Daemon. — Au! — Isto porque ela lhe tinha fincado os dedos nas costas — acto merecido pelo comentário da Harpia.

— Tens de admitir que trepar uma árvore com esses sapatos que costumam usar em vez de recorrer à Arte para pairar até ao ramo onde o teu sobrinho errante estava à tua espera, certamente a rir-se, foi uma ideia parva.

Não iria admitir nada. Especialmente quando fora *deveras* uma ideia parva. Soube-o no momento em que estava a fazê-lo. Soube-o ainda com maior convicção enquanto observava Daemonar a bater as asinhas até ao chão para descobrir o que estava o tio a fazer estendido no chão. Contudo, fora uma questão de orgulho. Jaenelle entendia o orgulho dos homens. Podia considerá-lo divertido ou irritante, dependendo das consequências, mas compreendia-o. Por isso, devia entender que, naquele instante em que o rapaz o olhava lá de cima, viu-se como o tio que usava Arte ao invés de músculo, que não participava no mundo físico da mesma forma que o irmão Lucivar. Naquele instante, não desejou ser encarado como *inferior* por um rapaz que ainda não tinha idade para ter consciência do poder e das capacidades que o tio *realmente* possuía.

Por isso, haveria de trepar a maldita árvore.

Idiota.

— Pelo menos não bati mesmo no chão — resmoneou Daemon. — Ainda consegui lembrar-me de criar um escudo e de usar o feitiço de caminhar pelo ar. — Pormenores que o salvaram de se magoar com gravidade uma vez que caíra numa almofada de ar e não no chão duro, o que não impediu que ficasse sem fôlego — ou que ficasse com os músculos das costas doridos e tensos.

— Fizeste bem — disse Jaenelle numa voz tão seca que não deixava dúvidas de que não ficara impressionada.

— Tudo bem. Seja. Fui um grande idiota. — Seria uma história que certamente os serviçais do Paço dos SaDiablo iriam partilhar nos anos vindouros, pois alguns deles tinham assistido ao pequeno drama. Não contariam a história a pessoas de fora, pois quem quer que trabalhasse no Paço sabia que as vidas privadas da família SaDiablo deviam manter-se *privadas*. No entanto, conseguia imaginar alguém como o lacaio Holt a chamar um jovem serviçal à parte e a contar-lhe aquela história como garantia de que o poderoso, perigoso e *letal* Príncipe dos Senhores da Guerra de Jóia Negra de Dhemlan também podia ser um homem que agia como um tio desastrado com boas intenções e pouco na cabeça.

— Merda. — *Sentia* que ela sorria e o facto de não sentir necessidade de comentar já se revelava um comentário mais do que suficiente.

Beijou-o entre as omoplatas e esse mero contacto entre lábios e pele deu-lhe alento de outras formas e o toque seguinte das mãos dela a deslizar pelas costas fê-lo ronronar em vez de gemer.

— Relaxa — disse Jaenelle. — Estou quase a acabar. Amanhã já estarás no teu melhor e, se te conseguires lembrar de que és um homem feito, talvez consigas passar o último dia da visita do teu sobrinho sem te voltares a magoar.

Fez as mãos deslizar pelas costas de Daemon, mais como uma carícia do que como o toque de uma Curandeira.

— Não estás a descontraír — disse ela.

— Estou muito descontraído — ronronou Daemon. Pelo menos, conseguira descontraír a maior parte do seu corpo. Estava tão dorido que não se tinha concentrado em mais nada para além da dor. Agora tinha consciência de mais alguns pormenores.

— Não, não estás.

Ouviu a preocupação na voz dela. O que significava que estava a encará-lo como Curandeira e não como mulher — e ele pretendia a atenção da mulher.

— Minha doçura, estás sentada em cima do meu rabo. Partes de mim acham isso muito interessante e ainda não estão dispostas a descontraír.

— Não estou sentada no teu rabo — bufou Jaenelle. — Estou posicionada de modo a trabalhar as tuas costas.

— Estás tão junto a mim que consigo perceber que não estás a usar nada debaixo dessa camisa fininha, por isso eu chamo a isso estar sentada.

— E consegues perceber que não estou a usar nada porque...

— Quando te encostas, faz-me cócegas.

Uma pausa demasiado ponderada.

— De repente, ficaste muito atrevido.

— A culpa é da minha linda mulher.

— Rapazolas, não sei se as tuas costas aguentarão aquilo que tens em mente.

— Sendo assim, só tenho de rebolar e virar-me. Já que estás em cima de mim, podes levar-nos aos dois num passeio.

Deu uma gargalhada, resfolegando.

— És tão romântico quando estás cansado, mas aceito a oferta. Só para te ajudar a relaxar completamente, claro está.

— Claro está.

— Deixa-te estar quieto mais um minuto.

As mãos dela deslizaram-lhe pelas costas, a carícia calorosa e sensual de uma amante.

Jaenelle Angelline. O mito vivo. Sonhos tornados realidade. A ex-Rainha de Ebon Askavi. E a sua esposa. A sua esposa maravilhosa e há muito desejada.

— Daemon?

Daí a um minuto haveria de rebolar e tocar no corpo dela. Recorreria a um fio psíquico para se ligar a ela, mente a mente, e consumir o acto de fazer amor para além do corpo, tocando-a como nunca tocara outra mulher.

— Daemon?

Conseguia imaginar as mãos de pele clara a deslizarem no seu peito moreno-dourado enquanto ela o embainhava no fogo sedoso.

Daí a um min...

Ebon Askavi

Saetan Daemon SaDiablo, anterior Príncipe dos Senhores da Guerra de Dhemlan e ainda Senhor Supremo do Inferno, afastou a pilha de livros que estava a organizar na parte restrita da biblioteca da Fortaleza, encostou-se à grande mesa em madeira escura e ficou a observar o filho que era a sua imagem a percorrer a sala de modo inquieto.

A nível físico não era fielmente um espelho de si. Não exactamente. Tinham o mesmo cabelo espesso e preto e olhos dourados — embora o seu cabelo já apresentasse alas prateadas nas têmporas. A tez das suas peles era a das raças de longevidade prolongada. Mas a pele de Daemon era morena-dourada — aproximando-se mais da tez dos dhemlanos do que dos hayllianos.

Sempre fora considerado bem-parecido. Por outro lado, Daemon era belo e deslocava-se com a graciosidade felina que atraía o olhar e despertava os sentidos.

As insensatas desejavam aquele corpo, esquecendo que o homem sob aquela pele era um predador poderoso com um temperamento frio e mortífero.

O que o levou a pensar no motivo da visita.

— Vieste cedo — disse Saetan.

— Fui dormir cedo, acordei cedo — respondeu Daemon.

Para trás e para a frente. Movimento incessante. Caso se tratasse de Lucivar, não pensaria duas vezes naquelas voltas. Já Daemon...

Daemon parou de andar e fixou o olhar na parede.

— Creio que tenho algum problema.

O medo apertou o coração de Saetan, que conseguiu perguntar com serenidade:

— Como assim?

Poucas semanas antes, Theran Grayhaven viera a Kaeleer pedir ajuda a Daemon. Perturbado pelas semelhanças físicas entre Theran e o seu velho amigo Jared, Daemon deixara-se levar por memórias dolorosas, confundindo o passado com o presente. Ninguém soubera que os anos após Daemon ter auxiliado Jared e Lia a esquivarem-se aos guardas de Dorothea tinham deixado profundas cicatrizes emocionais. Ninguém desconfiara de que havia algo de errado — até Daemon atacar Jaenelle.

Desde essa noite, Daemon depressa se enfurecia quando alguém questionava a sua saúde mental ou estabilidade emocional, por isso o assunto teria de ser abordado com cautela.

Compreendia isso. Quando a feiticeira Vulchera tentara comprometer a honra de Daemon jogando o seu tipo especial de jogos de chantagem, algo dentro *dele* rebentara, levando-o a deslizar para o Reino Distorcido onde a sua raiva encontrara uma claridade louca e terrível. Não tinha sido a ruptura e o deslizamento que tinham perturbado a família; fora a forma deliberada como executara a cabra que os assustara.

Por isso, a família toda ainda estava a sentir-se ligeiramente afectada — e o facto de Lucivar entrar no cio pouco depois em nada tinha ajudado.

— Como assim? — voltou a perguntar.

Daemon virou-se para o encarar.

— Só tenho mil e setecentos anos. Estou casado há um ano com a mulher que amo com todo o meu ser — uma mulher pela qual esperei séculos. Por isso, quando essa mulher dá a entender que quer fazer amor comigo, eu *não* devia adormecer entre o pensamento e o acto.

O alívio enfraqueceu os joelhos de Saetan — que precisou de toda a sua autodisciplina e controlo que ganhara ao longo de cinquenta mil anos para manter uma cara séria.

— Lucivar está no cio — disse ele.

— Eu sei — respondeu Daemon, parecendo que gostaria de bater repetidamente com a cabeça do irmão contra a parede por causa disso.

— Quem está a tomar conta do Daemonar?

Daemon franziu o sobrolho.

— Está no Paço conosco. Julguei que sabias disso.

— Sei bem onde ele está. Quem está a tomar conta dele?

Daemon mudou o peso do corpo de uma perna para a outra. Por si só, tratava-se de um movimento insignificante — exceptuando o facto de ter sido um gesto de *Daemon* que raramente mostrava sinais de indecisão.

— Estou eu, grande parte do tempo. Bom, fogo do Inferno, Jaenelle não consegue controlar aquele monstinho.

Claro que consegue, pensou Saetan. Mesmo no presente, em que já não possuía a abundância de energia física que tivera em tempos, Jaenelle talvez fosse uma das poucas pessoas *capazes* de aguentar o ritmo de um rapazinho eyrieno. Para não falar que Daemonar adorava a sua Titia J, de certa forma detectando que ela não suportava jogos duros e por isso os seus instintos de jovem Príncipe dos Senhores da Guerra incitavam-no a proteger a Rainha.

— O Holt também está a assumir turnos para tomar conta do rapaz — acrescentou Daemon.

— O Holt? — Saetan cogitou se o laçao estaria a redigir a sua demissão, o que seria uma pena pois o homem era uma mais-valia na casa.

— É jovem, forte e tem experiência pois possui vários sobrinhos e sobrinhas — respondeu Daemon. — Também recebe a dobrar nos dias que ajuda a tomar conta do rapaz — e um dia de folga adicional e pago.

— Generoso — murmurou Saetan. — Se foram essas as condições oferecidas, decerto tiveste bastantes voluntários.

— Só na primeira hora — resmungou Daemon.

Não te rias, advertiu-se a si próprio. *Sabes bem o que isto é, por isso não te rias dele.*

Contudo, tinha vontade de rir. Por isso, deu-se um firme abanão mental e pigarreou.

O cio não era assunto para rir. Uma ou duas vezes por ano, o violento instinto sexual que estava sempre a fervilhar num Príncipe dos Senhores da Guerra, ganhava intensidade a ponto de atingir uma carência capaz de eclipsar a sanidade mental e um homem que habitualmente

conseguia controlar a natureza predadora tornava-se num perigo para todos, exceptuando para a mulher na qual fixara a atenção — e, por vezes, se ela não fosse cautelosa junto dele, até ela não estava segura de tal fúria descontrolada.

Era diferente quando um Príncipe dos Senhores da Guerra tinha uma relação forte com uma mulher, especialmente quando essa mulher era também sua amante. Pelo menos, ela conseguia penetrar nessa demência sexual e facultar algum controlo durante esses três dias. Além disso, um Príncipe dos Senhores da Guerra que já era pai, normalmente conseguia tolerar a presença dos seus filhos tratando-se de bebés ou crianças pequenas, desde que não precisasse de interagir com eles.

Porém, no Outono anterior Daemonar iniciara a transição de bebé para menino e já exalava o inequívoco odor de um Príncipe dos Senhores da Guerra. Lucivar via agora um rival e não um filho. Por isso, o rapaz já não podia permanecer na casa alcantilada quando o pai estava com o cio. O que significava que Daemon ficava com Daemonar naqueles dias, da mesma forma que Saetan ficara com o filho de Andulvar, Ravenar e Andulvar ficara com Mephis e Peyton.

— Estás a tomar conta de um rapazinho que praticamente não pára desde que acorda e ainda julgas que tens algum problema por adormeceres antes de fazer amor com a Jaenelle?

— Bom...

— Quando ele dorme a sesta, tens o bom senso de dormires também uma ou duas horas?

Os olhos de Daemon reluziram de irritação.

— Tenho trabalho a fazer.

— O que significa que não dormes essa hora?

O filho resmoneou em voz baixa.

— O Lucivar não dorme a sesta.

Fogo do Inferno. Não se tratava de uma competição. Ou talvez se tratasse. Tirando aqueles últimos anos em que se tinham reencontrado com o pai, a única forma de comparação de que dispunham para o que seria considerado “normal” num macho com tamanho poder era realizando um paralelismo entre ambos.

— O Lucivar é eyrieno — disse Saetan, começando a perder a paciência.

— Meio eyrieno.

— Ainda assim, os eyrienos são um povo bastante físico e o teu ir-

mão não é exceção. Além disso, o Lucivar passa pelas brasas ao longo do dia. Nunca deste por ele completamente imóvel com os olhos fixos num ponto distante enquanto falas com ele e depois percebes que ele não ouviu nada do que disseste?

Daemon encolheu os ombros, um gesto pleno de desdém e irritação.

— É porque estava a dormir — explicou Saetan.

Daemon deu um safanão.

— O quê. *O que é* que ele estava a fazer?

— A dormir. Não sei bem se é algo que os machos eyrienos já nascem a saber fazer ou se são treinados para isso, mas conseguem dormir em pé e de olhos abertos. Somente uns minutos de cada vez. Para um guerreiro, a capacidade de aproveitar esses momentos de descanso pode significar a diferença entre sobreviver a uma batalha ou ser uma das vítimas. — Saetan fez um compasso de espera, para acrescentar de seguida: — Por vezes, Andulvar fazia isso quando conversávamos. Até teve a lata de me dizer que a minha voz tinha um tom arrastado muito tranquilizador.

Daemon resfolegou, esforçando-se por reprimir uma gargalhada.

— Se te serve de consolo, sei de fonte segura que em certas noites, o Lucivar cai na cama e quando a Marian chega já ele dorme tão profundamente que ela não o consegue desviar, por isso, atira-lhe um cobertor para cima e vai dormir para outro lado. Algumas horas depois, ele acorda, percebe que ela não está ao seu lado, vai buscá-la e dormem aconchegadinhos o resto da noite.

— Mas ele não pensa que tem algum problema — disse Daemon entre dentes.

Saetan levantou uma sobrancelha.

— Como achas que eu tenho conhecimento?

Daemon pestanejou. Voltou a pestanejar.

— Oh.

Suspirou ruidosamente.

— É só isso? Mais alguma coisa? Reparei que estás um pouco hirto esta manhã. — Quando Daemon balbuciou uma resposta, colocou alguma dureza paternal na voz: — O quê?

— Caí de uma árvore.

— Compreendo. — Não compreendia — e não iria aprofundar. No entanto, ciente da reacção que iria provocar, decidiu trespassar. — De resto, como estás?

Bastou um piscar de olhos para Daemon mudar de filho para Príncipe dos Senhores da Guerra cujo temperamento podia ser tão elegante quanto mortífero.

— Estou bem — respondeu com uma frieza de advertência na voz.

— Sou teu pai — respondeu Saetan —, bem como Senhor Supremo do Inferno. Desta vez quero uma resposta sincera, Príncipe.

Olharam-se fixamente, apreciando, avaliando. De seguida, Daemon controlou o Príncipe dos Senhores da Guerra para poder voltar a ser o filho.

— Não gosto de saber que existem lugares onde me sinto fragilizado — disse Daemon. — Não gosto de admitir a minha vulnerabilidade.

— Nenhum homem gosta. Mas são poucos, se é que existe algum, aqueles que sofreram a destruição da mente por duas vezes e regressaram. Tudo tem um preço, Daemon. O conhecimento de que existem determinadas coisas que não consegues realizar parece-me um preço pequeno a pagar pela recuperação da tua vida. — Saetan examinou o filho. — Não é só isso. Do que se trata?

— Entrarei no cio a determinada altura durante as próximas semanas — disse Daemon.

— E isso preocupa-te?

— Preocupa.

— E a Jaenelle está preocupada?

— Não. — Daemon moveu os ombros. — Podes falar com ela? Para saber ao certo se ela está disposta depois do...

...depois do ataque.

Daemon respirou fundo e expirou num suspiro.

— Tenho de regressar. A Jaenelle garantiu-me que ela e o Holt conseguiram dar conta do rapaz por algumas horas, mas eu não quero ausentar-me muito tempo.

— Eu falo com ela — disse Saetan. — Em breve.

Daemon fez um aceno com a cabeça.

— Se o Lucivar engravidar a Marian outra vez...

Ambos suspiraram.

— Se isso acontecer, todos teremos de lidar com o assunto — disse Saetan. E esperar que seja menina.

— Estou em crer que os eyrienos não criaram os acampamentos de caça somente para que os rapazes fossem treinados para se tornarem guerreiros — disse Daemon com um ar pensativo. — Creio que os cria-

ram de modo a mandarem os jovens machos para longe de casa pois só assim os machos eyrienos poderiam ter irmãos sem ser irmãs mais velhas.

O lábio de Saetan estremeceu.

— És capaz de ter razão. Sim, és mesmo capaz de ter razão.

— Olá, criança-feiticeira. — Saetan afastou os livros e virou-se para se apoiar na mesa em madeira escura. Estava à espera dela. Por isso não se recolhera aos seus aposentos de modo a repousar durante as horas do dia mais severas e extremamente extenuantes para um Guardião.

— Olá, papá — respondeu Jaenelle.

Não se aproximou para o abraçar. Não desviou o olhar. Na verdade, o constante entrelaçar de dedos representava o único indício de nervosismo.

O mito vivo. Sonhos tornados realidade. A filha da sua alma. Quase a tinham perdido quando ela purgou os Reinos dos Sangue que tinham sido corrompidos por Dorothea e Hekatah. Estava novamente íntegra e saudável, ainda que demasiado magra, na sua opinião. O cabelo louro, cortado bem curto durante a recuperação, tinha um ar desgrenhado. Não conseguia precisar se se tratava de um estilo deliberado ou se resultava do facto de estar a deixá-lo crescer.

Porém, eram os olhos azuis-safira que agora o atraíam, tal como acontecera quando a vira pela primeira vez.

— O que pai e filho conversam é privado, e eu sei disso — disse Jaenelle. — Mas preciso saber se o Daemon está bem.

— Estás a falar das costas dele?

— Eu sei o que têm as costas dele, Saetan.

Lá estava — o vestígio de cavernas e meia-noite na voz comprovando que já não estava a falar com a filha; estava a falar com a sua Rainha. Com a Feiticeira.

— Daemon Sadi é o homem mais poderoso de Kaeleer — disse a Feiticeira. — É um Príncipe dos Senhores da Guerra de Jóia Negra com uma fúria que não pode ser ignorada ou encarada de ânimo leve. É *teu* par.

— Na verdade, ele domina — disse Saetan com calma. — O poder dele é um pouco mais obscuro do que o meu. O que o torna no macho *mais* poderoso da história dos Sangue. Estou ciente disso, Senhora. Onde queres chegar?

— Saiu à socapa do quarto esta manhã. *Esgueirou-se*, Saetan. Preciso de saber o motivo.

— Ficou envergonhado por se ter deixado dormir antes de fazer amor contigo ontem à noite. Julgou que tinha algum problema.

Jaenelle ficou boquiaberta. Fitou o pai. Por fim, disse:

— Bom... Fogo do Inferno. Há dois dias que anda a correr atrás do Daemonar. É alguma admiração ter-se deixado dormir?

— É que ele, tal como o irmão, não levou em conta que possuir o vigor para derrubar outros homens não é o mesmo do que tentar acompanhar um rapazinho esperto que se lança a explorar o mundo com toda a arrogância da sua raça — para não falar do facto de ter herdado a confiança de Lucivar quanto a aceitar qualquer desafio que o mundo insensatamente opta por lhe propor.

— Oh.

— Ficaste desiludida por não fazerem amor ontem à noite?

Sorriu de modo mordaz.

— Para dizer a verdade, não sei se algum de nós conseguiria manter-se desperto durante o acto todo se tivéssemos tentado.

Fim da discussão, pensou Saetan. Mas não, ainda não chegara bem ao fim.

— Também está preocupado com a forma como irás reagir da próxima vez que entrar no cio — que será muito em breve.

A expressão nos olhos azuis-safira crepitou-lhe nos nervos. Era seu pai adoptivo e nunca a encarara de outra forma. Todavia, também era homem e Príncipe dos Senhores da Guerra, havendo sempre uma consciência sexual entre um Príncipe dos Senhores da Guerra e a sua Rainha, mesmo que não existisse qualquer vontade de fazer o que quer que fosse com essa percepção.

Quando Daemon se encontrava envolvido na loucura sexual do cio, quanto do seu alívio provinha do sexo físico e quanto provinha da dança no fio da navalha acompanhado pela Feiticeira no Lugar Brumoso das profundidades do abismo — de se encontrar com o mito vivo quando ela revelava o seu verdadeiro Ser que vivia dentro daquele corpo humano? O Ser que não era completamente humano.

A crepitação desvaneceu-se. Teve de pigarrear antes de conseguir falar.

— Vou dizer ao Daemon que não se preocupe com o cio.

O cio nunca me preocupou disse-lhe através de um fio psíquico.

Saetan compreendia agora o motivo da despreocupação.

Jaenelle cobriu a distância que os separava e abraçou-o. Depois, mostrou um sorriso luminoso.

— É melhor regressar ao Paço antes que o Daemonar cause mais sarilhos ao Titi Daemon.

— Julguei que o Daemonar já não falava à bebé.

— Oh, já quase não fala. Mas gosta do som de “titi” e o tio dele não insiste para que diga a palavra correctamente.

Saetan sorriu.

— Compreendo. Vai lá, criança-feiticeira. Vê lá se consegues afastar os dois das árvores, está bem?

— Vou tentar.

Mais tarde, sozinho nos seus aposentos, a preparar-se para dormir durante as horas de sol, permitiu-se recordá-la naquele momento em que lhe mostrou um lado da Feiticeira que um pai não devia ver.

Também se permitiu um momento para invejar o filho — e desejar poder ter sido o amante ao invés do pai.

CAPÍTULO 3

Terreille

Apoiado num cotovelo, Ranon contemplou o lento regresso de Shira à consciência depois do orgasmo em que culminara um serão demorado e prolongado a fazerem amor.

Antes de se juntarem na corte de Cassidy, tinham vivido cinco anos de encontros rápidos e furtivos pois o interesse por ele demonstrado poderia fazer recair as atenções erradas na Curandeira Viúva Negra. Cinco anos em que tentara manter-se afastado dela e fora incapaz de resistir a estar com ela. Cinco anos de amor constantemente entrelaçado com medo.

Na verdade, tinha sido o dobro do tempo, se contasse os anos antes de se tornarem amantes. Tinha vinte anos e estava ainda a adaptar-se ao poder da Opala que fluíra por ele após a Dádiva às Trevas. Ela tinha dezasseis anos — uma jovem Viúva Negra, nascida nas Assembleias da Ampulheta, que acabara de iniciar o treino secreto que haveria de aguçar a Arte que já conhecia de modo instintivo, bem como a formação pública que a tornaria numa Curandeira.

Ambos tinham ido visitar amigos numa povoação que não era a de nenhum deles. Tinham-se conhecido por acaso quando os amigos de ambos escolheram a mesma casa de repasto para a refeição do meio-dia. Esse encontro viria a moldar as esperanças e sonhos de ambos ao longo dos dez anos que se seguiram.

Actualmente, graças a Cassidy, ele e Shira podiam juntar-se sem subterfúgios, podiam passar a noite juntos, podiam começar a construir uma *vida* juntos. Só isso bastaria para garantir a sua lealdade para com Cassidy. O facto de ela estar a revelar-se uma soberana muito mais poderosa do que qualquer um deles esperara de uma Rainha de Jóia

Rosa conquistara o seu respeito, bem como um tipo diferente de amor. A vontade dela era a vida dele e ele tudo faria para a ajudar a governar Dena Nehele — e, ao fazê-lo, faria muito mais do que alguma vez julgara possível pelo povo de Shalador.

— Estás a olhar para onde? — perguntou Shira, reflectindo nos olhos escuros o deleite do sexo bem como um ar divertido.

Os pensamentos tinham vagueado para além do quarto, mas os olhos tinham-se mantido nos seios dela.

Baixou a cabeça e beijou-a entre os seios de modo ternurento antes de responder:

— Para uma beleza de Shalador.

Reagiu resfolegando ligeiramente.

— Sei bem o aspecto que tenho.

— Mas tu não vês o que eu vejo — disse Ranon. Era considerado um homem belo. As feições duras típicas do seu povo conferiam ao rosto uma beleza grosseira que condizia com o corpo esguio de um guerreiro, além de possuir os olhos escuros, cabelo escuro e pele dourada que distinguiam os shaladorenses das raças de longevidade prolongada de pele morena ou das raças de pele clara como o povo de Dena Nehele.

Também ela tinha o aspecto da raça a que pertenciam e muitos tinham sido os homens a julgar que os ossos salientes do seu rosto e as curvas que careciam de abundância a tornavam menos atraente como amante — e a sua língua afiada e temperamento desencorajavam grande parte dos homens a aproximarem-se dela. Contudo, eram precisamente essas características que o excitavam de formas que nenhuma outra mulher conseguira, pelo que compreendia o que levava Gray a olhar para Cassidy — a quem nem o mais generoso defensor poderia caracterizar de bonita — e ver uma mulher bela.

Shira desviou o olhar, um movimento evasivo que não lhe era comum.

Ponderou nas palavras que acabara de proferir. *Não vês o que eu vejo*. Depois, ponderou na natureza da Arte de uma Viúva Negra, sentindo um friozinho na barriga.

— Shira? Viste alguma coisa numa teia entrelaçada?

— Não posso falar sobre isso.

— Não podes ou não queres?

— Poder, querer. As palavras não fazem diferença.

Mas para ele faziam. Falou num tom que não revelava emoções.

— Viste algo numa teia onírica e de visões. Verdade?

— Não posso falar sobre o assunto, Ranon. Nenhuma de nós irá falar sobre isso.

O frio na barriga transformou-se em pedras de gelo.

— Quantas Viúvas Negras viram isso?

Shira suspirou, emitindo um som irritado com um vestígio de raiva.

Desviou-se dela, sentou-se e abraçou os joelhos com os braços. Não tinha direito de insistir. Se ela julgasse que ele precisava de saber, haveria de lhe dizer. Fogo do Inferno! Fora ela que insistira que ele fosse a Grayhaven quando Theran convocara os Príncipes dos Senhores da Guerra para discutir a ida de uma Rainha de Kaeleer. Nessa altura, também não lhe contara nada. Dissera apenas que ele tinha de estar presente.

Os membros da Ampulheta não divulgavam o que viam nas teias entrelaçadas. Pelo menos, não o faziam com frequência. E muito menos de forma directa. Porém, uma Viúva Negra jamais fazia uma sugestão quanto a acções a tomar sem razão para tal.

— Está relacionado com a Cassidy? — perguntou.

Ela não respondeu.

— Shira... — Não sabia o que haveria de perguntar.

Por fim, Shira perguntou serenamente:

— Quem é digno da tua lealdade, Príncipe Ranon? Diz-me, por ordem.

Sentiu um peso no coração, mas ela perguntara. Porque não lhe daria menos do que honestidade, as palavras tinham de ser ditas.

— Amo-te do fundo do coração, mas a minha lealdade principal é para com a Rainha. Depois sou-te leal, seguidamente ao meu povo e, por fim, a Dena Nehele.

Ela sentou-se e levou uma mão ao rosto de Ranon. Quando olhou para ela, Shira disse com intensidade:

— Recorda a ordem dessa lista. Mantém-te fiel a ela com todo o teu ser.

Estaria a adverti-lo de que poderia acontecer algo a Cassie quando fossem visitar as reservas de Shalador?

— Mantém-te fiel a essa lista tal como te tens mantido fiel à tua honra — acrescentou Shira.

Era essa a resposta: Cassidy, a Rainha, estava acima de tudo e de todos — da sua amante, do seu povo, da sua terra.

As visões mostradas pelas teias entrelaçadas nem sempre se tornavam realidade. Por vezes, representavam advertências daquilo que poderia acontecer. Shira estava a avisá-lo de que as suas opções seriam cruciais. *As opções dele*. Ela dissera-lhe, sem quebrar o seu próprio código de honra, qual a escolha que teria de realizar.

Nessa noite, enquanto Shira dormia e ele estava deitado e desperto a olhar para o tecto escuro do quarto dela, percebeu que o medo podia entrelaçar-se com a esperança tal como com o amor e nada mais podia fazer do que dar o seu melhor às duas mulheres que constituíam presentemente o centro da sua vida.

CAPÍTULO 4

Kaeleer

Daemon dobrou uma esquina e deixou escapar um rugido — o que só levou a que a sua presa desse mais às perninhas.

Fogo do Inferno. Desviara o olhar por um minuto enquanto fazia as malas para Daemonar regressar a casa. Só o raio de um minuto! Bastara para que o rapaz saísse disparado do quarto como uma seta lançada de um arco.

Ora bem, se aquele iria ser o último desafio entre ambos no decorrer daquela estadia, ele *não* ia perder.

Ia perder.

Quando se deu conta das escadas que levavam à sala de visitas informal lá em baixo — e mais à frente, ao salão principal — que o aguardavam mais à frente, *correu*. O rapaz seguia a uma velocidade que não permitiria descer as escadas sem um trambolhão dos grandes.

Estava quase a alcançá-lo. Se não conseguisse deter Daemonar...

O rapaz abriu as asinhas membranosas e lançou-se por cima do corrimão.

Daemon pensou por um instante em saltar por cima do corrimão, recorrendo à Arte para deslizar controladamente no ar; no entanto, não se tratava de Arte fácil de concretizar, apesar de parecer simples sempre que Jaenelle a realizava e como não era algo que fizesse regularmente — pelo menos, até há pouco tempo — um erro de cálculo poderia resultar numa perna partida. Ou pior.

O que valia é que a porta para o salão principal estava fechada, pensou Daemon enquanto descia as escadas a passos largos. Pelo menos, o monstinho não sabia atravessar objectos sólidos. Ao menos andaria a perseguir um rapaz a voar num espaço limitado.

Foi nessa altura que Holt abriu a porta — e Daemonar mergulhou a pique em direcção à cabeça do lacaio. Surpreendido, Holt atirou-se ao chão e Daemonar passou por ele e entrou no salão principal, emitindo um guincho de alegria.

Maldição! Teria alguém acabado de abrir a porta principal? Se o Daemonar saísse, poderia levar *horas* a apanhá-lo.

Saltando por cima de Holt, Daemon deslizou para o salão principal.

E deparou-se com Lucivar, de braços cheios de um rapaz feliz.

— Olá, rapazolas — disse Lucivar, dando ao rapaz aninhado um beijo repenicado na face.

— Papá! Papá!

Daemon apoiou-se com uma mão na parede e inspirou enquanto observava o reencontro.

— Portaste-te bem? — perguntou Lucivar ao filho. Olhou para Daemon com uma expressão que poderia ser interpretada como envergonhada — caso se tratasse de alguém diferente de Lucivar.

— Adivinha, papá! O Titi Daemon caiu de uma árvore!

O rosto de Daemon afogueou-se de vergonha.

Lucivar manteve os olhos no filho.

— O que estava o tio Daemon a fazer em cima de uma árvore?

De súbito, Daemonar ficou acanhado e começou a brincar com a corrente de ouro de onde pendia a Jóia Vermelha de Direito por Progenitura de Lucivar.

— O que estava o tio Daemon a fazer em cima de uma árvore? — repetiu.

Daemon hesitou.

— Estava a cair.

— Ah-äh.

A Marian está grávida? perguntou Daemon através de um fio psíquico Vermelho.

Só saberemos daqui a algumas semanas respondeu Lucivar.

Tu já sabes, bastardinho, pensou Daemon. O facto de Lucivar não lhe dar uma resposta clara *bastava* como resposta.

Os olhos dourados de Lucivar iluminaram-se quando Jaenelle entrou no salão.

— Olá, rapazolas — Jaenelle sorriu a Daemonar. — Vais para casa sem leres mais uma história comigo?

— Não! Põe-me no chão, papá!

Como Lucivar não reagiu com a rapidez esperada, Daemonar bateu com os pés na barriga do pai e lançou-se para Jaenelle.

— Excelente voo para trás. — Jaenelle estendeu a mão enquanto olhava para Daemon e Lucivar com um ar divertido e afectuoso. — Anda. Vamos para o gabinete do tio Daemon ler uma história enquanto ele e o teu papá conversam.

Quando rapaz e Rainha entraram no gabinete, Lucivar esfregou a barriga.

— Bom, lá se foi o meu minuto a julgar-me importante.

Daemon não respondeu. Limitou-se a atravessar o salão e a entrar na sala de visitas formal.

Obrigado, Beale, pensou quando viu o tabuleiro com o decantador de conhaque e dois copos. Normalmente, não pensaria tomar uma bebida antes da refeição do meio-dia, mas naquele dia...

— Estás com um ar um pouco desalinhado — disse Lucivar ao entrar e fechar a porta.

Daemon serviu para si um vigoroso copo de conhaque e bebeu um gole generoso.

— Se engravidaste a Marian, é melhor que seja menina, porque se não for, torço-te a pila até a arrancar. Juro.

Quando não obteve uma resposta atrevida, virou-se e olhou para o irmão — e a expressão no rosto de Lucivar deixou-lhe o coração aos saltos.

— O que foi? A Marian está bem?

— Está bem. Está ótima. O pai está na casa alcantilada, a mimá-la. — Lucivar fez uma careta. — Quando sou eu a fazer alguma coisa, estou a intrometer-me. Quando ele faz exactamente a mesma coisa, são mimos.

— Tem jeito para as mulheres — disse Daemon. — Lucivar...

— Foi assim tão difícil? — perguntou Lucivar. — Eu sei que o rapaz não dá um minuto de descanso. Fogo do Inferno, bastardolas, eu sei bem.

— Correu tudo bem — disse Daemon amargamente.

Lucivar suspirou.

— Olha, da próxima vez deixo-o a cargo dos eyrienos e...

— Ai, isso é que não. — A voz de Daemon gelou. — Foi-nos transmitido um código de honra específico, a ti e a mim, ainda em crianças — um código que poucos conhecem, se é que mais alguém conhece,

entre a gente proveniente de Terreille. E é segundo esse código de honra que a nossa família se regerá. Por isso, quando o teu miúdo precisar de passar alguns dias longe de ti, é para aqui que virá. Percebido?

— Nem todos os eyrienos consideram a honra como algo que podem tornar maleável ao que lhes convém — disse Lucivar com cautela.

Falonar. O nome do antigo segundo-comandante de Lucivar não foi proferido, mas pairou no ar entre ambos.

De súbito, aquele momento e a tensão desvaneceram-se.

— Ouve — disse Daemon, pousando o conhaque. — Estou só para aqui a lamuriar-me. Caí da porra de uma árvore. Tenho direito a lamuriar-me. Além disso, sinto-me... inadequado. — Fogo do Inferno, sentia o ego magoado ter de admiti-lo.

— Não és eyrieno, meu velho — disse Lucivar. — Nunca serás.

— Sim, eu sei disso.

— Não, acho que não sabes. — Lucivar observou-o atentamente. — Sabíamos que Daemonar já não podia ficar connosco quando eu entrasse no cio, e quando Marian reconheceu os sinais e o levou à Merry e ao Briggs antes que eu... — Passou os dedos pelo cabelo preto. — O rapaz queria ficar *contigo*. Com o tio Daemon. Que não é eyrieno. Que não voa nem luta — pelo menos da forma como ele entende — mas que sabe *muita coisa*. Não quer que sejas eyrieno. Quer estar contigo porque te ama.

Ao ouvir aquelas palavras, o nó de expectativas que atara dentro de si desenredou-se — enchendo-o de um deleite terno.

— É melhor levar o monstrinho para casa. A mãe tem saudades dele. — Virando-se, Lucivar levou a mão à maçaneta, mas deteve-se e olhou para Daemon.

— Caíste mesmo de uma árvore?

Suspirou.

— Caí.

— Ele estava lá em cima?

— Não a teria trepado por outra razão — respondeu secamente.

No rosto de Lucivar percebia-se uma diversão desconcertante.

— Não lhe disseste para descer?

— Claro que disse.

Ficou ainda mais desorientado.

— Se lhe disseste para descer e ele não obedeceu, porque não usaste a Arte para arrastar aquele rabo para baixo? Era o que eu teria feito.

CAPÍTULO 5

Terreille

Cassidy fechou os olhos, concentrando-se na respiração.

Nervos e excitação. A sua primeira visita oficial entre o povo que regia. A primeira vez que as pessoas fora da povoação de Grayhaven poderiam observar o seu Primeiro Círculo a trabalhar em conjunto como Primeiro Círculo.

Olhou de relance para Theran. Desde que descobrira o tesouro escondido no sótão da mansão dos Grayhaven, fizera um esforço notório para agir como se quisesse servir na corte dela. Contudo, a cortesia forçada era uma lembrança diária de que não lhe pertencia da mesma forma que os restantes homens do Primeiro Círculo.

Na verdade, o esforço dele para servir lembrava demasiado a corte anterior de Cassidy. Também eles a tinham-na coberto de cortesia forçada — para logo desfazerem a corte e deixarem-na para servir outra Rainha.

Aquela visita a Eyota, a terra natal de Ranon, estava a ser-lhe mais difícil de aceitar do que para o resto do Primeiro Círculo. Tinham passado os dias anteriores à viagem a discutir os pormenores daquilo que seria necessário para protegerem a Rainha num local desconhecido. Theran não fizera comentários, não dera qualquer sugestão, nada. Na verdade, não dera voz a nenhuma das preocupações devidas a um Primeiro Acompanhante. Estava a distanciar-se dela por se ter recusado a cancelar aquela visita — ou seria porque a presença numa reserva de Shalador obrigá-lo-ia a contemplar o outro lado da sua herança? Tinha orgulho de ser descendente de Jared, mas parecia melindrar-se por ter de admitir que Jared era originário de Shalador.

Gray também ali estava, agarrado à sua mão apesar de estarem

numa Carruagem conduzida por um motorista com experiência no controlo de uma caixa comprida, fechada e apetrechada, concebida para viajar nos Ventos, as teias psíquicas através das Trevas. Não era por depender do poder e habilidade de outrem que Gray não lhe largava a mão. Capturado aos quinze anos e oferecido à Rainha de Dena Nehele, sobrevivera a dois anos de tortura antes de ser resgatado. Necessitava de muita coragem para regressar a Grayhaven, onde Theran e Talon tinham anunciado que iriam viver com a nova Rainha de Território. Além disso, ela sabia que precisara de ainda mais coragem para deixar Grayhaven e acompanhá-la a um lugar desconhecido que o obrigaria a conviver com desconhecidos.

— A hospedaria parece velha, mas é sólida, tem águas correntes e uma cozinha, e tem capacidade para todo o Primeiro Círculo — disse Ranon.

Como era a quarta vez que lhe dizia aquilo — parecendo estar a defender-se e a desculpar-se — Cassidy calculou que o Príncipe dos Senhores da Guerra de Shalador não estava tão calmo e confiante acerca daquela visita como aparentara. Ademais, a compostura de Shira fora desabando à medida que o dia se aproximava.

— Vai correr tudo bem, Ranon — disse Cassidy. — Tenho a certeza de que vai correr tudo bem. — Assim esperava pois o sucesso daquela visita iria determinar se lhe permitiriam ser Rainha daquele povo no verdadeiro sentido ou somente um símbolo usado pelos Príncipes dos Senhores da Guerra na tentativa de reconstrução de Dena Nehele. A tempestade de feiticeira que Jaenelle Angeline libertara dois anos antes tinha erradicado os Sangue conspurcados por Dorothea SaDiablo e as revoltas dos plebeus que se seguiram tinham levado muitos mais. Para além da preocupação com a manutenção da paz no próprio Território, os sobreviventes tinham de permanecer fortes a ponto de impedir que os Sangue provenientes de outros Territórios pudessem tentar aposar-se das terras de Dena Nehele, levando os recursos que daí pudessem ganhar após as lutas.

— Vai correr tudo bem — ecoou Shira.

Reparando no modo como Ranon tentava parar de olhar para Shira, como se um olhar naquele momento pudesse trair algum segredo, Cassidy perguntou-se o que saberia a Viúva Negra a ponto de levar os dois shaladorenses a duvidarem do sucesso da visita.

Era um povo orgulhoso e andrajoso.

Como oficialmente não fazia parte do Primeiro Círculo de Cassidy, Gray ficou um pouco recuado, observando a Senhora Nimarr, a Rainha mais idosa de Shalador, a apresentar Cassie formalmente às outras Rainhas que governavam nas reservas de Shalador. Cassie conhecera várias delas aquando da visita que lhe tinham feito a Grayhaven solicitando uma audiência, por isso Gray calculou que aquela apresentação fosse destinada ao povo que se reunira para ver a Rainha de Dena Nehele.

De seguida, foram apresentados alguns Protectores da Tradição, incluindo o avô de Ranon, Yairen, Protector da Música.

Gray olhou para Theran, cujo rosto parecia petrificado numa expressão entre a teimosia e a cortesia forçada, depois olhou para Ranon, orgulhoso e de cabeça erguida — embora não estivesse confiante, apesar do esforço para transparecer. O que dependia daquele encontro era de grande monta para que Ranon se sentisse confiante quanto ao resultado.

Gray atentou em Cassidy a falar aos Protectores da Tradição. Os olhos dela nunca se desviaram do rosto do Senhor Yairen, mas por conhecê-la bem, entendia o esforço que estava a fazer evitando olhar para as mãos aleijadas do homem. Além disso, estava certo de que ela compreendia que a mutilação não se deveria à idade nem a um acidente.

As Rainhas trajavam vestidos simples. Por cima dos vestidos, envergavam coletes de bordados delicados — coletes antigos tratados com desvelo e porventura usados apenas em ocasiões especiais. Os Protectores da Tradição também tinham vestido os seus melhores trajes, todavia, nem as mais talentosas costureiras conseguiam ocultar os arranjos e remendos naquelas roupas e Gray admirava os homens e as mulheres por não recorrerem a feitiços ilusórios para camuflarem a verdade acerca das reservas.

Vivera uma vida dura nos campos de proscritos nas Montanhas de Tamanara. Aquelas pessoas tinham vivido uma vida desesperada, tinham passado por mais — e pior — do que outros povos de Dena Nehele devido ao ódio de Dorothea SaDiablo por Jared.

Seria de admirar que Ranon se sentisse tão amargurado e irado pela forma como o seu povo fora tratado? Seria de admirar que aproveitasse todas as oportunidades para chamar a atenção para a forma como os shaladorenses viviam — e para aquilo que não possuíam?

Porém, estaria Ranon à espera de mais do que aquilo que Cassie podia oferecer?

Graças às Trevas, as cerimónias tinham terminado. Pelo menos até àquela noite, em que seria convidada especial num banquete em sua honra.

Honra, pensou Cassidy enquanto se penteava. Os shaladorenses tinham-se agarrado à honra quando não podiam agarrar-se a mais nada. Podia ver essa verdade nos seus olhos escuros, ouvi-la nas suas vozes serenas. Ao contrário de Ranon, que não hesitava em falar em prol do seu povo, as Rainhas e os anciãos não teceram comentários. Não precisavam. Bastava olhar para eles, ouvir a dignidade presente nas suas vozes e isso valia mais do que as palavras.

A hospedaria ainda foi mais reveladora. Velha? Sim. Porém, na cama do seu quarto estava um colchão novo, bem como roupa de cama por estrear. O quarto tinha sido esfregado até ao último grão de poeira, embora o papel de parede ainda revelasse algumas manchas de humidade. Além disso, estava *tudo* isento de odores psíquicos. Não restava qualquer resíduo psíquico na cama ou nos lençóis ou nos tapetes que indicassem o proprietário anterior.

Quem teria abdicado daqueles bens para prover o quarto para a sua visita?

Não sabia quanto poderia fazer por aquele povo, mas sabia por onde começar — caso os shaladorenses e Theran a deixassem.

Olhou para a porta que dava para o quarto adjacente. Por direito, devia ter sido atribuído ao Primeiro Acompanhante, mas Ranon devia ter comentado com os anciãos e o quarto fora atribuído a Gray. A carência de estar perto dela fora tão notória que Theran não se opusera a ocupar o quarto do outro lado — o quarto sem porta comunicante. Ranon e Shira estavam do outro lado do corredor, partilhando o quarto. Haveria de perguntar a Shira se os anciãos tinham ficado de olhos arregalados por perceberem que o quarto seria partilhado por uma Viúva Negra e por um Príncipe dos Senhores da Guerra ou simplesmente por não ser comum nas reservas que amantes partilhassem um quarto de forma tão notória sem serem casados.

Por ora, iria até ao jardim da hospedaria para ver o que poderia fazer.

Quando abriu a porta do quarto, não estavam guardas à sua espera no corredor, nem sequer acompanhantes. Os machos eram inexistentes. Contudo, estava lá uma sceltita, que olhou para ela e disse:

Chapéu, Cassie.

— Eu vou só...

Chapéu.

Foi buscar o chapéu castanho com buraquinhos que comprara para aquela visita. Gray insistia para que ela usasse sempre um chapéu para proteger a pele e Shira convencera-a a comprar aquele, indo ao ponto de também comprar outro para ela, dizendo a rir-se que se tornaria numa imagem de marca da corte — todas as Senhoras que servissem no Primeiro Círculo teriam de usar um chapéu como símbolo do serviço à Rainha.

Na altura, aceitara a brincadeira e a compra de Shira de um chapéu sem pensar duas vezes. Presentemente, pensava no custo do chapéu para a feiticeira de Shalador. O chapéu de *Cassidy* fora para a conta da corte e o preço seria deduzido na dízima que o lojista deveria pagar no final do Verão. No entanto, Shira pagara o seu chapéu.

O Príncipe Sadi oferecera-se para ajudar a cobrir algumas despesas enquanto ela permanecesse em Dena Nehele. Estaria disposto a estender a oferta da Rainha a um pequeno empréstimo para que ela pudesse pagar um adiantamento dos salários trimestrais ao Primeiro Círculo? Teria coragem de lhe pedir?

Cassie?

Enfiou o chapéu na cabeça e fulminou Vae com o olhar.

— Estás a ver? Tenho o chapéu posto.

Pois tens. Vae abanou a cauda, batendo com a ponta em Cassidy.
Agora o Gray já não vai ficar preocupado se a tua cara vai mudar de pele.

A imagem de pedaços de pele a pairarem até ao chão como penas de pássaros caídas provocou-lhe náuseas. Os parentes tinham propensão para descrições que envolvessem animais, embora nem sempre fosse uma imagem cómoda para os humanos quando eram o tema da conversa.

Vae dirigiu-se às escadas, demorando-se para se certificar de que Cassidy a seguia.

O Gray está lá fora com Ranon e um jovem macho que é Príncipe dos Senhores da Guerra disse Vae. **É da família do Ranon e Ranon quer que o vejas, mas também detecto odores de preocupação.**

— É provável que o Ranon tenha passado muitos anos a ocultar a família das Rainhas — respondeu Cassidy. — Não deve ser fácil revelar um Príncipe dos Senhores da Guerra.

Porquê? Tu és a Rainha do Ranon. És a Rainha de Dena Nehele. A cria pertence-te.

Não se pode reivindicar aquilo eu não se encontra, pensou Cassidy. Esconde algumas Rainhas para que restem algumas aptas a reger. Esconde os jovens Príncipe dos Senhores da Guerra permitindo assim que outra geração possa sobreviver de modo a enfrentar um campo de batalha e lutar pela terra.

Para Vae, o mundo era simples. Não por ser canídeo, mas por ter crescido na povoação a que a Rainha de Scelt chamava de sua terra. Mesmo que fossem poucos os que serviam numa corte, uma Rainha de Território tinha a vida de todas as pessoas nas suas mãos, bem como a vida da própria terra. A Senhora Morghann era uma Rainha poderosa e amiga íntima de Jaenelle Angelline, e o marido de Morghann, o Senhor Khardeen, governava a povoação de Maghre em nome da sua Senhora. Por isso, Vae não tinha motivos para duvidar que o elogio e o castigo seriam aplicados com justeza — e que ambos seriam aplicados quando merecidos.

Vae não hesitava em chamar a atenção da Rainha que servia quanto a alguém que estimava. Pois o facto de Ranon deixar que o rapaz fosse visto por uma Rainha era uma enormíssima demonstração de confiança.

Cassidy parou à porta que dava para a rua enquanto conjecturava acerca daquele jovem que Ranon levava à hospedaria. Irmão? Ou filho? Seria por isso que ele e Shira tinham andado tão agitados? Seria filho dos *dois* ou seria filho só *dele*?

Nenhum dos casos, decidiu Cassidy vendo os três homens ao contornar a casa. O rapaz devia ter quase vinte anos — demasiado velho para ser mais do que irmão ou primo de Ranon.

O sorriso de Gray era afectuoso e sincero quando a viu a dirigir-se a eles. A expressão de Ranon posicionava-se algures entre a determinação e a esperança. Quanto ao jovem...

Quanto amigos teria visto a serem levados para depois regressarem quebrados ou estropiados — ou nem sequer regressarem? Não tinha noção de que as Rainhas de Shalador tivessem maltratado o seu próprio povo, mas as Rainhas de Shalador não possuíam muito poder, uma vez que eram controladas pelas Rainhas de Província.

Parou deixando uma distância entre ela e os homens que permitia a Ranon mandar o jovem Príncipe dos Senhores da Guerra embora antes de se acercar dela, eliminando a imposição de uma apresentação.

Viu que Ranon avaliava a distância e deu-se conta do momento em que ele se apercebeu do significado. Pouco depois, fez sinal ao jovem e aproximou-se dela.

— Senhora, posso apresentar-vos o meu irmão mais novo? — perguntou Ranon.

— Com certeza — respondeu Cassidy.

— Senhora, este é o Príncipe Janos. O nosso pai era filho do Senhor Yairen. Janos, esta é a Senhora Cassidy, a Rainha de Dena Nehele.

— É uma honra conhecer uma Rainha tão magnificente — respondeu Janos, fazendo uma vénia demasiado acentuada para ser considerada respeitosa já que a Jóia Azul-Celeste que usava era superior à Rosa de Cassidy.

A vénia é muito baixa disse Vae. *É falta de educação. Farejar as partes íntimas das mulheres também não é de bom-tom. Pode tornar-se confuso pois existem odores muito agradáveis nessas zonas, mas é algo que tens de aprender ou levas um murro no nariz. Ou uma mordidela.*

O rosto de Janos ganhou um tom vermelho-escuro ao endireitar-se repentinamente, deixando óbvio que o insulto não fora intencional. A tez de Ranon não estava muito melhor.

E Gray parecia muito curioso acerca dos odores femininos.

Graças às Trevas, pensou Cassidy quando a porta das traseiras se abriu e de lá saiu uma jovem mulher. Dezasseis anos. Talvez dezassete. Era tão bela a ponto de cortar a respiração sempre que se movimentava. Cabelo comprido e preto e olhos verdes. Uma Jóia Violácea.

— O que estás aqui a fazer, Reyhana? — resmungou Ranon.

Surpreendida pela animosidade, Cassidy olhou-o fixamente. Sim, era superior à rapariga, mas ela era uma Rainha a quem era devido respeito, a menos que Reyhana tivesse agido de forma a desencadear aquela raiva.

— Pedi às Rainhas anciãs se podia trabalhar aqui como serviço à nova Rainha — respondeu Reyhana, deixando transparecer na voz um vestígio de desafio.

— És Rainha. Não devias fazer o trabalho de serviçais — retorquiu Ranon.

— Porque não? — questionou Cassidy.

O silêncio foi mais assustador do que se um trovão ribombasse naquele momento.

— Porque não? — disse Ranon. — Porque é Rainha!

— Uma Rainha que não sabe trabalhar não serve de nada ao seu povo — argumentou Reyhana.

— Bem dito, Irmã — apoiou Cassidy. Ranon parecia ter levado com um poste de uma vedação e Cassidy lamentava o que estava prestes a fazer-lhe, mas naquele momento, a rapariga era a sua prioridade. — A minha família não é da aristocracia, Príncipe Ranon. Nunca tivemos serviçais. Mesmo que, por casta, eu seja Rainha, também sou filha. Por isso, quando a minha mãe tirava os trapos e as esfregonas no dia da limpeza, eu limpava o pó e puxava o lustro aos móveis e lavava o chão a seu lado. Quando era a minha vez de lavar a casa de banho, assolavam-me pensamentos horríveis sobre o meu irmão. — Olhou nos olhos de Ranon. — Como é que um homem consegue acertar no alvo a cem passos de distância e, ainda assim, não consegue que todo o seu caudal entre na sanita quando está em pé mesmo em cima dela?

Janos e Gray ficaram imóveis e boquiabertos. Ranon, desgraçado, parecia prestes a esquivar-se.

Contudo, foi o resfolegar reprimido da jovem Rainha que indicou a Cassidy que alcançara o seu objectivo. Mais tarde, teria uma conversa com ela quanto à forma adequada de se dirigir a um Príncipe dos Senhores da Guerra quando as Jóias dele eram dominantes.

Sorriu a todos.

— Agora, se me dão licença, quero dar uma vista de olhos à horta. — Ao afastar-se, acrescentou através de um fio feminino: *Vae, fica de olho nos machos. Certifica-te de que respiram. *

Um, dois, três...

*Ranon? Ranon! Estás a respirar? *

Ora bem, pensou Cassidy. Quando Ranon, Gray e Janos conseguissem escapar à atenção de Vae, já Reyhana estaria em segurança entre as mulheres mais velhas — aquelas a quem Ranon não se atreveria a ofender por dá cá aquela palha.

Quando chegou à horta, parou.

Devia ser um terreno arável, mas estava ressequido, quase árido, e as plantas que se debatiam para crescer não produziriam a abundância necessária à alimentação daquela gente. Não estava ressequida pela ausência de água; o solo ainda estava mole, um sinal infalível de que chovera muito e durante algum tempo nos últimos dias. Não, estava sedenta de

ligação a uma Rainha, daquele contacto imprescindível em que se dava e recebia e que mantinha a terra fértil.

O que teria levado as Rainhas de Shalador a ignorar aquele aspecto?, perguntou-se Cassidy ao ajoelhar-se à beira de um canteiro. Certamente teriam conhecimento daquela carência. Teria sido o medo de chamar as atenções que as levava a ignorar aquele acto que teria ajudado tantos? Ou teriam deixado de o fazer por se terem apercebido de que se tornassem aquela terra mais fértil do que outras terras de Dena Nehele mantendo aquela tradição, essa terra ser-lhes-ia tirada? Ranon conta-ra-lhe que as reservas tinham metade do tamanho inicial que a Senhora Grizelle e Lia tinham atribuído aquela área de Dena Nehele como lugar pertencente ao povo de Shalador.

Pois bem, chegara a altura de pararem de negar um dos deveres das Rainhas.

Não se virou. Se olhasse para ele, Gray juntar-se-ia a ela — levantando demasiadas objecções. A cerimónia ficaria para depois. Primeiro, teria de lhes demonstrar *porquê*; a seguir, iria demonstrar-lhes como fazê-lo.

Cassidy invocou um canivete e fez um corte em cada palma das mãos. Quando o sangue jorrou, fez o canivete desaparecer e levou as mãos à terra — enviando o poder da Jóia Rosa pelo sangue até à terra.

Tão sedenta. Tão carente. Tão vazia por tanto tempo.

O poder fluiu, espalhando-se pela horta como chuva fresca.

A terra era a verdadeira raiz e coração do poder dos Sangue. Eram os protectores dos Reinos. Isso superava a sociedade e as cidades. Estava acima da música e da literatura, acima da regência dos plebeus. A ligação à terra era uma parte importante daquilo que tornava os Sangue quem eram e naquilo que eram, e as Rainhas constituíam a ponte pois o poder delas sustentava a terra.

Tão sedenta. Tão carente. A absorver tudo o que ela estava disposta a oferecer. Sentia a terra a reagir debaixo das suas mãos, a ansiar por mais. A querer tudo.

— Cassie?

Só mais um pouco. Podia oferecer um pouco mais. Em breve, a terra alcançaria a saturação e pararia de a esgotar.

— *Cassie.*

Tão sedenta. Tão carente. Ser almejada daquela forma.

Até que percebeu que o poder estava a esgotar-se demasiado de-

pressa, em grande quantidade. Todavia, não podia afastar-se, não podia virar costas quando a carência era tanta.

Só mais um...

— *Cassie!*

CAPÍTULO 6

Terreille

O chão era macio e exalava um odor ligeiro a ervas aromáticas. Não se recordava de ver ervas aromáticas na horta.

Gemendo, Cassidy rebolou, ficando de lado. Os olhos pareciam fechados por ramelas e o esforço para os abrir era demasiado. Pousou uma mão na superfície a seu lado. Almofada. Estava numa cama? Como chegara ali? O que raio acontecera? Doíam-lhe todos os músculos e tinha sede, como se tivesse sido espremida a ponto de ficar vazia.

Um ligeiro ruge-ruge. Movimento. De seguida, sentiu um peso na cama, a seu lado.

Tinha de ser Shira pois o odor psíquico era feminino, embora não pudesse perceber mais nada para além disso — um sinal indubitável de que *não* estava bem.

— Fogo do Inferno — disse entre dentes mantendo os olhos fechados. — Estou atrasada para o banquete desta noite?

— Cerca de dois dias — respondeu uma voz que não pertencia a Shira mas que continha uma mordacidade vagamente familiar.

Esfregou os olhos e olhou para a mulher sentada a seu lado. Cabelo branco, curto e espetado. Um rosto magro que acrescentava dez anos à verdadeira idade da mulher. Jóia Cinzenta e pendente da Ampulheta. Sorriso malandro que curvava lábios despídos mas que não chegava aos olhos azuis glaciares.

— Senhora Karla?

— Beijinho, beijinho.

Cassidy tentou apoiar-se num cotovelo — e não conseguiu.

— O que estás aqui a fazer?

— A zelar por ti. Encontrava-me na Fortaleza a visitar o tio Saetan quando a Vae chegou a uivar que estavas a morrer e precisavas de ajuda de uma Curandeira com conhecimentos de coisas de Rainhas. Sendo Curandeira e Rainha, calculei que soubesse dar conta do que quer que tivesse acontecido. E assim, cá estou eu. — Fez uma pausa, acrescentando de seguida: — O Lucivar também cá está.

— Não — gemeu Cassidy. — O Lucivar é que não.

— Oh, ele não é o pior disto tudo. — Outra pausa. — Talvez seja o pior, mas não é o único.

Fogo do Inferno.

— O que aconteceu?

— Foste parva.

Foi dito de ânimo leve, mas Cassidy entendeu a raiva subjacente às palavras.

— Deixaste o poder fluir sem restrições, sem limites — disse Karla.

— Sempre o fiz — protestou Cassidy.

— Assim sendo, falhaste uma etapa na tua educação. — A voz de Karla ardia como uma bofetada. — Não te prejudicou em Dharo, onde o acto de dar e receber é realizado tantas vezes que não se torna necessário ceder muito poder para renovar aquele que já foi gasto. No entanto, esta terra estava *despojada*, Cassidy. Não creio que alguém tenha realizado esse tipo de oferenda aqui desde há muitas gerações. Estiveste a uma gota de poder de estilhaçar a Jóia Rosa. Não somente de a exaurir, de a *estilhaçar*. Se aquele Príncipe dos Senhores da Guerra não tivesse tido o bom senso de pegar em ti e trazer-te para dentro de casa de modo a quebrar completamente a ligação à terra, na melhor das hipóteses terias sido quebrada e regressado à tua Olho-de-Tigre de Direito por Progenitura. Na pior das hipóteses... — Karla abanou a cabeça e suspirou ruidosamente. — Bom, não vale a pena remoer no assunto, pois não? Ainda usas a Rosa. Graças às Trevas.

Sim. Graças às Trevas.

Começou a interiorizar as informações. Cassidy bufou e resmungou mas conseguiu apoiar-se num cotovelo.

— Dois dias? Dormi *dois dias*?

Karla confirmou.

— Podes dizer que foi a “dormir”, que é uma palavra bastante amável uma vez que até o mais profundo sono de tratamento não é assim

tão profundo — pelo menos quando há esperança de que essa pessoa acorde. Estive prestes a pedir ao Lucivar para que organizasse a tua ida à Fortaleza de modo a poderes ser observada pela Jaenelle. Até que voltaste a um sono mais natural, pelo que decidi aguardar mais algumas horas. O que foi bom para ti... e para esta povoação.

Fortaleza? Jaenelle? Maldição. Com a presença de Lucivar, não podia dar pouca importância ao assunto no relatório seguinte que iria enviar ao Príncipe Sadi. Se ela estivera “doente” nos dois últimos dias...

— O Primeiro Círculo — disse Cassidy.

— Não conseguiram perceber como poderiam declarar guerra a uma horta, por isso aguardam algum tipo de indicação de que irás recuperar. A única razão pela qual este quarto não está atulhado de machos histéricos a contemplarem cada fôlego teu deve-se somente ao facto de eu usar a Cinzenta e estar acima de todos eles. Além disso, ameacei arrancar os tomates do macho insensato que aqui entrasse sem a minha permissão — e Lucivar ameaçou quebrar os ossos do homem que sequer *tentasse* entrar.

— O Lucivar ameaçou a minha corte?

— Corte, família, povoação. Estava demasiado irritado com o que te aconteceu para andar a escolher os ossos que iriam encontrar o seu punho.

Cassidy caiu pesadamente de costas. A situação estava cada vez pior. Voltou a erguer-se com esforço.

— Família?

— Mãe, pai, irmão — e o teu primo Aaron.

— Mãe Noite.

— E que as Trevas sejam misericordiosas. Minha querida, tudo tem um preço e assustar desta forma tantos Príncipes dos Senhores da Guerra... Bom, como te sentes a nível físico é só a primeira parte do pagamento. Eram tantos os que queriam exprimir uma opinião acerca daquilo que fizeste que acabaram por tirar à sorte com palhinhas. Os que tiraram as duas palhinhas mais curtas têm permissão para gritar contigo. — Karla invocou uma pequena ampulheta e pousou-a na mesinha de cabeceira. — Toma. Um presente. Dez minutos de areia na ampulheta. É o tempo que cada um tem para dar voz à sua opinião quanto ao teu acto.

— Quem...?

— O Ranon e o Gray tiraram as palhinhas mais curtas. No entanto,

aviso-te desde já que não creio que o teu pai vá retrair os seus pensamentos quanto a este assunto. Nem o Lucivar. — Mediante a Arte, Karla fez pairar uma caneca acima da cama. — Toma, bebe isto. Quando deste indicação de que irias finalmente acordar fiz este tónico para beberes.

Cassidy encostou-se à cabeceira da cama e pegou na caneca.

— Tens o resto do dia para descansar e recuperar. Depois disso, minha querida, terás de enfrentar a tua família e a corte. E o Lucivar.

Cassidy bebericou o tónico e contrariou a vontade de um beber de um trago. O corpo dela ansiava pelo que aquela infusão continha. Ansiava da mesma forma que a terra ansiara por uma ligação a ela.

Bebeu outro gole, lembrando-se da última imagem que vira antes de o mundo escurecer.

— O Gray está bem? Deve ter ficado transtornado quando eu... caí. Um olhar estranho tomou conta dos olhos de Karla.

— Despertaste mais do que a terra, Cassidy. Muito mais.

Ranon acercou-se da horta com cautela. Não queria ter de enfrentar o temperamento intempestivo de Lucivar nem o comedimento ríspido de Aaron — nem a preocupação que via no olhar do Senhor Burle. Embora os terrenos da hospedaria lhe proporcionassem bastante espaço de manobra, não queria ficar sozinho com a feiticeira que levava a família de Cassidy a Eyota. A Rainha de Jóia Cinzenta era bastante intimidante, mas ficara lá dentro com Cassidy. Na sua opinião, bem como na opinião dos restantes homens, Surreal SaDiablo era bem mais assustadora e *ela* começara a vaguear pela casa e pelos terrenos — e também pela povoação.

Levando um joelho ao chão, passou o dedo pelas folhas de uma pequena planta. Uma planta forte e sadia que agora crescia com vigor. Todas as plantas do jardim cresciam agora com vigor — tinham começado a desenvolver-se horas após o colapso de Cassidy.

Gray reparara no sangue que se infiltrara no chão, embora os cortes nas palmas das mãos de Cassidy não aparentassem ser muito fundos e Shira julgasse que Cassidy não perdera assim tanto sangue a ponto de a deixar inconsciente. Os conhecimentos de Shira ou das Rainhas não bastavam para explicar o que exaurira a Jóia Rosa de Cassidy a um nível tão perigoso em tão pouco tempo.

Se sofrera algum tipo de ataque, porque não pedira ajuda? Como poderia isso ser possível se ele e os restantes estavam logo ali? Gray fora

o primeiro a perceber-se de que havia algo de errado, pegara nela ao colo e levava-a para a hospedaria. Todavia, continuavam sem saber o que acontecera — ou porque acontecera.

Shira não revelava a visão que tivera, não confirmava se seria aquele o perigo que poderia custar-lhes a primeira Rainha que lhes dera esperança após Lia.

Seria, de certa forma, culpa dele? Teria falhado no cumprimento dos seus deveres? Como? *Como?*

Ranon sentiu outra presença, sentiu o odor psíquico e soube quem estava prestes a juntar-se a ele.

Theran estava a tratá-los todos com um silêncio gélido, o que era compreensível uma vez que Daemon Sadi tinha-o responsabilizado pelo bem-estar de Cassidy e Grayhaven não concordara desde logo com a ida dela a Eyota. Já a raiva e aflição de Gray era algo fervoroso, vibrante e vivo. Até perceberem o que se passava com Cassidy, Gray tornara-se numa arma desembainhada e ninguém sabia quão afiada estava aquela lâmina ou quão fundo podia golpear.

Aguardou até Gray se ajoelhar a seu lado. Nenhum deles conseguia resistir a dirigir-se àquele lugar várias vezes ao dia.

— Cresceram ainda mais durante a noite — disse Ranon, mantendo a voz baixa. — Parece que vamos mesmo ter uma bela colheita vinda desta horta.

— Ela não pode voltar a fazer isto — rosnou Gray. — Quase a matou.

— Eu sei. — E sabia. Também sabia que, de início, as Rainhas tinham ficado chocadas a olhar para a horta e, de seguida, *quase* entenderam como tudo acontecera. Quase.

— Companhia — disse Gray, sem desviar a atenção das plantas.

Ranon olhou por cima do ombro e suspirou. Reyhana e Janos. A jovem Rainha viera à rua contemplar a horta quase tantas vezes como ele e Gray, e Janos designara-se acompanhante de Reyhana sempre que ela saía da hospedaria.

De súbito, ficou tenso e tocou no braço de Gray antes de se levantar.

— Mais companhia.

Gray pôs-se em pé de um salto. Ranon agarrou-o pelo braço para impedir que corresse para a Senhora Karla — especialmente porque Aaron saíra da casa e encostara-se à parede, obviamente não interferindo, mas vigiando notoriamente a Rainha de Jóia Cinzenta que cami-

nhava com passos calculados que nada tinham a ver com dignidade e tinham tudo a ver com a necessidade de se apoiar numa bengala.

Fosse qual fosse o problema do seu corpo, nada havia de errado com a sua mente — ou com o seu poder.

Grizelle era assim, pensou Ranon. *Lia também fora assim.*

Crescera a ouvir histórias de Grizelle e especialmente de Lia. Crescera a fantasiar como seria estar na presença de uma Rainha de Jóia Cinzenta. Sempre pensara em Grizelle e Lia como protectoras de Dena Nehele — tal como tinham sido — mas nunca lhe ocorrera que o poder que protegia a terra também tornava essas mulheres em feiticeiras muitíssimo perigosas. Até ao momento em que Karla descera da Carruagem que a levava a Eyota.

— Príncipe Gray — cumprimentou Karla quando chegou perto deles. — Príncipe Ranon. — Inclinou a cabeça numa saudação silenciosa a Reyhana e Janos.

Janos hesitou, continuando inseguro quanto à forma de reagir perante uma Rainha que não pertencia às reservas de Shalador. Reyhana, por outro lado, interpretou o cumprimento como um convite a juntar-se aos adultos.

— A Cassidy acordou — disse Karla, olhando para Gray. — Vai ficar bem. Precisa de repousar o resto do dia.

— Posso vê-la? — perguntou Gray. — Eu não vou gritar com ela. Só quero vê-la.

Os lábios de Karla levantaram-se formando um sorriso malandro.

— Querido, o corpo dela tem trabalhado arduamente para recuperar o equilíbrio e, para ser sincera, a rapariga está um pouco malcheirosa. Até ter oportunidade de tomar um banho e lavar os dentes, és a última pessoa que vai querer ver.

— Mas... — Gray fez uma pausa. Pareceu ficar pensativo. — Oh. É por eu estar a cortejá-la? Mas eu não me importo que ela cheire mal.

Karla fitou Gray até ele resmonear:

— Bom, *não* me importo. — No entanto, o olhar fixo pôs fim a essa parte da discussão.

— Creio que a Cassidy agradecerá a ajuda da sua mãe e da Curandeira da corte — disse Karla. — Também sou de opinião que quem quer que tenha um pénis deve manter-se afastado daquele corredor e daqueles quartos nas próximas duas horas. Entenderam?

Vendo Lucivar a dobrar a esquina, Ranon disse:

— Entendido. Podeis informar-nos o que se passou com a Senhora Cassidy?

— Querem que explique com palavras simples? — perguntou Karla. Ranon anuiu com um aceno de cabeça.

— Foi parva.

Gray rosnou e deu um passo para Karla.

Aaron saltou de onde estava, mas parou ao olhar para Lucivar que levantou a mão indicando que devia manter-se afastado enquanto ele avançava para o alegre grupinho — devagar.

— Ignorou o treino que teve, bem como o bom senso, quase resultando em lesões irreversíveis — explicou Karla. — O que chamam a isto? Não havia necessidade para aquilo ter acontecido. Na verdade, tinha todos os motivos para agir com cautela e comedimento. Podia ter passado a sua mensagem sem correr riscos e sem a angústia que causou a todos vocês. Foi uma atitude irresponsável para uma Rainha e só as Trevas sabem o que a terá levado a isso. — Os seus olhos ganharam um tom azul ainda mais gélido ao focarem-se em Gray. — Se julgas que estou a ser severa, vai até à Fortaleza e fala com o Senhor Supremo. Como estive do lado que recebeu as suas chicotadas verbais quando agi estupidamente, posso assegurar-vos de que a Cassidy está a safar-se airosamente.

Gray recuou.

— O Senhor Supremo gritaria com a Cassie?

— Quando está mesmo irritado com alguma coisa, o Senhor Supremo não grita — explicou Karla. — Não precisa.

— Já o ouvi gritar — disse Gray. — Mais ou menos.

— Quer dizer que ouviste uma fúria superficial, algo muito brando em comparação com a verdadeira fúria.

— Oh.

— Posso aprender a fazer aquilo? — perguntou Reyhana, apontando para a horta.

— Não — disseram Ranon, Gray e Janos em uníssono.

Karla olhou para os homens e abanou a cabeça.

— Podes. Posso mostrar...

— Não — disse Reyhana.

Ranon virou-se para a rapariga. Reyhana era a jovem Rainha com mais potencialidades das reservas de Shalador e levá-la à presença de

Cassidy já era um risco considerável. Não podia permitir que a rapariga desafiasse uma Rainha tão poderosa quanto Karla.

Antes que conseguisse dizer o que quer que fosse, Reyhana ergueu o queixo e deu um passo para Karla.

— Não é minha intenção desrespeitar-vos, Senhora — disse a jovem. — Mas se sou digna de aprender este dever de Rainha, deveria ser a Rainha de Dena Nehele a ensinar-me.

Os homens ficaram imóveis e em silêncio enquanto as duas feiticeiras se avaliavam.

— Daquilo que o Príncipe Aaron me contou, a última jovem Rainha que foi aprendiz de Cassidy causou-lhe um grande sofrimento — disse Karla. — Esse tipo de traição não se esquece com facilidade. O que Cassidy aqui realizou é importante para a tua aprendizagem. Aliás, é vital, tanto para a terra como em teu benefício. Se ela não se sentir bem nessa função, fá-lo-ei antes de regressar a Glacia.

Reyhana hesitou e, naquele fôlego entre um momento e o seguinte, Ranon presenciou um pouco mais do amadurecimento de uma jovem Rainha.

— Foi isso que aconteceu às vossas pernas? — perguntou Reyhana. — Traição?

Karla confirmou.

— Fui envenenada por um membro da minha corte. Alguém que era leal ao meu tio e não a mim. Devia ter morrido com aquela violenta infusão de venenos. As pernas danificadas foram um preço baixo a pagar pela sobrevivência. — Ergueu uma mão num gesto simples que indicava o término da conversa. — Ora bem. Se a jovem Senhora vai aprender esta parte específica da Arte, vocês os três — sim, tu também, cria — precisam de aprender a lidar com uma Rainha. O Lucivar ensina-vos.

— Ensino-lhes o quê? — perguntou Lucivar que, por fim, se juntava a eles.

— Ensina-lhes como agir quando uma Rainha faz uma estupidez — respondeu Karla.

— Antes ou depois de lhe dar um pontapé no rabo como forma de lhe chamar a atenção? — perguntou Lucivar.

Karla mostrou os dentes naquilo que poderia ser um sorriso e disse:

— Beijinho, beijinho.

Ranon pestanejou. Nunca ouvira *ninguém* dizer tal coisa como se significasse: “enfia uma faca no rabo”.

Lucivar mostrou os dentes num sorriso igualmente fingido.

— A Cassidy acordou?

— Acordou — disse Karla, todo seu comportamento mudando de desafiador para cauteloso enquanto atentava em Lucivar.

— Vai alguém ficar com ela algum tempo?

— Ia agora falar com a Devra e a Shira para fazerem companhia à Cassidy e ajudarem no que for preciso.

Lucivar fez um aceno com a cabeça.

— Muito bem. Depois podes ir despir-te e transpirar um bocado. Quero ver essas pernas a trabalhar.

— Não creio...

— Feiticeirinha, pareceu-te que te estava a dar alguma escolha?

Olhos dourados fixaram-se em olhos azuis glaciares. Os azuis glaciares desviaram-se primeiro.

— Cretino — resmoneou Karla.

— Sempre — retorquiu Lucivar. Depois apontou para Reyhana. — Ela pode juntar-se a ti e aprender alguns movimentos básicos para se defender. E tu, Gray. Vou ensinar-te uns truques para te ajudar a reforçar esses músculos das costas. — Virou-se e deu um assobio estridente. — Surreal! Vais ajudar-me.

Ranon sentiu um formigueiro esquisito na barriga. Surreal estava no pátio, a meio caminho entre a casa e o grupo de pessoas. Campo aberto. Sem dúvida que recorrera a um escudo de visão para se aproximar tanto sem que dessem por ela. Sem dúvida que Lucivar e Karla tinham constituído uma distração, mas...

Lucivar detectara a presença dela.

...não se tratava de uma feiticeira que um homem desejasse que se aproximasse sem aviso prévio.

— Ajudar-te no quê? — gritou Surreal.

— A fazer esta malta suar — respondeu Lucivar.

Surreal riu-se.

— Nesse caso, docinho, vou afiar o punhal.

— O quê? — exclamou Ranon.

Karla riu-se, dirigindo-se à hospedaria, enquanto Surreal se aproximava deles.

Lucivar sorriu a Ranon de modo indolente e arrogante.

— Mostra que tens tomates, Ranon. Não estás com medo de uma assassina, pois não?

— Assassina? — guinchou Reyhana. Ou talvez tivesse sido Janos.

Lucivar encolheu os ombros.

— Surreal é Dea al Mon. Julgo que já nascem a saber manejar um punhal.

— Mãe Noite — disse Ranon entre dentes — mas somente depois de Lucivar se afastar. De seguida, olhou para Gray que fitava a casa com uma expressão esquisita e pensativa.

— A Cassie tem uns amigos interessantes — disse Gray.

Interessantes, pensou Ranon quando os quatro se separaram por alguns minutos antes de voltarem a juntar-se a Lucivar para a aprendizagem que o eyrieno tinha em mente. Sim, os Sangue de Kaeleer eram incontestavelmente interessantes. Todavia, perguntou-se se Theran estaria a prestar atenção aos visitantes e à influência que estavam a ter nas pessoas daquele lugar. Eram, em simultâneo, a forja e o fogo capazes de moldar os Sangue de Dena Nehele transformando-os em aço lúcido — ou deixando-os destroçados. Perguntou-se se, tal como ele, Theran estaria a prestar atenção ao tipo de homem em que se estava a tornar o Príncipe Jared Blaed Grayhaven sob o calor daquela forja.

— Tens algum motivo para estares preocupado com a Karla? — perguntou Surreal.

— Um motivo específico? — Lucivar abanou a cabeça. — Trabalha com o seu Guarda-Mor para manter a força nas pernas e eu não me meto no território do homem. Isso não significa que não aproveite a oportunidade para a avaliar e enviar-lhe uma ou duas sugestões se achar que existe algum ponto a carecer de mais atenção por parte dele.

— As pernas dela estão a enfraquecer?

— Ainda não, mas chegará o dia em que não conseguirão suportá-la. — Ponderando no que Jaenelle tivera de fazer para salvar Karla, o facto de Karla conseguir sequer andar atestava as capacidades de Jaenelle como Curandeira e a força de vontade de Karla. Contudo, a bengala omnipresente e o rosto envelhecido para além dos anos reais lembravam que até a melhor Curandeira e a força de vontade não bastavam para eliminar os efeitos de venenos terríveis que deviam ter destruído uma Rainha de Jóia Cinzenta. — Tentarei ajudá-la a adiar esse dia tanto

quanto possível — acrescentou Lucivar serenamente. De seguida, sorriu a Surreal. — Estás com bom aspecto. — Como não tentara golpeá-lo, calculou que ela já o tivesse perdoado pelo tempo que passara em Ebon Rih.

— Sinto-me mais à-vontade com muitas coisas — respondeu. — Comigo. Com isto. — Invocou o punhal.

Lucivar ficou tenso — reacção que Surreal pareceu achar graça.

— Descansa — disse ela, fazendo desaparecer o punhal. — Quando cheguei ao clã de Chaosti pela primeira vez, a Avozinha Teele deu-me umas sacas velhas. Passei os serões a bordar o teu nome nelas, depois enchia-as de trapos, atei-as a uma árvores e espetei-lhe o punhal até ficar com câibras nos braços.

— Merda — exclamou Lucivar. Pressionara-a por se importar com ela. Não tivera intenções de a pressionar a ponto de provocar ódio.

Surreal riu-se.

— Devias ver a tua cara. Respira, Yaslana. Estava só a brincar. Alguma vez passaria esse tempo todo a fazer bordados?

Desta vez, praguejou em eyrieno e proferiu diversas palavras que não queria que ela entendesse.

— Reconheço algumas dessas palavras — disse ela.

— Ainda bem — retrucou.

Ela fez um sorriso de orelha a orelha.

Lucivar fitou as pessoas que se juntavam no quintal. Essas pessoas também o fitavam e a Surreal como ovelhas tolas em frente a dois lobos.

Ovelhas tolas.

Lucivar franziu o sobrolho.

— Onde está a Vae?

— Não sei — respondeu Surreal. — Acompanhou-me até Dharo quando fui buscar a família de Cassidy, depois prosseguiu até Scelt em vez de regressar connosco.

Lucivar olhou para Surreal. Surreal olhou para ele. Dirigiram-se ao rebanho de ovelhas bípedes.

— Não é problema nosso — disse Surreal.

— Sem dúvida que não — concordou Lucivar. Especialmente por ter uma mulher que não haveria de gostar de passar pelos enjoos matinais e cuidar de um rapazinho sozinha por mais do que alguns dias.

Partindo do princípio de que teria enjoos matinais. Esse *seria* um problema dele. E culpa dele. Para além de outras questões, dependen-

do do facto de Marian se sentir feliz por estar grávida ou resmungona devido aos vómitos. Por isso, não ia magicar no que andaria Vae a fazer em Scelt.

No entanto, tinha a certeza de que o que quer que a sceltita andasse a tramar depressa se tornaria no problema de *alguém*.

CAPÍTULO 7

Terreille

Cassie? Cassie! Podes fazer isso?

Cassidy fechou os olhos e contou até dez para se impedir de atirar o ancinho à sceltita. Só queria trabalhar uma hora no jardim enquanto respondia a algumas das perguntas de Reyhana.

— Sim, Vae. Posso fazer isto. Estou *bem*.

*Gray? A Cassie pode fazer aquilo? *

— Ela não devia ouvir-vos a vós? — segredou Reyhana.

— É sceltita — resmungou Cassidy. — Não ouve ninguém.

— Ouve o Príncipe Gray — salientou Reyhana.

Fora essa aliança em particular de Príncipe dos Senhores da Guerra e sceltita que tinham sido uma tremenda dor de cabeça desde que Lucivar, Karla e os restantes Sangue de Kaeleer tinham partido fazia dois dias. A grande diferença entre cão e homem era que Vae não parava de latir, a menos que estivesse sentada ou a dormir e Gray não falava com ela. Não lhe dirigira uma singela palavra desde que Karla a considerara recuperada a ponto de sair do quarto na hospedaria. Todavia, estava sempre por perto, atentando em tudo o que ela fazia. A julgar tudo o que ela fazia.

Gray? Mordo-lhe?

— Não — disse Cassidy, largando o ancinho e levantando-se do ponto onde ela e Reyhana tinham estado a mondar. — Não *podes* morder. Gray, diz-lhe!

Os olhos verdes de Gray exibiam um olhar selvagem, um olhar que não estava presente antes de ter sucumbido. Aquele não era o rapaz que tinha sido lesado pela tortura e que ficara paralisado a nível emocional e mental. Além disso, estava para além do homem em que Gray se viera

tornando desde que o conhecera. Tratava-se de um desconhecido de temperamento intenso que estava irritado com ela mas recusava discutir a razão de tal raiva.

Bom, tudo bem.

Não, não estava tudo *bem*.

— Gray, quero dar-te uma palavrinha — disse Cassidy, afastando-se dos restantes homens que rondavam o jardim, a vigiá-la. Quando ele não se mexeu, rosou: — Jared Blaed, *ao meu serviço!*

Isso chamou-lhe a atenção. Os seus olhos lançavam faíscas ao avançar em passos largos até onde Cassidy se encontrava e a Rainha precisou de toda a força que tinha para não ceder perante o que avançava para ela.

Príncipe dos Senhores da Guerra. A maior parte do tempo, não era difícil esquecer que Gray pertencia a essa casta de machos. Nunca olvidava o tipo de homem com quem estava a lidar quando estava junto de Theran ou Talon ou Ranon, mas a casta não fora o odor psíquico dominante quando estava junto de Gray. Até então.

— Julgas que se me chamares pelo meu nome verdadeiro vais conseguir que faça o que queres? — disse Gray com brusquidão. — Não sou um miúdo, Cassidy.

Olhou de relance para os restantes homens. Estavam todos a prestar atenção àquele pequeno drama, por isso falou em voz baixa:

— Enganei-me, cometi um erro de discernimento. Acontece. Lamento ter-te transtornado...

— Um erro de discernimento. — O seu tom de voz era inflexível. — Quase te mataste *sem razão* e ainda achas que não passa de um erro?

Começou a afastar-se. Ela agarrou-o pelo braço — afastando a mão de repente, surpreendida por ouvi-lo rosar.

— Gray, fala comigo — rogou.

— Não tenho nada a dizer.

Cassidy sentiu a sua própria fúria a libertar-se. Sentia esse fervor a percorrer-lhe o corpo até julgar que o cabelo ia erguer-se como um leque de fogo.

— Se não vais falar comigo, então é melhor que fales com alguém pois já me fartei desse temperamento e do teu silêncio.

— Tudo bem. Assim farei. — Ao afastar-se dela, Gray gritou: — Vae! Vens comigo.

— Pelo menos assim deixam-me em paz — resmoneou Cassidy ao regressar ao jardim com passos pesados.

Reyhana desviou o olhar, lutou com uma erva daninha e praguejou educadamente quando arrancou a parte da cima da planta, deixando a coifa.

— Não podes arrancar as coifas dessas ervas a menos que o faças depois de uma grande chuvada — disse Cassidy, ajoelhando-se ao lado da mulher mais nova. — Mas podes recorrer à Arte para criar um buraco em redor da raiz de modo a arrancá-la.

— Podeis mostrar-me? — pediu Reyhana.

— Posso — respondeu Cassidy, acrescentando em silêncio: *Sem aqueles dois a latirem aos meus ouvidos.*

Ranon viu que Gray se dirigia a ele. A prudência e o treino advertiam-no de que deveria criar um escudo quando outro guerreiro se aproximava de um modo que bradava agressão. No entanto, tratava-se de Gray, por isso, manteve-se firme até que o outro homem deu o último passo, agarrando-o pelo colarinho da camisa.

— Vigia-a, Ranon — disse Gray com uma voz tão rouca que estava quase irreconhecível. — Ouviste? Mesmo sendo Primeiro Acompanhante, o Theran não se preocupa muito com ela para fazer o que está certo, por isso vigia-a até ao meu regresso.

— Onde vais? — perguntou Ranon.

O sorriso de Gray revelou-se acutilante.

— Sigo as ordens da minha Rainha. Vou falar com alguém.

Eu tomo conta do Gray disse Vae através de um fio psíquico privado dirigido a ele.

Ranon aguardou até Gray contornar a esquina da casa. Seguidamente, esfregou a cara com as mãos e suspirou. Depois de dias a observar a briga silenciosa de Gray e Cassidy, também ele queria falar com alguém. No entanto, teria de esperar pelo regresso de Gray — ou esperar que Talon se levantasse naquela noite e assumisse a vigília. Depois, iria à casa do avô e Yairen faria uma infusão de uísque condimentado e café, uma bebida que o idoso fazia apenas quando os homens precisavam de conversar com outros homens sobre questões complicadas.

Não tinha qualquer direito de interferir entre um homem e uma mulher, mas Cassidy também era sua Rainha e precisava de orientação para caminhar naquele fio da navalha em particular.

Atravessou o pátio e ajoelhou-se do outro lado de Cassidy, que o ignorou e continuou a explicar a Reyhana algo sobre arrancar a raiz completa de uma erva daninha.

— Escutai — disse Ranon em voz baixa —, provavelmente não deveis querer ninguém com um pénis a menos de vinte passos.

— Correcto — disse Cassidy, ainda sem olhar para ele.

— Se me prometerdes que nada fareis que vos possa magoar por estardes arreliada com o Gray, deixo-vos em paz. — Pouco depois de chegar a Dena Nehele, deixara as mãos em carne viva por estar furiosa devido a um acto de Theran. Nesse dia, a corte aprendera uma lição dura, pelo que não estava disposto a deixar que se repetisse. — Cassidy?

— Porque haveria a Rainha de se magoar por causa de um homem? — disse Reyhana, indignando-se em desafio.

A fúria de Ranon intensificou-se. Reyhana usava a Violácea; ele usava a Opala. Não podia deixar um desafio sem resposta, ainda que a rapariga fosse Rainha. *Especialmente* por ser Rainha.

— Minha irmã, estás a faltar ao respeito — disse Cassidy.

— Mas...

— Não — interrompeu Cassidy. — O Príncipe Ranon tem razões para fazer essa pergunta e, uma vez que pertence ao meu Primeiro Círculo, está no seu direito de me desafiar caso julgue que estou a agir de forma a lesar-me a mim própria.

— Oh — disse Reyhana, baixinho.

— Estais a perguntar-me como membro do Primeiro Círculo? — questionou Cassidy, olhando por fim para Ranon.

Abanou a cabeça.

— Pergunto como amigo.

Cintilaram emoções nos olhos cor de avelã que ficaram cheios de lágrimas por um instante — o que o levou a perguntar-se se alguém na corte anterior lhe oferecera mais do que dever.

— Nesse caso, dou-vos a minha palavra como amiga de que não agirei de modo imprudente devido a esta desavença com o Gray. — Hesitou, acrescentando depois por meio de um fio psíquico: *Esta alteração com o Gray transtorna-me, mas não me magoou.*

Ranon confirmou que entendera a diferença com um aceno de cabeça.

— Sendo assim, deixo-vos trabalhar.

Quando se virou para a hospedaria, ficou petrificado por um segun-

do antes de atravessar o relvado a passos largos. À excepção de Talon e Theran, todo o Primeiro Círculo o aguardava.

— A Rainha está bem? — perguntou Powell quando se juntou a eles. Ranon respondeu afirmativamente.

— Podemos fazer alguma coisa? — perguntou Archerr. — Powell, leste os livros do Protocolo mais a fundo do que nós. O que dizes?

— Deu-me a sua palavra de que nada faria para se magoar — disse Ranon com serenidade — sentindo desvanecer-se uma parte da tensão proveniente dos outros homens.

— Será que podemos surripiar umas cadeiras e uma mesinha algures por aí? — perguntou Shaddo.

— Para quê? — quis saber Archerr.

— Reparei que existem lajes debaixo da árvore grande — disse Shaddo. Algumas estão cobertas de vegetação, mas creio que poderemos usar essa área para as pessoas se sentarem à sombra.

— Ah. — Powell sorriu. — Cadeiras, uma mesinha, bebidas frescas e qualquer coisa para trincar. Um convite subtil para equilibrar trabalho e descanso.

— Se começarmos a desbravar as lajes e a levar móveis para debaixo da árvore, as nossas intenções não serão evidentes — e o motivo que nos levou a fazê-lo? — perguntou Archerr.

— Sim — disse Ranon. — No entanto, por vezes uma sugestão realizada por actos em vez de palavras é melhor entendida — e menor é a probabilidade de ofender.

Ebon Askavi

Senhor Supremo? Senhor Supremo!

— O que foi agora? — resmungou Saetan. Pousando o livro e o copo de yarbarah acabado de amornar, levantou-se da confortável cadeira almofadada. Será que *ninguém* se lembrava de que se retirara dos Reinos dos vivos? — Entre.

Porém, foi Gray e não Vae que entrou. Bastou olhar para o rosto do jovem Príncipe dos Senhores da Guerra para que Saetan entendesse a razão daquela visita.

— A Senhora Cassidy disse que eu precisava de falar com alguém — explicou Gray.

Claro que disse, pensou Saetan. Reparando na forma como Gray olhava para os móveis e parecia prestes a explodir, enviou um pensamento a Draca, a Senescal da Fortaleza. *Preciso já de lenha num dos pátios e reforços daqui a cerca de meia hora.*

Já pensei nisso respondeu Draca. *Está tudo a postos.*

Não é preciso estar com esse ar tão divertido resmungou Saetan. Pegando em Gray pelo braço, disse: — Já vamos falar, tudo a seu tempo.

Sol e sombra, pensou Saetan enquanto levava Gray para o pátio. Caso se expusesse à luz do sol acabaria com uma terrível dor de cabeça sendo que a manhã já ia adiantada, mas se ficasse à sombra teria tempo para resolver a questão de Gray antes de ter de se recolher.

— Observa — disse Saetan. Pegou num pedaço de lenha, segurou-o por cima de uma grande barrica de madeira cortada ao meio, libertou uma explosão ínfima de poder Vermelho pelas mãos — e transformou em lascas um pedaço de lenha tão grande como uma perna.

Gray olhou para dentro da barrica e franziu o sobrolho.

— Agora é a tua vez — instruiu Saetan.

— Porquê?

Fitou o jovem até Gray pegar num pedaço de lenha.

— Não sei fazer isso — disse Gray.

Sabes, sim. Colocando as mãos por baixo das mãos de Gray, ensinou ao rapaz a destruir um objecto por meio do poder. Nada que Gray não conseguisse realizar seguindo o instinto. Contudo, a libertação de poder com vista à destruição de tudo o que se atravessasse no caminho não era o mesmo do que libertá-lo controladamente com um objectivo.

Assim que Gray ficou com a noção de quanto poder Violáceo podia usar para rebentar a lenha e transformá-la em lascas de tamanho aceitável, Saetan foi para a sombra observar Gray a esgotar a raiva que crescera a ponto de carecer de um alvo.

Quando Gray parou momentaneamente, a barrica já estava cheia de lascas até meio e ele disse:

— Porque estou a fazer isto?

— Tens dinheiro para substituir os móveis se os fizeres em bocadinhos? — perguntou Saetan calmamente.

— Não.

— É por isso que estás a fazer isto. Partir lenha usando a força de músculos em vez da Arte também resulta, desde que não te esqueças de criar um escudo antes de pegar no machado. Não há motivo para

ser negligente ou estúpido só porque a cabeça não pára de remoer num problema. Neste caso, estás descarregar parte da fúria transformando lenha em lascas. — Saetan fez um compasso de espera, acrescentando de seguida: — Lascas essas que, segundo me disseram, são uma excelente mistura para a terra de um jardim.

Gray ficou boquiaberto. Depois disse precipitadamente:

— Jardim? Estou a fazer composto *para um jardim*?

— É irónico, não é?

Gray bufou. Começou a andar de um lado para o outro. Fez explodir mais alguns pedaços de lenha, transformando-os em lascas.

Por fim, resmoneou:

— Parece que a Cassie vai ter muito composto para os jardins dela.

— Pois eu sei de várias Rainhas que têm sempre bastante composto para os seus jardins — disse Saetan.

Greta contemplou a barrica e suspirou, o sinal pelo qual Saetan aguardara como indicador de que já fora gasta grande parte da fúria do rapaz.

— Há água na mesa que está ali — indicou Saetan. — Bebe um copo. Deves estar a precisar.

Na mesa, havia mais do que água. Para além de uma bacia de água morna, sabonete e uma toalha, também lá estava um prato de fruta, queijo e pequenas sanduíches, bem como um copo de vidro escuro com yarbarah.

Ficou a ver Gray a lavar-se antes de servir um copo de água e de o beber. Força e cicatrizes — e a fúria que tornava os Príncipes dos Senhores da Guerra donos da sua própria vontade. Além de um pouco mais de qualquer outra coisa. Gray voltou a encher o copo de água, hesitou um pouco junto ao prato de comida, pegou no yarbarah e levou-o até Saetan.

Uma escolha simples, que viera confirmar o motivo pelo qual Jared Blaed Grayhaven fizera a viagem desde Dena Nehele até à Fortaleza em Kaeleer para falar com ele em vez de falar com Talon ou qualquer outro membro da corte de Cassie.

Gray fora até ali pelo mesmo motivo que Khardeen, Aaron, Chaosti e Elan o tinham procurado quando precisavam de debater as frustrações provocadas por uma mulher que era amante para além de Rainha. Fora o tio honorário da Corte das Trevas, bem como Administrador, mesmo antes da formação oficial da corte. Esses jovens tinham-no pro-

curado por confiarem nos seus conselhos. Nem sempre gostavam do que ouviam, mas sabiam que podiam confiar nele.

Pela Arte, fez pairar o prato de comida até ao banco onde Gray estava sentado, a beber água e a olhar para as lajes.

— Preferes falar ou ouvir? — perguntou Saetan.

Gray encolheu os ombros.

Não era uma reacção que o surpreendesse. Agora que a raiva esmorecera, a tristeza estava a tomar-lhe o lugar.

— Parece que agora está tudo *bem* — disse Gray entre dentes.

— Por outras palavras, Cassidy já se fartou de estares zangado com ela.

— Pois. Por isso, já não devia estar zangado. — A mão de Gray apertou o copo com força. — Mas eu estou zangado.

— Tens direito à tua raiva — disse Saetan com calma. — Da mesma foram, também terás de ser tu a decidir quanto tempo queres ficar agarado a ela. No entanto, as pessoas cometem erros. Na maior parte das vezes, os erros perdoam-se. Alguns erros são graves a ponto de destruir o que duas pessoas sentem uma pela outra. Outras vezes, a raiva não desaparece, o que significa que é necessário um afastamento.

— Um afastamento da Cassie? — Gray fez um ar chocado. — Não!

— Então tens de aceitar que ela cometeu um erro de discernimento.

— Ela não tem cuidado porque ela não se importa connosco.

Saetan bebeu o yarbarah, deixando que um silêncio arrepiante tomasse conta do pátio. Gray fitou-o sem comentários, atitude bastante sensata.

— Ela importa-se, Príncipe — disse Saetan. — Se pensas o contrário é porque andaste distraído.

Gray baixou a cabeça.

— Eu sei que ela se importa. Só não compreendo o que a levou a deixar a Arte prolongar-se a ponto de se magoar.

— O chicote que impele Cassie ganhou forma antes de chegar a Dena Nehele. Deixou marcas.

Gray levantou a cabeça e olhou para Saetan.

Não, pensou Saetan, *não é o Gray. Jared Blaed*. Dois lados da mesma pessoa. Gray era o homem que amava Cassie e os jardins. Jared Blaed era o Príncipe dos Senhores da Guerra dedicado à sua Rainha.

— Quem? — perguntou Jared Blaed com demasiada serenidade.

— Não importa — respondeu Saetan. — Tal como não importam

os homens que fizeram outra escolha em detrimento de Cassidy. O que *interessa* é que a mágoa ainda está inflamada dentro de Cassidy.

— Está a tentar provar que tem algo a oferecer-nos?

— Julgo que sim. É por isso que um acto simples realizado constantemente pelas Rainha em Kaeleer quase se tornou num erro trágico.

— Foi só um erro — disse Gray em voz baixa.

— Foi.

— Porque ela se importa e muito.

— De facto.

Gray suspirou.

A crise acabou, pensou Saetan, esvaziando o copo. *Até à próxima vez.*

— Come. Depois vai para casa serenar os ânimos com Cassie.

Gray olhou-o de soslaio. A avaliar. A examinar.

— Os ânimos seriam serenados mais depressa se eu e a Cassie pudessemos dormir juntos.

Saetan disse secamente:

— Rapazolas, temos quase a certeza de que a Marian está grávida e hoje ela está muito nauseada. O Daemonar pressente que algo se passa com a mãe por isso anda a fazer das dele e o Lucivar está prestes a mastigar pedra por andar a tentar dar conta do seu filho traquinas. Hoje *não* é o dia certo para falar com ele sobre sexo.

Uma pausa.

— Se tivéssemos a *vossa* permissão...

Riu-se delicadamente.

— Nem pensar, cria. O Lucivar teve boas razões para estabelecer limites firmes quanto ao que tu e a Cassie podem e não podem fazer, pelo que terá de ser ele a decidir quando achar que estás preparado para a próxima etapa. — Não parecia que Gray precisasse de uma tão grande protecção emocional como necessitara algumas semanas atrás, mas isso não significava que atingira a maturidade para se tornar amante de uma Rainha.

Ainda assim, o facto de começar a questionar tais restrições era um sinal positivo de que Gray estava a desenvolver-se e a tornar-se num homem são em vez de permanecer um rapaz magoado. Ciente da firmeza com que a trela tinha de ser mantida durante a transição de um jovem Príncipe dos Senhores da Guerra para macho adulto, Saetan acrescentou:

— Quanto a mim, rapazolas, essas razões ainda se aplicam.

— Oh. — Gray parecia ter ficado desiludido, mas só por um instante. Desviou a atenção para o prato que pairava a seu lado e comeu tudo com o entusiasmo de um jovem.

Vae surgiu na orla do pátio.

Gray? Gray! A Draca diz que está na hora de regressarmos. O Senhor Supremo irá abrir o Portão para atravessares. Depois tem de ir para a cama pois esta é a hora em que ele dorme.

Gray pôs-se em pé de um salto.

— Perdoai-me, senhor. Não pretendia impedir-vos de descansar.

Saetan hesitou. De certa forma, o que estava prestes a fazer era ínfimo, uma escolha simples. Contudo, se fosse aceite, a oferta e todo o significado subjacente ressoariam por Dena Nehele.

— Podes chamar-me Tio Saetan, se quiseres.

As palavras foram absorvidas. O significado foi entendido. Foi descartada mais uma camada interna de defesa que protegera Gray, o rapaz, mas que estorvava Jared Blaed, o homem.

No caminho através da Fortaleza até ao Altar das Trevas e ao Portão, Gray falou da povoação de Shalador e das pessoas que aí conhecera. Era patente que Ranon estava a tornar-se num bom amigo e que ele e Gray estavam a criar uma relação funcional típica de uma corte forte e saudável em que existia estima e respeito entre os homens — o tipo de relação funcional que presenciara na Corte das Trevas.

O que não ficara claro fora a forma como Theran estava a reagir aos dramas que se iam desenrolando em Eyota.

Terreille

Theran tentou ignorar as náuseas nas entranhas — e evitou não pensar na última vez em que Gray desaparecera. A julgar pela expressão tensa no rosto e pelo olhar sinistro, Talon também se esforçava por fazer o mesmo.

— Tens a certeza de que não se encontra na povoação? — perguntou Talon pela terceira vez.

Ranon abanou a cabeça.

— Já procurámos. Até procurei na casa onde recebem os machos descomprometidos. Não está cá.

Mãe Noite.

— Um de nós devia regressar a Grayhaven, não acham? — perguntou Theran. — É o único lugar que conhece em Dena Nehele.

— Pode ter regressado aos acampamentos de proscritos nas Montanhas de Tamanara — disse Talon.

— É possível — concordou Theran. — Mas não podia ir sozinho.

— Não foi — respondeu Ranon. — Levou a Vae com ele.

Como se ao pronunciar o nome tivesse invocado a cadela, Vae contornou a esquina da hospedaria e saltitou até junto deles.

Onde está a Cassie? perguntou a sceltita. *O Gray está à procura dela.*

— E eu estou à procura do Gray — resmungou Talon.

A cauda de Vae parou de abanar repentinamente. Girou sobre si, ficando virada na direcção de onde viera.

Gray? Gray! O Talon está à tua procura!* Logo partiu apressada, como se não dispusesse de mais tempo para os humanos.

Gray dobrou a esquina, com o ar descontraído que não se via desde o colapso de Cassidy. Quiçá tivesse *mesmo* ido àquela casa em busca de sexo.

Agora que sabia que Gray estava bem, a preocupação deu lugar à fúria. Theran berrou:

— Onde raio tens andado?

— Precisava de falar com alguém sobre a Cassie — disse Gray. — Por isso, fui à Fortaleza falar com o Tio Saetan.

Ranon arregalou os olhos, sem proferir uma única palavra.

As palavras pareceram garras geladas a rasgarem as costas de Theran. O Tio Saetan? *O Tio Saetan?*

Olhou de relance para Talon, sem saber como interpretar a expressão do homem mais velho.

— Compreendo — disse Talon calmamente. — Teria sido simpático avisar alguém para onde ias. Ainda vivemos dias difíceis. Um homem não devia sair daqui sozinho sem indicações quanto ao seu destino.

— Caso precisem de o procurar — disse Gray com igual calma.

Talon confirmou.

— As minhas desculpas, senhor. Estava zangado que não pensei nisso.

— Não tiveste problemas a viajar pelos Ventos? — perguntou Talon. Gray abanou a cabeça.

— Pedi à Vae que fosse comigo e me mostrasse quais as linhas radiais e quais as de orientação que devia seguir no Vento Violácea para poder chegar à Fortaleza a partir daqui.

— Ainda bem.

Ainda bem? Theran fitou Talon. O que se estava ali a passar? Obviamente que tinham de ser cuidadosos. Bastavam algumas palavras mais ríspidas para que Gray fosse choramingar para um canto, mas Talon devia estar a ralhar forte e feio pelas horas que a corte passara à procura de Gray, ao mesmo tempo que tentavam ocultar que o desaparecimento não chegasse aos ouvidos de Cassidy. Ao invés, Talon quase parecia respeitoso e isso não estava certo. Fogo do Inferno, Talon *criara* os dois, instruíra-os, protegera-os.

Ranon virou a cabeça, tudo no homem em alerta um segundo antes de descontrair.

— Cassidy, Shira e Reyhana estão de volta do passeio.

— Faz-me o favor de solicitar à Senhora Shira que transmita o meu pedido para ser recebido pela Rainha — disse Gray.

Ainda surpreendido, Theran balançou nos calcanhares perguntando-se se aquele homem à frente deles seria mesmo o seu primo Gray. Um bom feitiço ilusório era capaz de enganar o olhar. Fogo do Inferno, já tinham perdido muitos homens com esse tipo de enganos — e isso deveria ter comprovado que as Rainhas deturpadas aliadas de Dorothea SaDiablo dispunham de Viúvas Negras ao seu serviço nas cortes.

— A Senhora Cassidy irá receber-te debaixo da árvore — disse Ranon pouco depois.

Gray olhou para a árvore e sorriu.

— Desbastaram aquela área de repouso.

Ranon encolheu os ombros.

— Foi a forma de nos mantermos por perto, mas sem nos atravessarmos no caminho.

Gray mexeu-se, como se tencionasse abalar. Depois olhou para Talon.

— Lamento ter-te deixado preocupado, bem como ao resto da corte.

— Normalmente, informa-se o Administrador ou o Guarda-Mor, mas também pode ser qualquer membro do Primeiro Círculo — disse Talon.

— Sim, senhor. — Gray avançou até à árvore para aguardar Cassidy. Os três homens ficaram a vê-lo, até que Talon esfregou o rosto.

— Mãe Noite.

Virando-se de costas para Gray e esforçando-se por manter a voz baixa, Theran dirigiu a raiva a Talon.

— Passámos meio dia à procura dele nesta terra e tu és todo *delicadezas* quando ele aparece como se nada fosse? Porquê?

— Duas palavras — respondeu Talon. — Tio Saetan.

Ranon bufou.

— Pois, isso muda umas quantas coisas, não muda?

— Muda — concordou Talon.

— Muda o quê? — questionou Theran.

— O Gray já não é um rapaz — disse Talon. — Ensinei-lhe o que pude. Agora será o Senhor Supremo do Inferno a ensinar-lhe o resto. Theran, ninguém chamaria “tio” a *esse* homem sem que lhe fosse alvitrado. A simples verdade é que ele compreende o Gray melhor do que eu.

— Sendo assim, *ele* que vá procurá-lo da próxima vez que o Gray se portar como um idiota — retrucou Theran.

Foi-se embora. Tinha de ir. Nada era como esperara que fosse. Aquela visita a Eyota mostrara-lhe quão inadequada era Cassidy para governar Dena Nehele. Não tinha a mínima noção de estilo, nenhum sentido de decoro, nenhum *bom senso*. Era a filha de um faz-tudo que, por alguma espécie de combinação bizarra de linhagens, nascera Rainha por mero acaso.

Prometera esforçar-se por ser um adequado Primeiro Acompanhante, mas a cada dia que a corte ali passava tornava-se mais difícil manter essa promessa.

O problema é que não havia outra hipótese.

Trazia um chapéu posto. Tal como Shira e Reyhana, embora a pele delas não sofresse escaldões ao sol como acontecia a Cassie.

Tirou o chapéu e fê-lo desaparecer no momento que alcançou a sombra da árvore, fazendo-o sorrir abertamente.

— Solicitaste uma audiência, Príncipe? — disse Cassie.

Ainda continuava irritada. Bom, talvez merecesse.

— Transformar lenha em lascas de madeira para composto funciona para a fúria feminina ou só para a dos homens? — perguntou.

— O quê? — Um instante de perplexidade. Arregalou os olhos como se a pergunta acabasse de fazer sentido.

— Gray, onde é que foste hoje?

— Fui visitar... — *O Tio Saetan*. Dizê-lo a Talon fora uma mensagem. Dizê-lo a Cassie poderia ser interpretado como gabarolice. — ...o Senhor Supremo.

— Porquê?

— Disseste que falasse com alguém.

— Eu sei, mas... — Balbuciou até uma cadeira e sentou-se. — O que disse ele? — Ergueu uma mão. — Não. Não respondas. As conversas entre os dois são privadas.

Ficou satisfeito por ela reconhecer que um homem precisava de manter alguns pensamentos e sentimentos privados — mesmo tratando-se da mulher que amava.

— Não disse muita coisa — intentou, sentando-se na outra cadeira. — Ensinou-me sobretudo a usar Arte e poder para transformar lenha em composto de lascas de madeira.

Cassidy olhou em redor. Seguidamente, abanou a cabeça.

— O Paço dos SaDiablo tem acres de jardins e pátios interiores e todos têm um composto lenhoso que sempre julguei maravilhoso. Lembro-me de ter perguntado ao Tarl, o jardineiro principal, onde poderia encontrá-lo para o jardim da minha mãe e ele perguntou se eu tinha um irmão. No entanto, não ofereceu mais explicações. Não achas...?

Gray resfolegou.

— Enchi meia barrica até o Senhor Supremo decidir que já desgastara quase toda a fúria. Quanto a mim, é um homem prático cujos tratadores dos terrenos recebem muita ajuda gratuita.

Cassidy deu uma gargalhada e esse som mitigou algo dentro dele.

— Queres gritar comigo? — perguntou Gray. Vislumbrou carinho e humor naqueles maravilhosos olhos cor de avelã.

— Estou seriamente a considerar fazê-lo — respondeu.

Uma pergunta e resposta que faziam parte de um ritual, algo que era deles.

Estendeu a mão. Sem hesitar, ela deu-lhe a sua.

— Vamos regressar a Grayhaven amanhã? — perguntou ele.

Cassie confirmou.

— Está na altura. O Powell irá enviar alguns livros de Protocolo para que Reyhana, Janos e mais uns quantos possam aprender o essencial.

— Janos? Julguei que estaria mais interessado em armas do que em livros.

— E está. — O sorriso de Cassie aumentou. — Porém, tem um irmão mais velho que decidiu que ele irá aprender Protocolo, senão...

— O Ranon vai estar em Grayhaven — salientou Gray. — Será fácil esquecer os livros se o irmão mais velho não andar em cima dele.

— Será difícil esquecer-se uma vez que irá ser sujeito a um teste da próxima vez que eu vier aqui em visita e as suas capacidades irão determinar se irá ou não acompanhar Reyhana, uma vez que também ela regressará para uma visita.

— Ah. Suborno. — Olhou para a hospedaria. Precisava de alguns cuidados, mas ele sentia-se bem naquela casa, naquela povoação. Como se pertencesse ali. — Quer dizer que faremos outra visita?

Cassie anuiu.

— Espero ter oportunidade de conhecer algumas das outras Rainhas que sobreviveram à tempestade de feiticeira e que estão a reinar em pequenas partes de Dena Nehele. Se desconhecem como passar o poder à terra, terei de ensinar-lhes. Com cuidado.

Um toque psíquico no ombro fê-lo olhar para a casa.

— O Ranon está a chamar. Parece que é hora de jantar.

— Parece que sim.

Entraram na sala de jantar de mãos dadas. Gray reparou que todos os homens do Primeiro Círculo faziam questão de lhe chamar a atenção para lhe sorrirem ou fazerem um aceno com a cabeça.

Todos os homens, à excepção de Theran.

Kaeleer

A porta do gabinete abriu-se sem que antes batessem à porta nem se ouvisse qualquer outra solicitação para entrar.

Ligeiramente incomodado pela intromissão, Daemon levantou a cabeça — e o incómodo deu lugar a um deleite afectuoso. Afastou-se da secretária e deslizou até ao ponto onde Surreal o aguardava.

— Bem-vinda de volta — disse Daemon, beijando-a na face.

— É bom estar de volta — respondeu, prendendo o cabelo comprido e preto atrás de uma orelha delicadamente pontiaguda. — Embora possa ter causado uma pequena crise doméstica.

— Ai, sim? — Daemon levantou uma sobrancelha. Como ninguém entrara de rompante no gabinete para dar conta de uma crise, não podia ser assim tão mau.

— Os Dea al Mon têm ideias bastante... fluidas... sobre o tipo de verduras que pertencem dentro das suas residências. Ainda agora, quando o Beale me acompanhou aos meus aposentos, fiquei tão entusiasmada por ter uma árvore a crescer no meio do meu quarto... Bom, abracei-o.

Daemon riu-se.

— Deixa lá que ele vai sobreviver. Além disso, tendo em conta as circunstâncias, estou certo de que a D. Beale irá perdoar-te.

— Se isso não acontecer, protejo-me atrás de ti.

Não seria provável. Surreal não deixava as suas brigas por mãos alheias. Tinha um corpo feminino de aspecto delicado pese embora possuísse uma força vigorosa. Um belo rosto e uma pele beijada pelo sol. Cabelo preto. Olhos verde-dourados. Ademais, aquelas orelhas delicadamente pontiagudas. Herdara a tez do genitor haylliano, mas o aspecto pertencia ao povo da mãe e era absolutamente Dea al Mon.

— A Jaenelle está em Halaway com a Sylvia, a Tersi e Rainier. O Mikal vai tocar num recital e vão todos assistir — informou Daemon.

— E tu safaste-te porque...?

— Ouvi os ensaios do Mikal e encontrei vinte e sete formas diferentes de dizer: “Foi bom, mas ainda precisa de ser trabalhado”. Enviei o Rainier como meu representante para que houvesse uma presença masculina — além de que prometi à minha esposa uma noite de sexo excepcional se pudesse faltar às festividades.

Surreal riu-se.

— Mas não proporcionas sexo excepcional todas as noites à tua mulher?

— Sim, mas em certas noites, excepcional é um bocadinho mais especial — ronronou.

Ela pestanejou. Engoliu em seco.

— Merda, nem sequer me atrevo a pensar nisso sem ter por perto uma banheira cheia de água fria.

Daemon manteve uma cara séria, mas com algum esforço. Estava preocupado com ela. Ter ficado presa naquela maldita casa arrepiante no Outono anterior e o tempo que levava a recuperar dos ferimentos

que aí sofrera, para além do facto de Rainier não ter hipóteses de recuperar completamente dos seus próprios ferimentos, deixara chagas emocionais.

O tempo que passara com os Dea al Mon fizera-lhe bem. A nível físico, parecia vender saúde. A nível emocional, sentia que tinham sido alisadas algumas arestas. Além disso, parecia que havia qualquer outra coisa nela. Algo mais.

— Queres sentar-te? — Indicou o lado informal do gabinete. — Vou pedir ao Beale que traga um tabuleiro a menos que queiras uma refeição mais substancial.

— Temos um assunto a discutir. — Surreal inclinou a cabeça, indicando a secretária em madeira escura. — Mas vamos para ali. A comida pode esperar.

Daemon olhou para a secretária em madeira escura e depois para Surreal.

— Tudo bem. — Foi para a sua cadeira atrás da secretária, cruzou as pernas e juntou os dedos das mãos à sua frente, apoiando o queixo nos indicadores. Ficou a vê-la sentar-se na cadeira do outro lado da secretária.

Formal. Oficial. O que tinha para dizer seria transmitido ao Príncipe dos Senhores da Guerra de Dhemlan e não a Daemon Sadi.

Ficaram sentados e calados, observando-se mutuamente, sentindo-se à-vontade no silêncio. Ambos tinham consciência da tensão que ali se ia instalando.

— Há anos, quando voltaste a encontrar-me depois do assassinato de Titian, encarregaste-te de me colocar a aprender numa casa da Lua Vermelha — disse Surreal.

Engoliu a raiva, tal como acontecera nessa altura.

— Eras pouco mais do que uma criança e andavas a prostituir-te nas ruas para sobreviver. Não era lugar para ti. Não tinha direito nenhum de ditar a tua escolha profissional, mas tinha forma de te facultar uma instrução que te proporcionaria mais opções — e uma vida melhor.

— Não teria aceitado a tua amizade ou auxílio se tivesses tentado impor a tua vontade.

Daemon sabia disso.

— A razão que me deste para me ajudares foi que a minha linhagem dupla significava que viveria séculos. Dois mil anos. Talvez mais. Podia ser metade da esperança de vida normal das raças de longevidade

prolongada, mas ainda assim é muito tempo em comparação com as restantes. — Remexeu-se na cadeira. — Não teve grande significado para mim pois viajava muito por Terreille, a trabalhar em casas da Lua Vermelha e a aprimorar as minhas capacidades de assassina. Poderia passar mais de uma década até regressar a uma cidade em particular. Vi envelhecer jovens a quem tinha proporcionado a primeira experiência sexual. Não tinha grande importância. Não eram mais do que momentos passageiros na minha vida.

Ela estava a preparar a questão, por isso Daemon aguardou sem dizer nada.

— Estas semanas que passei com os Dea al Mon... — Surreal suspirou. — Fogo do Inferno, Sadi. Uma manhã, estava a tomar o pequeno-almoço com a Avozinha Teele quando me dei conta que era uma velhota. Depois, olhei para a Gabrielle — uma bela e dinâmica Rainha de vinte e tal anos — e soube que haveria de chegar o dia em que iria *visitá-la* e me depararia com uma idosa. E Chaosti. Poderoso. Viril. A proteger a sua terra, o seu povo e a sua Rainha. Ama a sua mulher e o seu filho. Não são pessoas temporárias na minha vida. Constituem o outro lado da minha família e vou vê-los envelhecer. Vou vê-los morrer. Mesmo que se tornem demónios-mortos por algum tempo, o mais provável é que deixem de fazer parte da minha vida.

Daemon sentiu um aperto na garganta. Engoliu em seco para conseguir falar.

— Onde queres chegar?

— A visita à família da minha mãe ajudou-me a decidir o que vou fazer nas próximas décadas da minha vida.

Ergueu a sobrancelha em jeito de pergunta.

— Vou trabalhar para ti.

Não sabia bem o que esperar, mas certamente não seria aquela resposta.

— Porquê?

— Porque não tens tempo a perder — disse Surreal com serenidade. A verdade daquelas palavras foi como uma facada no coração.

— Daemon, aguardaste mil e setecentos anos por um sonho. Dispões, na melhor das hipóteses, de algumas décadas com o amor da tua vida. Quer queiras admitir quer prefiras não o fazer, deves ter uma ampolheta na cabeça e cada dia que passa é mais um grão de areia que cai para a parte inferior do vidro.

— Pára — sussurrou.

— Não tens tempo para andar a investigar problemas de menor importância comunicados pelas Rainhas de Província e de Distrito — muito menos para merdinhas como o jogo que a Vulchera tentou fazer. — Sorriu com frieza. — Para um povo que se mantém isolado, os Dea al Mon estão surpreendentemente bem informados quando assim desejam. Por isso, chegou-me aos ouvidos a festa na casa de campo da Senhora Rhea e como Vulchera tentou insensatamente enredar o Príncipe dos Senhores da Guerra de Dhemlan numa chantagem sexual.

Também te chegou aos ouvidos a forma como o Senhor Supremo do Inferno a matou? — Qual é a tua proposta?

— Vou ser a tua adjunta. — Um brilho intenso e feríssimo surgiu naqueles olhos verde-dourados. — Uma adjunta em quem possas confiar para te proteger.

Não proferiram o nome. Não era necessário.

— Em princípio, irei trabalhar grande parte do tempo na casa de cidade em Amdarh.

— Sentiste falta da cidade? — perguntou Daemon placidamente.

— Fogo do Inferno, claro que sim. Tomar banho debaixo de um baldaquino de videiras carregadas de folhas tem o seu romantismo — até um bicharoco enorme cair das folhas para a água do banho.

Era tentador arrelia-la perguntando se teria sido um escaravelho, mas isso teria sido maldoso e ele entendia a generosidade da oferta que lhe estava a fazer. Precisava de trabalhar, precisava do desafio de tomar conta das propriedades e fortuna da família SaDiablo, precisava das exigências de governar Dhemlan. Se passasse todo o seu tempo e usasse todas as suas forças em mais nada para além de Jaenelle, iria asfixiá-la, não lhe dando oportunidade de viver para além daquilo que partilhavam. Todavia, permitir que alguém aceitasse o fardo das visitas rotineiras às Rainhas de Província significava a possibilidade de passar algum tempo na casa de Jaenelle em Scelt — e passar algum tempo com os amigos que daí a um século não passariam de memórias.

— Também conto procurar uma residência aqui em Halaway — informou Surreal. — Talvez pergunte ao Rainier se quer partilhar casa comigo.

Daemon semicerrou os olhos.

— O Paço tem imenso espaço. Além disso, tem alas tão distantes

dos aposentos da família que podem ser considerados como uma residência à parte.

— Para quem anda sempre a comprar propriedades, estás a ser tapadinho. Quero uma casa para mim. Quero uma casa que não pertença à família SaDiablo nem a ti. Quero um sítio que tenha o meu nome na escritura. Uma vez que contratei o Senhor Marcus como meu homem de negócios porque também trata dos teus, calculo que devas saber que consigo pagar quase todo o tipo de casa que deseje.

— O Marcus jamais revelaria informações confidenciais — disse, com um toque de advertência na voz.

— A qualquer outra pessoa? Não, jamais — concordou Surreal. — Mas será que se recusa a responder a uma pergunta que lhe faças? — Abanou a cabeça. — É o mesmo que julgar que a firma que trata dos investimentos da família não responderia a qualquer pergunta do Tio Saetan acerca de um membro desta família.

Era verdade, mas não iria admitir em voz alta.

— Por isso, sabes bem que posso pagar a minha própria casa — afirmou Surreal. — Além disso, vais pagar-me um salário escandalosamente generoso.

— Vou?

— Vais.

Sorriram. Até que o sorriso de Daemon se desvaneceu.

— Disseste o que vou ganhar com isto — e fico-te grato por isso. O que ganhas tu com este acordo para além de um salário escandalosamente generoso?

O sorriso dela também se desvaneceu.

— Tenho saudades do Rainier — disse.

— Surreal...

Ela riu-se baixinho.

— Descansa. Sei bem que ele preferiria namoriscar contigo do que comigo, mas ele não deseja a morte. No entanto, é um amigo ímpar. O amor nem sempre tem a ver com sexo. A conversa que tive com a Karla acerca da família que ela constituiu com a filha adoptiva e o seu Guarda-Mor levou-me a perceber isso mesmo. Estimo muito o Rainier, Daemon.

— Se tiveres uma casa tua, irás contratar serviçais? — perguntou Daemon.

Ela resfolegou.

— Podes crer. Não quero tratar sozinha da limpeza e da comida.

— Muito bem. Sendo assim, a D. Beale e a Helene não irão queixar-se de ti da mesma forma que se queixam dele.

— Queixam-se do Rainier porquê?

— Porque ele tem um quarto alugado numa das estalagens da povoação em vez de ter os seus aposentos aqui no Paço. O que significa que não estão a tomar conta dele como deve ser. Não vão tão longe a ponto de criticarem a cozinheira ou a estalajadeira uma vez que as conhecem; continuam, simplesmente, a insistir que não é adequado ao secretário do Príncipe dos Senhores da Guerra de Dhemlan contentar-se com um quarto numa estalagem em vez de residir numa casa a sério com serviços para tomarem conta dele.

— Precisa que tomem conta dele?

O Príncipe entendeu a preocupação na voz dela e emitiu um som tosco.

— Não precisa mais do que tu, mas a necessidade efectiva *nunca* interessa nestas discussões.

A expressão de Surreal passou de preocupação para um deleite cauteloso.

— Quantas vezes é que te põem entre a espada e a parece pela recusa obstinada de Rainier em reconhecer este dever em particular?

— Todas as semanas. Por isso, se queres mesmo tornar-te minha adjunta, irás arcar com esta maçada específica.

Rindo, Surreal levantou-se e aproximou-se da secretária.

— Combinado. — De seguida, apoiou as mãos na madeira escura e inclinou-se para ele, regressando aos seus olhos aquele *algo* intenso e feríssimo.

— Só uma pergunta. O Lucivar tem razões para se preocupar não vá o Falonar aparecer de repente atrás dele?

O sangue de Daemon gelou e percebeu que os seus olhos tinham ficado vítreos e letárgicos. Mais ninguém se atrevera a colocar tal questão. Nem sequer Lucivar. Umhas semanas atrás, antes de passar algum tempo com os Dea al Mon, Surreal também não se teria atrevido a fazer aquela pergunta.

Sorriu-lhe — um sorriso gélido e brutalmente dócil — e o Sádico disse com uma serenidade extrema:

— Mais ninguém precisa de se preocupar com o Falonar.

CAPÍTULO 8

Terreille

Gray observou Cassie pelo canto do olho, tentando não andar muito à volta dela a importuná-la. O tio Saetan tinha-lhe enviado um recado por mensageiro especial avisando-o de que demasiada atenção e constante importunação poderiam transformar a mulher mais doce numa cabra enraivecida. Não é que tivesse usado aqueles termos, mas era essa a mensagem.

Era difícil não lhe dar atenção uma vez que estava sentado com Cassie, Ranon e Shira num dos quadrados da Carruagem compostos por quatro bancos. Powell reclamara para si um dos bancos em redor da mesa para poder tratar de papelada, os restantes homens estavam divididos em pequenos grupos conversando ou calados e Vae estava estendida no chão precisamente no caminho de quase toda a gente, a ressonar baixinho. Talon encontrava-se no pequeno quarto nas traseiras da Carruagem. Cassie insistira para que fizesse a viagem ali, de modo a ficar abrigado até ao pôr-do-sol, sem precisar de ser incomodado pelos restantes quando regressassem a Grayhaven.

Era difícil não lhe dar atenção quando estava sentado ao lado dela. Era ainda mais difícil não a aborrecer com minudências, embora ela ainda não se tivesse queixado, por isso calculou que estivesse a manter essa propensão bem controlada.

Até que Cassidy marcou a página, fez desaparecer o livro que estava a ler e fechou os olhos.

— Estás cansada? — perguntou Gray, tentando manter um tom de voz descontraído, enquanto tudo nele ficava de sobreaviso.

— Estou só a ficar com preguiça — respondeu.

Olhou de relance para Ranon, cuja atenção também se intensificara.

Shira disse:

— Graças às Trevas. Julgava que desconhecias a palavra.

Cassie sorriu — e Gray ficou mais descontraído. Passou o braço por cima dos ombros dela e moveu-se de modo a que ela pudesse pousar a cabeça no seu ombro. Tocou-lhe delicadamente no cabelo com os lábios.

— Não há nada para fazer por agora, por isso descansa, Cassie. Descansa.

— Ranon, tocas para nós? — perguntou Shira.

Ranon fulminou a amante com o olhar. Antes que pudesse dar alguma desculpa ou simplesmente recusar, Cassie disse:

— Seria muito agradável.

Armadilha armada e accionada, pensou Gray, esforçando-se por manter uma expressão séria enquanto olhava para a expressão carancuda do amigo. Ranon invocou a flauta de Shalador e começou a tocar.

As notas serpentearam como um riacho a abrir caminho por um prado estival. Suave. Tranquilo. Gray não sabia ao certo se estava a ouvir uma música ou somente uma nota atrás de outra. De qualquer forma, era tranquilizador. Em poucos minutos, ambas as mulheres tinham adormecido.

O barulho dos papéis e o murmúrio de vozes masculinas enlaçavam-se com a flauta e Gray sentiu que os homens começavam a descontraír. A Rainha estava em segurança e satisfeita, por isso podiam permitir-se baixar a guarda e repousar.

Têm orgulho dela disse Ranon através de um fio psíquico masculino. *Pregou-nos um belo susto quando se exauriu daquela maneira, mas agora há uma sensação de orgulho no ar. Ainda mais do que quando defendeu aquela família plebeia.*

Porque não haveriam de estar orgulhosos por servirem Cassie? perguntou Gray.

Ranon demorou um minuto a responder e a música tornou-se agri-doce.

*Todos nós presenciámos muita coisa, Gray. Todos nós fizemos muito em defesa do nosso povo para confiar sem reservas. Quando ela nos apareceu à frente naquele primeiro dia, soubemos que lhe pertencíamos e isso assustou-nos. Não sabíamos que tipo de mulher estava ali a reivindicar a nossa lealdade e a nossa honra. Agora, conseguimos aferir

melhor o tipo de Rainha que servimos e quase todos nós temos orgulho de pertencer ao seu Primeiro Círculo.*

Quase.

Theran estava sentado à frente de Powell, de rosto virado para a parede exterior da Carruagem, ignorando toda a gente, mantendo-se afastado dos restantes.

Era lamentável que Cassie e Theran tivessem regressado a uma situação de tolerância tensa um do outro. A paz hesitante que se instalara entre os dois após Cassidy ter encontrado o tesouro de Lia desfizera-se sob a pressão provocada pelo facto de ela ter esgotado o poder na terra. Tinham todos regressado ao ponto em que eram obrigados a suportar o descontentamento notório de Theran para com a Rainha que trouxera de Kaeleer.

Lamentava que Theran estivesse infeliz, mas todas as outras pessoas de Grayhaven — incluindo os serviçais — estavam satisfeitos por servir Cassie, por isso teria de ser Theran a aceitar o modo como ela governava. Uma vez que Theran percebesse que o entendimento dela quanto à ligação da Rainha à terra iria contribuir para ajudar o povo, talvez conseguisse aceitá-la como a Senhora com a capacidade para recuperar Dena Nehele.

— Sabes jogar xadrez? — perguntou Cassidy a Shira quando caminhavam da teia de desembarque até à mansão dos Grayhaven.

— Sim, sei — respondeu Shira ao mesmo tempo que Ranon dizia:

— Não, não sabe.

Cassidy deu uma gargalhada.

— Disseram-me que o xadrez não é um jogo que deva ser jogado entre géneros. O estilo de jogo é demasiado diferente para ser compatível.

— Estilo de jogo? — disse Ranon entre dentes. — A irracionalidade não é “estilo”.

— Na Corte das Trevas, se um macho não conseguia portar-se bem quando jogava xadrez com uma mulher, era obrigado a jogar peixinho com ela em compensação.

— Peixinho? — perguntou Shira.

— Um jogo de cartas que a Jaenelle jogava quando era criança e que desenvolveu posteriormente. Bom, ela e a assembleia desenvolve-

ram-no a partir das bases. Os homens abominavam jogar pois o raciocínio deles não possui a flexibilidade necessária.

Gray resfolegou. Ranon rosnou.

Cassidy olhou para Shira, que lhe piscou o olho, mantendo uma expressão séria.

Sentia-se bem. Repousada. Preparada para o desafio seguinte. No dia seguinte iria escrever uma carta geral a todas as Rainhas de Dena Nehele, lembrando-as subtilmente do ritual básico de enriquecimento da terra por meio do poder. Se elas, tal como as Rainhas de Shalador, já não tinham presente esse ritual, seriam bem-vindas em Grayhaven onde ela poderia ensiná-las.

Solicitaria a Powell que a ajudasse a tornar o texto mais composto — ou encontraria alguém com jeito para a escrita. Teria de haver um ou outro forjador de palavras numa povoação daquele tamanho.

Enquanto ponderava naquele assunto, a porta abriu-se e Dryden, o mordomo, contemplou-a com uma expressão peculiar de alívio. Por um instante, Cassidy pensou que ia pegar-lhe ao colo e abraçá-la. Como ela era quase da altura dele e tinha um pouco mais de massa muscular, a intensidade do odor psíquico e da expressão fê-la mudar o peso do corpo e dar um passo atrás, embatendo em Gray.

— Senhora — cumprimentou Dryden.

Uma palavra. Gray ficou tenso, mas Cassidy sentiu a alteração em Ranon e percebeu que o Príncipe dos Senhores da Guerra de Shalador estava a alcançar a orla assassina em reacção à voz de Dryden. Estendeu a mão para trás, pousando-a no peito de Ranon, e o toque dela era como uma leve corrente e o único elemento que o estava a deter.

Os outros homens, que se tinham demorado por andarem a esticar as pernas após a viagem de Carruagem, deslocavam-se agora resolutos e os Príncipes dos Senhores da Guerra entre eles estavam todos a ascender à orla assassina. Uma vez que era o segundo-comandante de Talon, se a fúria de Ranon rebentasse aquela contenção, os outros segui-lo-iam.

Não detectara *nada* que pudesse explicar a reacção dos homens — até começar a esquadriñar a mansão e detectar odores psíquicos que reconhecia... e lhe traziam sofrimento.

— Tendes visitas, Senhora — informou Dryden. — De Dharo. Chegaram há dois dias. Eu informei a Senhora de que não vos encontráreis em casa, mas ela disse que era uma amiga e insistiu que estáveis à sua

espera. O seu Consorte, bem como os acompanhantes, confirmaram o convite.

Os olhos de Dryden transmitiam uma súplica, revelando-se apenas numa ligeira dificuldade em respirar e o que quer que estivesse a tentar dizer-lhe estava para lá da sua capacidade de compreensão.

— Cassie?

A violência que vibrava na voz de Gray despertou-a, fê-la sair do seu próprio lodaçal de descrença. Se ele, que ainda estava a aprender a viver na pele de um Príncipe dos Senhores da Guerra adulto, estava a um passo de atacar as “visitas”, Ranon devia estar a um piscar de olhos de uma chacina.

Como uma parte dela queria desviar-se e proporcionar a Ranon um alvo para aquela fúria quase descontrolada, disse bruscamente:

— Como estão cá há tanto tempo, não vou deixar as minhas visitas à espera. Senhora Shira, vem comigo, por favor. Os dois cavalheiros não se importam de me acompanhar? Os restantes podem retirar-se.

A companhia de Gray e Ranon já seria difícil sem os restantes a oprimirem a sala. Graças às Trevas que Theran ficara na Carruagem. Não precisava que *ele* assistisse àquele encontro.

Quando Dryden se afastou para os deixar entrar, sentiu o peso pleno da fúria masculina atrás dela, dando-se conta de que nem sequer uma ordem directa iria demover qualquer dos membros do Primeiro Círculo a entrarem com ela.

Entrou no grande salão e sentiu um tal aperto no coração a ponto de rezear que deixasse de bater.

A mulher que saltou de uma das cadeiras acolchoadas continuava tão bonita e elegante como sempre fora. O homem ao lado dela era tão bem-parecido quanto se recordava, mas Jhorma não devia ter um ar mais satisfeito? Afinal, estava a agradecer à mulher que cobiçara. Os outros três homens que tinham servido na sua corte anterior pareciam envergonhados.

Tal como devia ser.

— Senhora Kermilla — disse Cassidy com uma cortesia frígida.

— *Olé*, Cassidy — retribuiu Kermilla. — Isso lá são modos de cumprimentar uma amiga?

— Não somos amigas.

Kermilla pestanejou, parecendo surpreendida.

— Senhora Cassidy, é um prazer voltar a ver-vos — disse Jhorma.

— Como nunca vos agradou ver-me, uma mentira mergulhada em mel não deixa de ser uma mentira — retrucou Cassidy.

Fogo do Inferno. Quem era aquela cabra que tomara conta da sua língua?

Cassie? Cassie! O Gray quer saber porque não gostamos desta Rainha. Vae fez uma pausa. *O Ranon também quer saber.*

— Oh — arrulhou Kermilla. — É sceltita? Oh, *como* te invejo por teres um parente.

Vae rosnou e o som aumentado pela Arte ribombou pela sala.

Os homens ficaram tensos. O sorriso de Kermilla vacilou.

A ideia de trancar Kermilla num quarto com Vae por algumas horas facultou a Cassidy o lado cómico de que precisava para suavizar umas quantas arestas da fúria que sentia. Mas não bastou para recorrer à cortesia.

— Vem comigo, Kermilla. Concedo-te alguns minutos do meu tempo para poderes dizer o que vieste aqui fazer. *Em privado*. — Cassidy virou-se e olhou para Ranon de modo a certificar-se de que ele entendera a mensagem.

Não gostara do que ouvira. *Odiava* ter de deixá-la num sítio sozinha com uma desconhecida que podia ser inimiga. No entanto, fez um ligeiro aceno com a cabeça indicando que não iria interferir. De seguida, concentrou-se nos quatro homens que acompanhavam Kermilla e Cassidy entendeu o perigo. Se ocorresse *algum* problema, aqueles quatro homens pagariam. Os Príncipes dos Senhores da Guerra de Dena Nehele tinham sobrevivido às Rainhas deturpadas que ali tinham governado e também a dois anos de guerra contra os plebeus. Não hesitariam em dilacerar a corte anterior de Cassidy.

Até seria possível que atacassem de qualquer forma, caso se apercebessem de que aqueles homens *tinham pertencido* à sua corte anterior. Os Príncipes dos Senhores da Guerra eram possessivos e territoriais e ninguém estava preparado para aquela visita.

— Kermilla, acompanha-me — ordenou Cassidy com brusquidão ao virar-se encaminhando-se para a porta.

— Devo lembrar-te de que a minha categoria é superior à tua? — retrucou Kermilla.

— E eu devo lembrar-vos de que não vos dirigis à *nossa* Rainha nes-

se tom se quereis conservar a língua? — rosnou Ranon. — Se é um desafio de categorias que quereis, podeis até ser superior a ela, mas *eu* supero-vos.

Ranon disse Cassidy, colocando tanta dureza na voz quanto conseguiu.

Aqueles olhos escuros dardejavam de raiva. Não iria ceder.

Não gosto dela, por isso deixa que oiça o que tem a dizer para acabarmos com isto disse-lhe.

Não tendes de dispensar-lhe nem um minuto sequer.

Vai matá-la, pensou Cassidy, chocada pela verdade. Uma coisa era *pensar* em afastar-se e deixá-lo estraçalhar aquela gente; outra coisa bem diferente era deixar que o fizesse por outro motivo que não fosse somente por estar a sentir-se mal-humorada e transtornada.

Não disse Cassidy. *Príncipe Ranon, peço-vos que vos afasteis da orla assassina. Deixai que trate deste assunto, de uma Rainha para outra.*

Debateu-se para se afastar, debateu-se para obedecer. Por fim:

A vossa vontade é a minha vida.

Palavras de entrega, de serviço.

Tendo obtido essa cedência da parte de Ranon, Cassidy sabia que ele iria conter os outros homens. Porém, não se atreveu a olhar para Gray pois o que estava a detectar no seu odor psíquico não era nada agradável. Só lhe restava esperar que não cometesse nenhuma imprudência nos poucos minutos de que precisava para resolver o assunto com Kermilla.

Ao sair da sala, tocou de raspão em Theran, que estava pálido e parecia atordoado. Até tratar dos sarilhos que Kermilla levava para Dena Nehele, não tinha energia para pensar no que Theran ouvira ou se teria sido a sua fúria ou a de Ranon que o tinham surpreendido. De qualquer forma, ele não disse nada; ficou a vê-la conduzir Kermilla à sala de estar mais pequena que se tornara na “Sala das Senhoras”.

Theran ficou a olhar para a bela e jovem mulher que se esforçava por manter a dignidade enquanto seguia Cassidy até à Sala das Senhoras. Caracóis escuros enquadravam um rosto triangular de feições graciosas e expressivos olhos azuis.

Sentiu um ardor nas entranhas e um aperto no coração e sentiu uma certeza de cortar a respiração de que encontrara a Rainha que estava

destinado a servir. Compreendia o motivo pelo qual Archerr, Shaddo e alguns dos outros Príncipes dos Senhores da Guerra estavam tão enamorado por Cassidy. Viviam em desespero por servir uma Rainha, *qualquer* Rainha, pelo que se tinham iludido acreditando que sentiam esse ardor por Cassidy, pois não tinham tido a oportunidade de escolher entre ela e outra. Contudo, acabara de ver a Rainha que devia ter regressado com ele, que podia verdadeiramente reclamar a lealdade dos homens que formavam o Primeiro Círculo. Tivera esperança de encontrar *aquela* Rainha quando fora a Kaeleer para implorar a ajuda de Daemon Sadi. Era *ela* a Rainha que devia estar a reger Dena Nehele.

Era a resposta às suas esperanças e sonhos.

Uma amiga de Cassidy que viera visitá-la? Esperava que fosse uma visita prolongada. Uma visita para a vida inteira, se conseguisse convencer a Senhora a ficar ali.

— O que fazes aqui, Kermilla? — questionou Cassidy assim que a outra Rainha fechou a porta da sala.

— Vim ver-te — respondeu Kermilla, de olhos arregalados e inocentes — e à beira de ganharem uma expressão de dignidade ferida tão falsa como tudo o resto naquela mulher.

Cassidy perguntou-se se Jhorma já teria percebido que não havia grande substância uma vez ultrapassado tudo o que tinha relação directa com o prazer de Kermilla, bem como a sua satisfação pessoal.

Talvez não estivesse a ser justa. Afinal, uma jovem e volúvel Rainha podia amadurecer e tornar-se numa forte governante. Contudo, Cassidy não já não estava interessada em ser justa no que dizia respeito a Kermilla.

— Porquê? — perguntou Cassidy.

Kermilla fez o beicinho sensual que era seu apanágio, embora o habitual brilho “olhem como estou a ser marota” não fosse visível nos seus olhos.

— Não respondeste às minhas cartas, por isso não tive outra opção senão interromper os meus deveres e vir aqui.

— Não respondi por não ter nada para te dizer.

Kermilla bateu o pé.

— A oferenda à Rainha, Cassidy. Preciso do dinheiro que me deves por ter assumido o controlo da corte.

Não sabia que podia enfurecer-se daquela maneira, não sabia que dentro dela existia tanta raiva.

— Não te devo nada

— Deves, pois! A oferenda à Rainha...

— É uma *oferenda*, não é uma obrigação. Além disso, não assumiste a coroa de uma Rainha cessante, Kermilla. *Apossaste-te* da minha corte. A diferença é enorme e se não consegues perceber, sugiro que peças a alguém que te explique. — Alguém com botas grandes e rijas que pudessem deixar marcas onde se revelassem mais vantajosas para a rapariga. — O tesouro da povoação dispõe da mesma quantia em marcos do que quando cheguei a Bhak. Até um pouco mais, para falar verdade.

— Mas esse é o tesouro da *povoação*. Todos os cobres gastos têm de ser comunicados à Rainha de Província. Esses marcos não representam rendimento para a Rainha. Tenho despesas, Cassidy.

— Também eu tinha e não tinha mais do que tu quando comecei. Os mercadores dispõem-se a manter uma conta aberta para as despesas pessoais de uma Rainha e para as despesas da corte. Essas contas são cobradas trimestralmente e deduzidas da dízima desse mercador.

— Mas eles estão a mandar-me *contas*! — gritou Kermilla.

O que significava que a rapariga já gastara mais do que a dízima de Verão devida pelos mercadores. Quando a dízima era atingida, esperava-se que a Rainha e a corte pagassem as mercadorias como todos os habitantes da povoação.

— Então sugiro que restrinjas os gastos até à dízima das colheitas — disse Cassidy.

— Não sou como tu — retrucou Kermilla. — Sei bem o que é preciso para parecer Rainha, vestir como uma Rainha e *comportar-me* como uma Rainha. Para tudo isso é preciso *dinheiro*.

— Assim sendo, fala com o teu Administrador. Ele te dirá as receitas com que poderás contar depois de cumprires as tuas obrigações para com a Rainha de Província e para com o tesouro da povoação e depois de pagares à corte.

— É essa a tua resposta?

— É esta a minha resposta. Reges Bhak e Pele de Lã. O teu rendimento provém das dízimas desses lugares. — *Que as Trevas tenham compaixão dessa gente*. — Tenho afazeres a tratar e, apesar do que dis-

seste ao Dryden, não és uma visita bem-vinda. Disseste o que tinhas a dizer. Agora, vai-te embora. Não te quero no meu Território.

Kermilla ficou estupefacta.

Cassidy dirigiu-se à porta e levou a mão à maçaneta.

— Cassidy... espera.

Não podia esperar. Tinha o estômago em brasa e as suas entranhas estavam a ficar em papa.

— Sai do meu Território — disse rispidamente. — E leva as tuas pilas contigo.

Cassidy passou por Theran, que se mantivera no corredor, e foi ríspida com Ranon quando ele a interceptou a caminho dos seus aposentos, tentando perguntar-lhe se estava bem.

Não estava bem. Não ficaria bem até Kermilla voltar a Dharo para assim poder fechar todas as memórias penosas a sete chaves. Uma vez mais.

Kermilla enxugou os olhos com um lenço debruado a renda.

Cassidy estava tão *zangada*. *Nunca* a vira assim! E tão relutante em *ouvi-la*.

Tinha sido um erro fazer-se acompanhar por Jhorma. Julgara que levar o Guarda-Mor poderia parecer demasiado ameaçador e o Administrador tivera de ficar em Bhak para tratar de todos os pormenores *aborrecidos*. Restou Jhorma como representante do Triângulo da Rainha — os machos dominantes numa corte por conviverem directamente com a Rainha.

Quando decidira ir a Dena Nehele, julgou que ao lembrar Cassidy de que fora ela a Rainha que Jhorma escolhera para servir e deleitar fosse uma forma de intimidá-la um pouco. Pelo menos a ponto de deixar de ignorar a oferenda da Rainha que *devia* ter sido deixada como capital inicial para prover às despesas pessoais de Kermilla.

Todavia, Cassidy vira Jhorma e ficara *furiosa*. Além disso, aquele Príncipe dos Senhores da Guerra de olhos escuros era tão *assustador*! Parecia querer esgaçar-lhe a garganta com os próprios *dentes*.

Não era nada divertido ser Rainha soberana. Devia ser, mas não era. A permanência na corte de Cassidy durante a sua formação fora muito divertida. Dançara e namoriscara e conversara e participara em almoços com os — bem, não eram aristocratas, mas

eram as pessoas mais influentes que se podiam encontrar num lugar como Bhak. Obviamente que tivera de andar atrás de Cassidy para “aprender” a ser Rainha, como se ela não *soubesse* sê-lo, e tomara notas atentas acerca dos deveres que devia manter e dos deveres — os deveres *entediantes* — que iria delegar às Senhoras do seu Primeiro Círculo.

Até que descobriu que tinha de pagar a quem fizesse oficialmente parte do Primeiro Círculo, por isso limitara esse Círculo aos doze machos necessários. O que significava que teria *ela* de se encarregar dos deveres aborrecidos e, como *eram* aborrecidos, grande parte do tempo não se preocupara com essas questões. Ultimamente, parecia que o Administrador lhe entregava todos os dias uma lista de queixas. E o Guarda-Mor... Bom, parecera tão *adorável* quando começara a servi-la e fora tão querido quando ela estava a aprender com Cassidy. No presente, receava falar com ele pois mostrava um ar tão carrancudo quando a lembrava de que ela era o centro moral da povoação pelo que *não podia* permitir que os desordeiros machos jovens dos Sangue se aproveitassem dos plebeus por pura diversão. Já se tinha dado um conflito por causa de uma travessura *sem importância*, mas ele quisera chicotear publicamente esses rapazes pois um plebeu ficara ferido — e não olhara para ela com qualquer tipo de afecto depois de o ter proibido de castigar os rapazes. E aquele mercador! A choramingar por causa de uma janela partida e a exigir que fosse a família do Senhor da Guerra a pagar os danos. Bom, não podia dar essa ordem, pois não? A irmã desse Senhor da Guerra era uma das suas melhores amigas. O mercador queria deduzir o custo dos danos das dízimas e *o Administrador permitiu*. Sem lhe pedir permissão. Justificando que não havia outra forma já que ela não ia responsabilizar o Senhor da Guerra.

Não tinha uma corte com as pessoas necessárias. Era esse o problema. Devia ter pessoas a tratar desses assuntos para que ela pudesse desempenhar a função de *Rainha*.

Gastara uma parte do tesouro da povoação, atitude que não devia ter tomado e que não precisaria de ter tomado se Cassidy não fosse egoísta. Por isso, teria agora de obter a oferenda da Rainha não fosse o Administrador da Rainha de Província pedir ao seu Administrador um relatório financeiro. Teria de substituir o que tirara, caso contrário acabaria a *ter* de justificar as despesas perante a Senhora Darlena.

Pior ainda, por ter somente vinte e um anos e por ser a sua primeira corte, a Senhora Sabrina, Rainha de Dharo, concedera-lhe o governo de Bhak por um ano. Uma forma de provar o seu valor, chamara-lhe Sabrina. Caso a povoações, Bhak e a plebeia Pele de Lã, prosperassem sob o seu domínio, poderia mantê-las. Caso contrário, Sabrina declararia a corte desfeita e reatribuiria arbitrariamente os machos a outras cortes e ela teria de formar uma nova corte e encontrar outra povoação para reger pois Bhak e Pele de Lã seriam atribuídas a outra Rainha.

Era tudo *muito* angustiante.

— Estais bem?

Arquejou ao ouvir o som de uma estranha voz masculina, virando-se para o encarar enquanto enxugava os olhos de modo a parecer tão angustiada como se sentia.

Meu.

O choque da sensação abalou-a, aquela atracção, aquela *exigência* para que fosse ela a mulher a segurar-lhe a trela emocional de modo a mantê-lo equilibrado. Nunca sentira nada semelhante. *Deveria* sentir aquilo?

— Sim, obrigada, estou bem — disse. — Só um pouco desolada, nada mais. Parece que vim numa altura menos propícia e arreliei a Cassidy.

Era tão belo, de cabelo preto e olhos verdes sonhadores e aquela pele morena-dourada. Havia nele uma firmeza que bradava *guerreiro*. Para além de ser Príncipe dos Senhores da Guerra preparado para combater, aquele homem tinha *lutado*, tinha estado em campos de batalha que *importavam*.

Estava já um tudo-nada apaixonada e nem sequer sabia o nome dele.

— Quem...?

— Theran Grayhaven.

— Sou a Kermilla. — Estendeu a mão.

Levou a mão aos lábios e *beijou-a*. Beijou-a deveras, em vez de deixar os lábios quase tocarem a pele, a ponto de se sentir a respiração.

— Porque estais desolada? — perguntou.

— Bom, eu e a Cassidy tivemos uma pequena discussão e ela deu-me ordens para partir.

Ficou tenso.

— Partir?

Afinal, talvez ali tivesse encontrado um aliado. Esboçou um sorriso.

— Tal como: “Sai da minha casa”.

Um ardor estranho e arrepiante invadiu-lhe os olhos.

— A casa não é dela. Não tem direito de vos expulsar como se fosseis uma plebeia.

— Mas... ela não mora aqui?

— Esta é a casa da minha família. Ofereci o usufruto da mesma como residência da Rainha, mas continua a ser a *minha* casa, não a dela. Se a Senhora Cassidy esqueceu as boas maneiras, eu não me esqueci. Seria uma grande honra em ter-vos como *minha* convidada pelo tempo que desejardes.

— Oh, sois muito gentil, Príncipe Grayhaven. Ou será que me atrevo a tratar-vos por Theran?

O sorriso dele fê-la sentir-se maravilhosamente.

— Seria uma honra ser tratado como amigo.

Ela fez desaparecer o lenço, dando-lhe o braço.

— Nesse caso, dás-me o prazer de uma visita guiada para me contares a história deste lugar e da tua família? — Habitualmente, os homens gostavam de falar desses assuntos.

Theran estudou-lhe o rosto, embora ela não fizesse ideia daquilo que procurava — ou se teria encontrado algo.

— Queres mesmo saber? — perguntou, por fim.

Não, mas percebia que ele considerava importante.

— Sim, quero mesmo saber.

— Com muito gosto, Senhora.

Parecia que era sentido e esse pormenor era encantador.

Gray arrancava ervas daninhas com uma ferocidade controlada. Naquela altura do ano, bastavam alguns dias para que as ervas daninhas se instalassem. Tinha de estar atento. Sempre atento. Ou as ervas haveriam de ganhar terreno.

Rosnando, retorceu e atirou o ancinho com toda a força.

Ranon gritou e praguejou quando o ancinho bateu no escudo logo criado para se proteger.

— Fogo do Inferno, Gray! Qual é o teu problema? — vociferou Ranon. — Ninguém anda escudado nos terrenos da casa. Atiraste essa porcaria com tanta força que ainda se espetava em alguém.

Gray levantou-se e aguardou que Ranon chegasse mais perto.

— Se calhar é melhor que comecem todos a andar escudados, no terreno da casa ou fora dele.

Ranon parou. Fitou-o. Olhou para a mansão — e praguejou.

— Também sentiste.

— Não lhe voltaria costas — disse Gray.

— Pois. — Ranon olhou para o canteiro. — Não temos provas de que é uma cabra, tirando a forma arrogante com que se dirigiu à Cassidy. Não temos provas de que prejudicou o povo dela. No entanto, não lhe confiava ninguém que eu estimasse. Ela é... estranha. Não é deturpada nem maldosa como as Rainhas que aqui regeram antes da tempestade de feiticeira as aniquilar. Mas há qualquer coisa que não bate certo.

— A Vae diz que a Kermilla cheira mal. Não fisicamente, mas sim o odor psíquico.

— Merda.

Gray olhou para a mansão — e ficou hirto.

— O que raio está o Theran a fazer? Pensei que era para ela se ir embora.

No entanto, lá estava Kermilla, de braço dado com Theran, que tinha a lata de estar a indicar-lhe o local onde estivera a pereira morta durante tanto tempo — até Cassie ter começado a quebrar os feitiços que revelaram os tesouros escondidos em Grayhaven.

Um tesouro que incluía treze pereiras que tinham sobrevivido séculos e que cresciam agora com o intuito de darem início a novo pomar.

— Gray, pára — disse Ranon com calma. — A Cassidy está indisposta. Está muito transtornada.

— Só um tolo esperaria que ela se sentasse à mesma mesa com *aque-la* ali. — E teve a triste sensação de que era isso que Theran esperava de Cassidy — e que ficaria irritado por ela não comparecer à mesa.

— Ela vai jantar esta noite nos seus aposentos com a Shira — disse Ranon.

Gray fez um aceno com a cabeça.

— Esquece, Gray. Nós dois temos de esquecer. O que quer que Kermilla tivesse a tratar com a Cassidy, já foi despachado. Amanhã regressará ao lugar de onde veio e nós prosseguiremos com as nossas vidas.

Gray voltou a acenar com a cabeça.

— Hoje vais dormir lá dentro? — perguntou Ranon.

Hesitou. Aridez. Praga. Ervas daninhas que se infiltravam e estrangulavam as plantas boas. Era o que sentia quando olhava para Kermilla. Não se queria acercar dela, não queria ficar fechado entre paredes onde

ela poderia alcançá-lo. Os medos antigos corroíam-no, mas havia algo mais, algo diferente que o impelia com mais força.

— Será que a Cassie se importa que eu durma no sofá dos aposentos dela? — perguntou.

— Creio que ela irá entender se te sentires mais tranquilo na ala da família.

Sem mais ninguém por perto para além de Theran e a “convidada” demasiado perto para descontraír.

— Tenho medo de dormir sozinho esta noite, mas isso é só uma parte — explicou Gray.

— Qual é a outra?

Olhou para Ranon.

— Se dormir no sofá e se alguém quiser chegar à Cassie, a única forma de alguém chegar perto da Cassie é passando por mim.

Talon apoiou-se a uma árvore, outra silhueta escura na noite, e aguardou. Qual seria o membro do Primeiro Círculo que viria ao seu encontro?

Fogo do Inferno. Adormecera numa Carruagem cheia de homens esperançosos e satisfeitos e, ao acordar, encontrara a mansão Grayhaven habitada por dois acampamentos armados que mal obedeciam à autoridade para manter a paz. Ranon e Theran pareciam prestes a dilacerar as gargantas um do outro e Gray... Não sabia ao certo o que se estava a passar na cabeça de Gray, o que era preocupante — especialmente tendo em conta que Cassidy se retirara para os seus aposentos antes do jantar, alegando sentir-se indisposta.

Tudo isto se devia às visitas de Dharo.

Quando viu o homem que se dirigia a ele, ficou um pouco admirado por se tratar de Powell e não de um dos Príncipes dos Senhores da Guerra, mas, pensando melhor, percebeu que não poderia ter sido de outra forma. Seria o Administrador a dirigir-se ao Guarda-Mor de modo a discutirem como coordenar os restantes membros do Primeiro Círculo de modo a servirem a Rainha da melhor forma possível.

— Talon — cumprimentou Powell.

Um homem de meia-idade cuja mão esquerda fora partida e mal sarada pela última Rainha que servira, a índole cada vez mais firme de Powell estava a revelar-se um equilíbrio saudável para os homens mais inconstantes da corte.

— Vieste apanhar ar? — perguntou Talon.

— Avizinha-se uma borrasca.

— Pode ser que passe. — Não falavam do tempo. Talon bufou. — O que raio aconteceu? Só ouvi disparates de ambos os lados.

Powell ficou tenso.

Terreno perigoso, pensou Talon. *Duas Rainhas na mesma casa e todos os homens desconfiados ou irritadiços ou simplesmente preparados para matar.* — Põe a casta de lado por instantes e partilha comigo o que dirias caso se tratasse de uma questão de posição social.

Powell descontraiu.

— Ah. Bom. Rapariga simples. Vem de uma família simples e conta trabalhar para seu sustento. Consegue amizades por ser verdadeiramente amiga. Em eventos sociais, nunca é convidada pelos homens bonitos para nenhuma das danças românticas, a menos que seja acompanhante em formação e lhe seja exigido que dance com as raparigas que de outra forma, não teriam par. O seu coração estará, porventura, ferido por isso, mas aprendeu a aceitar a situação.

“Depois, tempos a rapariga bonita. Mimada e coberta de mimos. A queridinha do papá.

— Espera — interrompeu Talon. — A queridinha do papá podia aplicar-se a ambas. — Como conhecera o Senhor Burle, era patente que sentia um grande orgulho em Cassidy que não se devia ao facto de ser Rainha de todo um Território. Tinha orgulho da sua *menina*, que, por acaso, era Rainha.

— Tens razão — concordou Powell. — No entanto, a menina bonita está habituada a ter tudo à sua maneira, está acostumada a ser a eleita em detrimento das restantes, tem sempre o cartão de dança cheio antes de chegar aos bailes e, caso menospreze um par a favor de outro mais educado ou da aristocracia, espera ser perdoada — e que apoiem os seus actos — pois trata-se de uma queridinha da aristocracia.

“Estas duas raparigas competiram na mesma cena social.

— Quando a rapariga simples acabou por dançar com o par que a menina bonita queria, a menina bonita roubou-o simplesmente porque podia — disse Talon. — Sim, é bastante evidente que existe uma história entre Kermilla e Cassidy.

— Theran não se esforçou por ocultar a sua preferência. Cassidy disse a Kermilla para se ir embora; Theran disse-lhe que podia ficar. Foi de certeza um duro golpe no orgulho de Cassidy.

— A menina bonita voltou a ganhar — suspirou Talon. *Doces Trevas, permiti que seja assim tão simples.* — O Ranon e o Gray antipatizam profundamente com ela.

— O que tornou os restantes irritadiços e educadamente hostis para com os nossos hóspedes. — Powell fez uma pausa, acrescentando de seguida: — Tenho de dizer, os Príncipes dos Senhores da Guerra são a única casta de machos que conseguem comportar-se com educação ao mesmo tempo que deixam a ideia tácita de “quero matar-te” numa divisão. Ranon e Gray são os que estão em maior sintonia com Cassidy. Kermilla fá-la sentir-se infeliz, por isso vão antipatizar com ela, não importa o que faça.

— E o Theran? Trata-se do desejo da pila de um jovem por uma rapariga bonita ou será que o Príncipe dos Senhores da Guerra está a sentir a atracção por uma Rainha?

— Não sei — disse Powell.

— Merda. — Até conhecer Cassidy e sentir ele próprio essa atracção, nunca compreendera a corrente poderosa que podia ser essa ligação entre Rainha e Príncipe dos Senhores da Guerra. Se fosse essa a razão pela qual Theran estava a reagir daquela forma a Kermilla...

Talon coçou a nuca.

— Veio aqui com algum intuito. Independentemente do que disser, a Kermilla não veio visitar uma amiga, por isso esperava obter *alguma coisa*.

— Concordo e não creio que tenha conseguido o que veio obter. Contudo, acabou por ganhar alguma coisa quando Theran a convidou a ficar. O Primeiro Acompanhante a contrariar as ordens da Rainha para seu prazer pessoal? Podemos permitir tal atitude, Talon?

— A casa é dele. Nisso, ele tem razão. O facto de Kermilla ser Rainha poderá não significar muito.

— Significa para Cassidy.

— Sim, de facto. — Mas a rivalidade seria entre Rainhas ou mulheres? Se levasse Kermilla para a Fortaleza naquela noite, que era a atitude a tomar para acalmar a sua Rainha, Theran culparia Cassidy pela partida de Kermilla e a tensão entre ambos poderia tomar proporções de animosidade que prejudicariam gravemente a corte. Caso não existisse mais do que atracção física entre Theran e Kermilla, era possível que se extinguísse passados alguns dias e o facto de ter alargado a brecha já existente na corte não teria servido para nada.

— Que vamos fazer? — perguntou Powell.

— Aguardamos — e observamos — respondeu Talon. *Com a esperança de não estar a magoar demasiado Cassidy ao permitir que Theran assumira a liderança nesta questão, concedendo-lhe tempo para conhecer a rapariga.*

CAPÍTULO 9

Terreille

Cassidy subiu devagar até aos seus aposentos. Doía-lhe a cabeça e tinha azia. Não era uma combinação invulgar nos dias mais recentes. Bastava ouvir: “*Olé*” para que a dor se instalasse.

Shira tinha um tónico para acalmar o estômago e remédios para aliviarem a dor de cabeça. Contudo, não podia procurar a Curandeira. Pelo menos, para já. Da primeira vez, Shira desempenhara os seus deveres sem qualquer comentário. Na segunda noite em que isso acontecera, aqueles olhos escuros transmitiram-lhe o aviso acutilante de que Shira era Viúva Negra, bem como Curandeira, e envenenar uma “visita” era algo simples de realizar.

Tinha de escrever o relatório ao Príncipe Sadi, embora não soubesse o que dizer. Não sabia o que se *atreveria* a relatar.

Uma vez mais, estava a acontecer. Falhara. Novamente.

Kermilla brilhava. Deslumbrava. Tal como da última vez. Lisonjeava e namoriscava, usava um vestido diferente todas as noites que fazia os olhos dos homens quase sair das órbitas e deixava entender que se encontrava nas listas dos convidados principais das casas aristocráticas mais influentes de Dharo.

O que podia ser verdade ou mentira, embora não houvesse forma de questionar Kermilla sem parecer rude.

Talvez não devesse surpreender-se, mas fora um choque quando Theran subira aos seus aposentos naquele primeiro dia para a informar de que Kermilla era *sua* convidada, tal como *Cassidy* também era, e que ele esperava que ela agisse conforme a idade que tinha ao invés de se comportar como uma adolescente a amuar.

Aquela afirmação oriunda de um homem cujas calças ganhavam

volume sempre que se encontrava na mesma divisão do que Kermilla poderia ser engraçada de uma forma sombria e dolorosa se o resto da corte não tivesse começado a comportar-se da mesma forma que a sua corte anterior. Olhavam para Kermilla e depois para ela como se estivessem a avaliá-la e a procurar defeitos. Ver Cassidy e Kermilla na mesma sala... era a diferença entre um burro de carga/cavalo de parelha e um cavalo puro-sangue, dissera Jhorma numa ocasião em que acompanhara Cassidy e Kermilla a uma festa. Dissera-o num tom de voz que deveria ser interpretado como brincadeira, mas todos os presentes tinham entendido o que queria dizer. Decerto todos tinham ficado a saber que ele ficava ressentido por montar o cavalo de parelha quando desejava o puro-sangue.

Todos, exceptuando Cassidy.

Mesmo quando fazia aquelas afirmações — justificando-as de seguida — não entendera que o entusiasmo dele na cama estava relacionado com o seu próprio alívio e nada tinha a ver com o empenho em cuidar da sua Rainha.

Estaria a gostar de tomar conta de Kermilla?

Não podia pensar em tal. Tentou ignorar a outra Rainha ao máximo, passando o tempo no jardim com Gray e elaborando as mensagens a enviar às Rainhas sobreviventes de Dena Nehele com a ajuda de Powell.

Pelo menos algo vantajoso adviera da visita de Kermilla: Theran estava demasiado absorto para prestar atenção ao facto de que Cassidy estava a contactar as outras Rainhas de Dena Nehele.

Ranon olhava para o canteiro especial que Gray criara para Cassidy — as plantas eram parecidas às que existiam em Dharo embora fossem originárias de Dena Nehele. Gray chamava-lhe terreno comum.

Tornara-se habitual ir até aquele local todas as noites desde que Theran fizera à Senhora Kermilla um convite sem limite de duração para permanecer em Grayhaven. Shira andava a comportar-se de forma peculiar, deixando-o enervado. Amava a mulher com todo o seu ser, embora não se esquecesse de que dormia com uma Viúva Negra, e de que os motivos para que essa casta de feiticeiras fosse temida eram bem reais.

— Bem me parecia que te haveria de encontrar aqui — disse Talon.

Virou-se ligeiramente para a origem da voz, mas ficou calado por um minuto.

— Está algo a exaurir o coração de Cassidy.

— Oh, creio que já todos compreendemos o que é esse algo/do que se trata — disse Talon. Não parou, levantando o queixo para indicar o barracão em pedra que servia de arrumação, onde Gray vivera por temer entrar na mansão.

De coração aos saltos, Ranon olhou de relance para a mansão antes de se dirigir às traseiras do barracão. O que quereria dizer-lhe o Guarda-Mor que não podia ser dito lá dentro?

— O que...? — começou.

Talon levantou a mão esquerda. Os dois dedos que faltavam lembravam que a vida daquele homem não fora pêra doce — mesmo depois de se tornar demónio-morto.

Decorrido um minuto, Archerr, Spere e Shaddo surgiram atrás do barracão. Passado mais um minuto, Bardric e Cayle juntaram-se ao grupo.

— O Burne, o Haele e o Radley estão a marcar presença esta noite na saleta — disse Talon. — Archerr, transmitirás as instruções e Burne e a Haele. Cayle, encarrega-te de pôr Radley ao corrente.

Sou teu segundo-comandante disse Ranon, usando um fio masculino estanque/limitado e dirigindo as palavras somente a Talon.

Sei bem o que és retorquiu Talon com brusquidão. *Estás incumbido de manter Gray e a Viúva Negra controlados. E a ti próprio.*

Merda.

Pedes pouco.

Se não tens tomates para tanto, é melhor dizeres-me agora.

Ressentido pela bofetada verbal, Ranon não respondeu.

— Então e o Powell? — perguntou Archerr.

— Eu informo o Administrador — disse Talon.

O que disse o Powell? Perguntou Ranon, perguntando-se se mais alguém teria reparado na breve hesitação da resposta de Talon.

Depois falamos. — A nossa Rainha está consternada devido às visitas. Temos de descobrir o motivo.

— De onde é que a Kermilla conhece a Senhora Cassidy? — perguntou Spere.

— Não estou a ver nada em comum entre ambas, para além da casta — disse Shaddo.

— Faz-me lembrar um necrófago a debicar os ossos — expressou Bardric.

Shaddo concordou.

— E os ossos são Dena Nehele. Já vimos cabras como ela.

— É divertida/interessante — disse Cayle. — E é falsa. Vê-se nos seus olhos. O que quer ela daqui?

Archerr resfolegou.

— Controlar todos nós? Que mais poderia ser?

— E se ela tivesse esse controlo? — questionou Talon.

Ranon sentiu gelo a percorrer-lhe o corpo, mas um olhar firme de Talon impediu-o de falar.

Os outros homens mexeram os pés e pareceram sentir-se incomodados. Por fim, Spere disse:

— Aqueles acompanhantes não são guerreiros. Têm algum treino — tal como qualquer acompanhante — mas são Senhor da Guerra, não são Príncipe dos Senhores da Guerra.

Shaddo anuiu.

— Dominem-nos depressa e bem. Alguém forte que venha por trás dos outros e que seja capaz de dominar a feiticeira — que lhe rebente o coração e o cérebro com um golpe de poder que lhe quebrará as Jóias e concluirá a morte.

Ranon engoliu em seco. Julgou ser o único com aqueles pensamentos. Pelos visto, não era.

Talon acenou com a cabeça, como se lhe tivessem dito o que já esperava.

— Ainda não. É Rainha de outro Território. De outro Reino. Cometemos o erro de não indagar as ligações sociais ao poder obscuro quando Cassidy aqui chegou. A Kermilla está sempre a insinuar que tem amigos poderosos, por isso, não voltemos a cometer o mesmo erro. Cayle, Bardric, vocês os dois são os que menos hipóteses têm de ser tomados como ameaça, por isso quero que passem tempo com os Senhores da Guerra que vieram com Kermilla. Descubram tudo o que conseguirem acerca da sua corte e das ligações a Cassidy. Não são amigos, por isso, vamos descobrir o que são exactamente.

— Podíamos forçar as barreiras interiores do Senhor da Guerra de Jóia mais clara e descobrir tudo o que queremos saber — disse Archerr serenamente.

— Para sermos iguais àqueles contra quem lutámos todos estes

anos? — Talon abanou a cabeça. — Não se faz isso a ninguém, a menos que seja inimigo, e ainda não sabemos se estes homens são nossos inimigos.

— Sabemos que a presença deles está a transtornar Cassidy — disse Ranon.

— Sim, isso sabemos — concordou Talon.

Ranon ouviu o remorso/arrependimento — e quiçá um pouco de culpa? — na voz de Talon.

— Quando descobrimos mais informações, decidiremos o que fazer quanto ao assunto — Talon prosseguiu. — É tudo. Tudo o que descobrirem, tragam-me a mim e ao Ranon.

— Não falamos de nada disto ao Theran? — perguntou Spere.

Mesmo na escuridão, Ranon vislumbrou a tristeza nos olhos de Talon.

— Não falamos de nada disto ao Theran — confirmou Talon. — Espero que seja somente o desejo que o está a agir estupidamente, mas se ele sente a mesma atracção por Kermilla como nós sentimos por Cassidy, não podemos confiar que ele defenda a Rainha que prometeu servir.

Um a um, os homens envolveram-se em escudos de visão e esgueiraram-se até restarem unicamente Ranon e Talon.

— Powell — disse Ranon em voz baixa. — Ele disse alguma coisa. É por isso que estás a dar estas ordens. — Aguardou. — Que disse ele?

— Ele disse: “Isto começa a parecer o outro tempo, não é verdade?” Que as Trevas tenham misericórdia de nós, Ranon, julgo que tem razão.

Talon foi-se embora.

Ranon encostou-se ao barracão, sentindo-se nauseado.

Não iria chegar a tanto. *Não iria*. Pelo menos enquanto Cassidy regressasse Dena Nehele.

Theran estava sentado na saleta, mais feliz do que nunca.

Kermilla era maravilhosa, era tudo o que sonhara que uma Rainha devia ser. O som da sua voz saciava uma sede intensa dentro dele e havia um ponto no pescoço dela que exalava um odor que o excitava e, ao mesmo tempo, o acalmava.

Fora cautelosa e não dissera sem rodeios, mas deixara claro que, sendo oriunda de uma família da aristocracia, a formação que aguçara as suas capacidades como Rainha fora muito mais exaustivo do que a

formação de Cassidy — o tipo de formação dado a alguém cujo destino é tornar-se Rainha de Território.

Maldito Ranon por andar a fomentar agitação a ponto de os restantes homens demonstrarem cautela quanto a conhecê-la melhor. No entanto, haveriam de perceber.

Mais tarde ou mais cedo haveriam de reconhecer o tesouro que surgira em Grayhaven.

CAPÍTULO 10

Terreille

Precisava de sair dali. Tinha as mãos trémulas, estava com azia e o jantar não passava de um fedor na sanita. Não podia voltar a fazê-lo, não era capaz de voltar a assistir a tudo.

Não suportava sofrer tanto outra vez.

Vai. Corre. Sai deste lugar.

Pois desta vez poderia perder alguém que estimava verdadeiramente e isso estava a destroçar-lhe o coração.

Desta vez, a traição poderia realmente matá-la.

Ranon estava à porta dos aposentos de Cassidy, tentando controlar a raiva simplesmente porque *tinha* de o fazer. Não havia mais ninguém. As farpas verbais de Theran tinham-se tornado cruéis a ponto de fazer com que Cassidy saísse da saleta em lágrimas, por isso Talon estava bastante ocupado a controlar Gray e a certificar-se de que os dois primos não se avistavam antes de voltar o sangue-frio. Powell saíra da saleta e fechara-se no seu gabinete. Ninguém sabia ao certo o que andava o homem a fazer ali dentro, mas todos esperavam que o pior que estivesse a fazer fosse a apanhar uma grande bebedeira. E Theran...

Será que o canalha não via que Cassidy não se sentia bem na companhia de Kermilla? Contudo, insistia para que Cassidy “cumprisse o seu dever” e não deixasse a outra Rainha sem companhia — especialmente tendo em conta que Cassidy era Rainha de categoria inferior.

Maldito fosse Grayhaven nas entranhas do Inferno por espetar a faca verbal sempre que surgia a oportunidade. Kermilla era bonita; Cassidy não era. Kermilla era cheia de vivacidade — o tipo de Rainha que

atraía os Sangue; Cassidy estava ali pois não lhes tinham dado hipótese de escolha. Cassidy usava a Jóia Rosa; Kermilla usava a Azul-Celeste, o que a tornava dominante.

Dominante, o tanas. Obviamente que lhe dava um pouco mais de poder uma vez que a Azul-Celeste era uma categoria abaixo da Rosa, mas era só isso que lhe dava. A cabra era boa a manipular pessoas e a apresentar-se de um modo que a favorecia. Pelo menos, o pequeno drama daquela noite tinha-lhes facultado algumas respostas. Os quatro homens que acompanhavam Kermilla tinham todos servido na corte de Cassidy — e tinham abandonado uma verdadeira Rainha para servirem outra coberta de brilhos e lantejoulas.

Jhorma fora Consorte de Cassidy. Tinham concordado que não iriam mencionar *essa* informação a Gray. Fogo do Inferno! O que tinha Cassidy na cabeça? A mulher não devia estar assim *tão* desesperada por um amante a ponto de se contentar com *aquela*.

Estás aqui para te certificares de que ela está bem. Não podes fazê-lo do outro lado da porta.

Bateu à porta. Ninguém respondeu. Bateu ainda com mais força, certo de que ela estaria nos seus aposentos.

— Cassidy? — girou a maçaneta. A porta não estava trancada, por isso entrou — apanhando-a a recuar, como se tivesse corrido para trancar a porta, sem conseguir chegar a tempo.

O seu rosto estava desprovido de cor, tirando as sardas que sobressaíam num gelo leitoso e as sombras escuras sob os olhos. Ficou parada, petrificada, por isso, Ranon olhou em redor — e viu os baús. As tampas estavam abertas e os baús estavam cheios com as roupas e os pertences de Cassidy.

— O que se passa, Cassidy? — perguntou, colocando uma tranca Opala na porta ao fechá-la.

— Não posso ficar aqui — murmurou. — Lamento. Tenho de ir.

— Para onde?

Olhou para ele sem responder.

O Príncipe dos Senhores da Guerra pensou nos últimos dias e no que soubera naquela noite. O anterior Primeiro Círculo de Cassidy dissolvera a corte de modo a poder servir outra Rainha. Agora, essa mesma Rainha viera a Dena Nehele e estava a sentir-se muito à-vontade na residência da Rainha — e Cassidy estava a ceder sob o martelo das palavras de Theran e a preferência flagrante por Kermilla.

Cassidy... a fugir.

Agarrou-a pelos braços e somente os anos de treino permitiram que mantivesse a ferocidade controlada.

— Ides deixar-nos? Porquê?

— Não posso ficar aqui! — lamentou-se Cassidy.

Abanou-a e berrou:

— *Porquê?*

— O Theran não quer que fique. Quer que a Kermilla como Rainha.

— E interessa para alguma coisa aquilo que o Theran quer? — gritou Ranon. — Esquecei-o! Então e nós, Cassie? Os outros onze homens que vos são leais e desejam servir-vos? Também nos ides abandonar? Ides abandonar o Gray? Ides afastar-vos de um povo que começa agora a sentir a esperança renovada de que uma Rainha irá reger com justeza? Ides abandonar-nos a todos só porque um homem quer saltar para a espinha de uma cabra qualquer?

Cassidy olhou-o espantada e, por fim, sussurrou:

— Estais a magoar-me.

Afrouxou a força com que a agarrava, convicto de que os braços dela ficariam com nódoas negras no dia seguinte, mas não a largou.

Caíam lágrimas pelo rosto de Cassidy, pelo seu rosto claro.

— Ranon, não consigo ver a Kermilla a conquistar outra corte. Além de que será o meu fim quando o Gray começar a apaixonar-se por ela.

Que mulher idiota. Não via que Gray *abominava* Kermilla?

Olhou para ela, olhou de veras, e percebeu que ela não conseguia ver nada naquele momento — nem o amor de Gray, nem a lealdade de Ranon. Nada.

Soltou-a um pouco mais e forçou-se a falar com docilidade.

— Cassie, confiais em mim? Como amigo, confiais em mim?

Ela hesitou, até que anuiu com um aceno de cabeça.

— Sendo assim, ouvi-me. Ouvi-me, por favor. Imploro-vos que não abandones Dena Nehele.

— Não posso ficar.

Se ela chegasse a Dharo, jamais a teriam de volta. Fogo do Inferno, se fosse à *Fortaleza* no estado em que estava, Sadi e Yaslana jamais permitiriam que regressasse mesmo que ela assim o desejasse.

Foi então que se lembrou da última frase de Lucivar ao Primeiro Círculo antes de regressar a Kaeleer: “A Rainha está sempre em primeiro lugar. Se tomarem conta dela, tudo o resto acabará por fazer sentido.”

Cassidy só conseguia pensar em ir-se embora, por isso tomaria conta da sua Rainha e ajudá-la-ia a sair — e faria o seu melhor para também tomar conta de Dena Nehele.

— Tudo bem — disse ele. — Eu entendo. Tendes de vos afastar desta gente. Entendo. Mas não precisais de vos afastar muito. Vou levar-vos de volta a Eyota, de volta à hospedaria. Não vos importastes de lá ficar hospedada, pois não? Já tendes as malas feitas, por isso iremos esta noite. Agora mesmo. Sairemos à socapa. Mais ninguém precisa saber até vos sentirdes preparada para que saibam.

— Eu não...

— Sois a Rainha, Cassie. A *nossa* Rainha e a residência da Rainha é onde quer que a ela escolha viver. Se não quereis permanecer aqui, não tendes de o fazer.

— O Gray vai ficar preocupado se eu me for embora sem dizer nada — disse Cassidy.

— Eu vou transmitir à Shira as informações suficientes para que possa tranquilizá-lo. Depois regressarei e falarei com ele logo que estejais instalada na hospedaria. Prometo.

— Não sei.

— Estais transtornada e tendes motivos para isso. — Ranon inspirou fundo e expirou devagar. Não conseguia forçá-la a ficar, mas estava certo de que, se conseguisse levá-la para Eyota, conseguiria tempo suficiente para a convencer de que certas pessoas não se importavam se a mulher tinha uma carinha larocas ou não quando o que estava por trás desse rosto era especial. — Vinde comigo. Podereis descansar e respirar livremente até estardes preparada para tomar uma decisão. Por favor.

Invocou um lenço e assoou-se.

— Devo deixar um bilhete? É conveniente informar o Administrador e o Guarda-Mor.

Parecia tão perdida, tão magoada.

Ranon sabia que era conveniente. Além disso, como segundo-comandante do Guarda-Mor, deveria pelo menos informar Talon. Contudo, se envolvesse mais alguém da corte naquele momento, provavelmente esse alguém tentaria convencer Cassidy a permanecer — e da próxima vez que decidisse fugir, não se demoraria a fazer malas e a escrever bilhetes. Só saberiam quando Yaslana pousasse à porta deles, exigindo respostas.

— Não — disse ele. — Ninguém tem de saber onde ides ficar. Por enquanto.

Não a convencera, mas não sabia que mais dizer. Mas conseguiu pensar na atitude seguinte.

Mediante a Arte, fechou as tampas dos baús — e fê-las desaparecer.

Cassidy olhou para o chão vazio.

— Levastes os meus baús.

— Levei. — Pôu um sorriso nos lábios quase equivalia a dobrar pedra, mas conseguiu. Ou quase. — Devolvê-los-ei quando chegarmos à hospedaria.

Ela estudou-o.

— O que foi? — perguntou Ranon.

Voltou a assoar-se, fazendo o lenço desaparecer de seguida.

— Por um instante, parecíeis o Lucivar.

Decidiu tomar aquela frase como um elogio.

— Vamos sair daqui.

— Falareis com o Gray?

— Sim. Espero que não fiquéis aborrecida se ele decidir juntar-se a vós.

— Julgais que o faria?

Oh, Cassidy. Estás assim tão magoada que não te consegues lembrar que ele te ama? — Sim, minha querida. Tenho a certeza.

Ranon e Cassidy esgueiraram-se da mansão, envolvidos por um escudo de visão Opala com o intuito de reduzir o número de pessoas capazes de detectá-los. Confiou nela, indicando-lhe que fosse até ao portão enquanto ele se dirigia à cavalaria para ir buscar um cavalo — rogando às Trevas que ela não avançasse até à teia de desembarque, apanhasse o Vento Rosa e fugisse para a Fortaleza. Seguiram os dois montados no cavalo até à estação de Carruagens e aí alugaram uma pequena Carruagem, dando ao motorista que devia acompanhá-los uma gorjeta generosa para que tomasse conta do cavalo — e não fizesse perguntas.

Viajaram pelos Ventos Opala, mudando das linhas radiais para as linhas de orientação sempre que se justificava, e acabaram por chegar à teia de desembarque na extremidade norte da terra natal de Ranon.

Ao longo de todo o percurso, Cassidy não proferiu uma única palavra.

Avô chamou Ranon assim que saiu com a Carruagem da Teia Opala e deslizou por cima da teia de desembarque. Conseguia conduzir uma Carruagem pequena pelos Ventos, mas o recurso à Arte e ao poder para a manter estável enquanto deslizava acima da estrada era uma habilidade que ainda não testara. *Avô!*

Ranon? Yairen parecia desorientado. Logo, a voz no fio psíquico ganhou intensidade. *Ranon?*

Preciso de ajuda. Conseguia imaginar o avô a levantar-se e a rodar as pernas para as pousar no chão ao lado da cama. Ao fim e ao cabo, só quem não estivesse no seu perfeito juízo e não fosse demónio-morto é que estaria acordado àquela hora. *Trouxe a Cassidy comigo. Tivemos alguns problemas.*

Está ferida?

A preocupação genuína na voz de Yairen informou Ranon de que fizera a escolha certa.

O corpo não, mas o coração está magoado.

Foi o Gray?

Não. É... complicado. Ela ia abandonar-nos, Avô. Em vez disso, consegui convencê-la a vir para aqui.

Aqui, onde?

Para a hospedaria.

Mais devagar, meu neto. Dá tempo para que este velhote se prepare. Vou ter contigo à hospedaria. O Janos também vai.

Obrigado.

Yairen quebrou a ligação. Ranon conseguiu diminuir a velocidade da Carruagem até avançar lentamente — esperando que Cassidy não lhe perguntasse o que motivava aqueles balanços repentinos na Carruagem.

Quando pousou a Carruagem na rua em frente da hospedaria, viam-se candeeiros acesos nas janelas de vários quartos e as portas e janelas estavam abertas para deixar entrar o ar fresco da noite.

— Chegámos — disse ele, estendendo a mão.

Ela deu-lhe a mão, continuando calada, e seguiu-o para fora da Carruagem e para dentro da hospedaria.

O avô dele aguardava-os na sala de estar principal.

— A Rosa voltou para nós — disse Yairen, sorrindo. — Aflige-me saber que sofreis, mas aqui estais entre amigos. — Gesticulou, indicando duas cadeiras e uma mesa. — Vinde sentar-vos com um velhote.

Ela sentou-se, parecendo tão vazia que Ranon cogitou se teria trazido para Eyota mais do que uma casca.

Yairen agitou a mão por cima da mesa. Surgiram duas canecas e uma garrafa. Recorrendo à Arte, Yairen serviu o líquido escuro e fumegante contido na garrafa.

— É uma bebida especial — disse Yairen. — Normalmente, faço-a quando os homens fortes precisam de falar de assuntos que lhe destroçam o coração, mas esta noite julgo que é o vosso coração que precisa desta bebida.

— Não creio que consiga falar — murmurou Cassidy.

Yairen sorriu afavelmente.

— Até o silêncio tem voz. Bebei. Talvez faleis. Talvez não. Quiçá seja só eu a falar, contando-vos mais acerca da música do meu povo, quem sabe até vos dê a primeira aula de tambor.

Cassidy bebericou a infusão especial do avô de Ranon, feita de uísque condimentado e café. Bebeu mais um pouco.

— Gostaria de ouvir mais sobre a vossa música.

— Ora ainda bem. — Yairen olhou para Ranon. — Ainda aqui estás, arruaceiro?

— Arruaceiro? — perguntou Cassidy.

— Bah. — Yairen acenou uma mão com delicadeza em frente do rosto. — As histórias que vos podia contar daquele rapaz. Vá, vai-te embora — acrescentou, apontando para Ranon. — Deixa-nos conversar sem a tua presença enfadonha.

Cassidy resfolegou, bebendo um outro gole demorado da infusão.

Vai tratar dos teus assuntos, meu neto disse Yairen. *A Rosa ficará a salvo entre nós.*

Não lhe contes muitas histórias. Olhou para Cassidy. — Voltarei logo que possa.

— Prometestes devolver-me os baús quando aqui chegássemos — disse Cassidy.

— Oh. Prometi, não foi? — Desta vez, o sorriso não era forçado. Invocou os baús, pousando-os na extremidade oposta da sala de estar.

— Estais a ver? — disse Yairen, rindo. — Arruaceiro.

Uma hora antes do nascer do sol, grande parte do Primeiro Círculo reuniu-se numa sala de reuniões.

Ranon calculou que tivesse de enfrentar raiva. Calculou que tivesse de enfrentar muita fúria.

Deparou-se com algo muito pior.

Os olhos de Gray transpareciam um vazio arrepiante e Ranon não conseguia afastar a convicção de que sob aquele vazio havia uma violência que até os Sangue considerariam chocante. Os olhos de Shira continham uma fúria latente e Ranon desejou, com todas as suas forças, que não fosse ele o alvo.

Tocou levemente na primeira das barreiras interiores da Viúva Negra — e o que sentiu não foi de todo reconfortante.

A minha lealdade é para com a Rainha, acima de tudo, lembras-te? disse-lhe.

Ela não reagiu, embora Ranon sentisse nela um ligeiro abatimento da tensão. Não a culpava por estar zangada. Dissera-lhe apenas que ele e Cassidy iam deixar a mansão e que ela deveria informar Gray de modo a que ele não fosse procurá-la, alarmando o Primeiro Círculo. Obviamente que Shira e Gray partiram do princípio que Cassidy estaria com ele quando regressasse.

Os outros homens pareciam ligeiramente irritados por serem convocados tão cedo. À excepção de Powell, que estava sentado e imóvel, de olhos fixos nas mãos — em especial para a mão esquerda, partida por uma Rainha por se preocupar mais com as pessoas que careciam de comida e roupa do que com a bolsa da Rainha.

Foi então que Talon entrou na sala, colocando escudos Azuis-Safira em redor da divisão, bem como uma tranca na porta.

— Muito bem, Ranon — disse Talon. — Foste muito concreto sobre quem querias que estivesse nesta reunião — e quem não querias presente. Estamos aqui. Agora, fala.

Ouviu fúria controlada — não por muito mais tempo. Bastava dizer a palavra errada. Talon estava acima de todos eles, possuía séculos de experiência de combate e tinha-os trancado todos numa sala com o predador mais poderoso de Dena Nehele.

Trancara-o *a ele* com o predador mais poderoso.

— Levei Cassidy para Eyota, para a hospedaria — informou Ranon. Gray rosou, dando um passo na sua direcção.

Powell levantou a cabeça e mirou-o.

Não queria virar costas a Talon, mas Gray representava a ameaça mais instável, por isso enfrentou o Príncipe dos Senhores da Guerra que fora seu amigo — e que podia agora ser encarado como inimigo.

— Ela ia deixar-nos, Gray — disse sem delongas, querendo que ouvissem o que tinha a dizer, que soubessem o que o levava a tomar aquela decisão antes que a fúria de alguém rebentasse o controlo. — Ela ia deixar-nos a todos. Quando fui aos seus aposentos verificar como estava, tinha as malas feitas. Ia regressar a Dharo.

— Ela não partiria sem me dizer — disse Gray com uma serenidade exagerada ao mesmo tempo que dava mais um passo para Ranon. — Não partiria sem mim.

— Tive de a tirar daqui, de escondê-la de modo a sentir-se em segurança. Prometi regressar para te dizer, e assim o fiz, Gray. Assim que a deixei instalada na hospedaria, regressei. Para falar convosco. Com todos vós.

— Devias ter falado connosco primeiro — resmoneou Talon.

— Talvez devesse tê-lo feito. — Ranon virou-se para Talon, mantendo-se atento a Gray. — Mas ela estava decidida a deixar esta casa. Fiz aquilo que a Rainha precisava, ao invés do que a corte exigia. — *Doces Trevas, deixai que Talon entenda a diferença.*

— Ela está doente — disse Shira com uma voz estranhamente cavernosa. — Tentou esconder, mas o sofrimento é tão grande que parece um veneno. Ela sabia que eu conseguiria perceber. Por isso deixou de vir pedir a minha ajuda. Não queria que ninguém percebesse o seu sofrimento.

— Como Administrador, tenho de censurar o Príncipe Ranon por não ter informado o Guarda-Mor de que ia levar a Rainha para longe da protecção do seu séquito — disse Powell com calma. — No entanto, tenho de aplaudir a rapidez com que agiu pelo bem da Rainha — e pelo bem da corte. Estou aqui a pensar se, independentemente da razão que provocou esta situação, não poderá vir a revelar-se algo positivo.

Viraram-se todos para Powell.

— Como assim? — perguntou Talon.

Powell puxou o lóbulo de uma orelha.

— Desde o dia que formou a corte, Cassidy tem sido travada pela resistência de Theran a todas as tentativas que ela tem feito para ser Rainha do nosso povo. Trouxe-a para aqui, por isso submetemo-nos a ele, deixando que ditasse o que podia e o que não podia fazer. Quanto a mim, gostaria de ver o que Cassidy consegue fazer como nossa Rainha sem essas restrições.

Também gostaria de ver, pensou Ranon.

— Pois bem — prosseguiu Powell. — Vamos mudar a residência da Rainha para a hospedaria? Se for esse o caso, alguns quartos precisam de obras.

— É disso que estamos a falar? — Archerr olhou para Ranon. — Da mudança definitiva para uma reserva de Shalador?

— Não sei — respondeu Ranon, sentindo a necessidade de avançar com cautela. — Queria apenas afastá-la de Kermilla e daqueles sacanas de Dharo para que a Cassidy pudesse repousar sem ter que ver aquela cabra sempre que se virava.

— Porque não expulsámos a Senhora Kermilla de Dena Nehele? — questionou Shaddo.

— Ou porque não a enterrámos? — disse Spere.

— Porque é uma Rainha de Kaeleer e convidada nesta casa — explicou Talon. — Apesar do sofrimento que a sua presença provoca a Cassidy, a Kermilla não fez nada que justificasse uma execução.

— Contudo, a Kermilla *esteve* envolvida nalguma cosia que magoou a Cassidy quando vivia em Dharo — disse Powell. — Algum acontecimento que a fez sentir-se inferior à Rainha que é.

— O chicote que impele Cassie — disse Gray em voz baixa.

— Gray? — chamou Ranon também em voz baixa. O vazio desapareceu dos olhos de Gray, sendo substituído por uma raiva inflexível.

— Quando fui à Fortaleza falar com o Senhor Supremo, ele disse que o chicote que impele Cassie ganhou forma antes de chegar a Dena Nehele — e deixou marcas. Foi por isso que se exauriu tanto e se magoou: tentava provar que conseguia ser uma boa Rainha.

— Creio que já todos imaginamos de quem era a mão que segurava esse chicote — disse Talon cuja voz ribombou como gravilha gelada.

— Mais uma razão para manter a Senhora Cassidy afastada desta casa enquanto a hóspede de Theran estiver por cá — disse Shira.

Talon olhou para Powell, que acenou com a cabeça.

— Muito bem — disse Talon. — Vamos para Eyota e vamos partindo do princípio de que não regressaremos a Grayhaven, fiquemos ou não nessa povoação. Temos de nos despachar.

— Sim — concordou Powell. — Será melhor partirmos antes que o Theran se dê conta que a Cassidy não está cá. Além disso, seria melhor não deixarmos para trás nenhum dos registos da corte.

Um grande compasso silencioso.

— O que queres dizer? — perguntou Ranon.

— Quero dizer que, para uma Rainha que gere uma pequena povoação noutro Reino e que supostamente é convidada, a Senhora Kermilla anda a fazer perguntas inapropriadas acerca das dízimas que uma Rainha pode esperar num sítio destes. — Powell olhou para Talon, cuja boca se tornou numa linha severa.

Atentando nos dois homens, Ranon magicou naquilo que o Administrador estaria a transmitir ao Guarda-Mor além daquelas palavras.

— Vamos agir tal como se necessitássemos de sair de um acampamento para outro à pressa — disse Talon. — Primeiro, peguem no vosso equipamento pessoal. Certifiquem-se de que levam aquilo de que não querem prescindir. Isto aplica-se a todos. Bardric, Cayle e Radley, ficam encarregues de nos arranjar cavalos e o material para os montar. Aparelhem-nos e levem-nos até ao portão. Coloquem escudos auditivos em redor das patas para que não se oiçam os cascos.

— Certo — disse Cayle, olhando para Bardric e Radley, que concordaram.

— Archerr. Spere. Ajudem a Shira a guardar todos os mantimentos de Curandeira. — Talon olhou para a Curandeira. — Não podemos levar nada que pertença a esta casa, somente o que adquiriste para a corte.

— Entendido — disse Shira, levantando-se.

— Shaddo...

— As pereiras — disse Gray, interrompendo o que Talon ia ordenar. — Não vamos deixar as pereiras com *ela*.

— Não podemos levá-las todas, Gray — disse Ranon.

Um olhar contundente foi a única reacção de Gray.

— Shaddo, dá uma ajuda a Gray — disse Talon. — A pereira que estava no vaso de desejos fica cá. Gray, se te sentes melhor levando as outras doze, então leva-as. Ranon, assim que tratares do teu equipamento, vai dar uma ajuda ao Powell com os documentos da corte.

— Sim, senhor — respondeu Ranon.

— Burne. Heale. Auxiliem quem precisar. E fiquem de vigia. Não temos motivos para crer que os hóspedes estejam acordados tão cedo, mas quero que estejam todos a caminho antes de eu informar Theran.

— Vais dizer-lhe? — perguntou Powell.

— É o Primeiro Acompanhante de Cassidy — respondeu Talon. — Tem de saber onde está a residir a sua Rainha. Além disso, o Príncipe Grayhaven tem de entender umas quantas coisas.

Todos perceberam a ameaça subjacente às palavras.

— Toca a andar — ordenou Talon.

— Dá-me um momento do teu tempo, Talon — pediu Powell, levantando-se.

— Falamos enquanto comes a guardar as coisas.

Os homens levantaram-se e saíram da sala, guerreiros levantando o acampamento.

Ranon aguardou, pretendendo falar com Shira, mas ela olhou para Gray, que ainda ficara por ali, e abanou a cabeça.

Guarda os meus pertences com os teus disse ela.

Há alguma coisa privada em que não deva mexer? perguntou Ranon.

Como os produtos de higiene pessoal?

Achou piada que um guerreiro que não pestanejava ao contemplar a carnificina de um campo de batalha ficasse assustado junto de produtos limpos para o período da lua. Ele não achou graça nenhuma.

Fez uma careta.

Estou a falar dos produtos da ampulheta.

Não respondeu, já sem pitada de graça. *O que é privado, anda sempre comigo.*

Ranon fez um aceno com a cabeça enquanto ela saía da sala, ficando sozinho com Gray.

— Ela ia-se mesmo embora? — perguntou Gray, com o olhar pleno de desorientação magoada. — Sem mim?

— Ela está baralhada, Gray. — Não conseguia pensar noutra forma de o dizer, por isso disse sem rodeios: — Julgou que te ias apaixonar pela Kermilla.

Gray arregalou os olhos.

— Porque haveria de pensar isso? O que é que fiz?

Ranon abanou a cabeça.

— Como o Theran tem andado a fazer uma tremenda figura de urso, julgo que ela calculou que todos nós também nos sentíssemos atraídos pela Kermilla.

Gray estremeceu de horror. Ranon partilhou o sentimento.

— Anda — disse Ranon. — Temos de fazer as malas e sair daqui.

— Ranon? — Gray passou o peso do corpo de um pé para o outro de modo nervoso e arrastado.

— O que foi?

— Não a convocaste para esta reunião, por isso qual de nós vai contar à Vae?

— Em que estás a pensar, Powell? — perguntou Talon assim que se encontraram sozinhos no gabinete do Administrador.

— Tens conhecimento de que o Theran tem andado com a Kermilla pela vila, a apresentá-la às famílias da aristocracia e... — Powell pigarreou e começou repentinamente a empilhar livros-mestre em pilhas arrumadas antes de os fazer desaparecer.

— E...? — Talon instou. Vendo que Powell não respondia, sentiu a raiva ferver por baixo de uma relutância em entender. — *Apresentou-a* como sendo a Rainha?

— Não directamente — disse Powell. — Creio que a apresentou como uma Rainha de Dharo e não corrigiu aqueles que tiraram as ilações erradas.

— Que tipo de jogo anda ele a fazer? — *Que tipo de jogo permiti que ele fizesse?* O sofrimento de Cassidy — e o facto de ser tão profundo que estivera disposta a fugir — era tanto culpa sua como de Theran.

Powell suspirou. Invocando algumas folhas, entregou-as a Talon.

— A Kermilla queria fazer umas compras. O Theran solicitou a alguns mercadores que abrissem contas em nome dela uma vez que não trouxera marcos suficientes para fazer face a despesas adicionais. Foi o que ela disse.

— O que significa que o Theran vai acabar por pagar essas contas recorrendo ao tesouro que a Lia escondeu para a família.

— Não, o Theran informou os mercadores que todas as despesas da Kermilla seriam deduzidas da dízima que a povoação deve à Rainha.

— *O quê?*

— A Kermilla gastou mais num dia do que a Cassidy gastou nas semanas que cá esteve. — Powell fez uma pausa. — Os mercadores queriam confirmação de que podiam deduzir as compras da Kermilla nas dízimas. Disse-lhes que os informaria assim que tivesse oportunidade de discutir o assunto com a Rainha. Os mercadores que permaneceram em Grayhaven estão bem cientes dos perigos que o convívio com uma Rainha acarreta. Como não lhes dei confirmação imediata, adverti-os para que fossem prudentes quanto a transacções subsequentes.

Talon andou de um lado para o outro do gabinete por vários mi-

nutos enquanto Powell guardava os mapas que andara a reunir para Cassidy.

— Cederemos a povoação de Grayhaven — disse Talon. — O Theran pode ficar com metade da dízima para usar como bem lhe aprouver. A outra metade destina-se ao tesouro, para pagamento dos salários dos guardas e para manutenção da vila. Vou esclarecer o assunto com a Cassidy, solicitando-lhe que aceite a minha decisão e que abdique dessa parte.

— Em troca de quê? — perguntou Powell.

Talon abanou a cabeça. Em troca de nada. Pelo menos, nada que estivesse disposto a discutir com Powell.

Sentiu um toque respeitoso na primeira das suas barreiras interiores.

— O Ranon já está a descer. O rapaz fez as malas num ápice.

— Quer sair daqui. — Powell massajou a mão esquerda. — Também eu. Talon suspirou.

— Criei o Theran, eduquei-o o melhor que pude. Tentei seguir os Costumes Antigos, mesmo quando os sentia escapulirem-se a cada geração. Lutei para o manter a salvo. Matei para o manter a salvo. Não fazes ideia da dor que sinto ao vê-lo entregar-se a Kermilla. Não consigo precisar se o facto de toda a sua vida o ter protegido das Rainhas deturpadas não o deixa ver o tipo de mulher que a Kermilla é, ou se presente que algo não está bem, mas defende-a por não conseguir admitir que possa estar errado acerca dela. Não consigo decidir — mas hoje pergunto-me se terão sido em vão as vidas de tantos homens que se perderam na defesa da linhagem Grayhaven.

Abanou a cabeça e ergueu a mão, indicando que não pretendia uma resposta.

Pouco depois, Ranon entrou no gabinete — e Talon saiu.